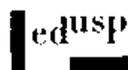


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor* João Grandino Rodas  
*Vice-reitor* Franco Maria Lajolo



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Diretor-presidente* Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

*Presidente* José Mindlin  
*Vice-presidente* Carlos Alberto Barbosa Dantas  
Adolpho José Melfi  
Benjamin Abdala Júnior  
Maria Arminda do Nascimento Arruda  
Nélio Marco Vincenzo Bizzo  
Ricardo Toledo Silva

*Diretora Editorial* Silvana Biral  
*Editoras-assistentes* Marilena Vizentin  
Carla Fernanda Fontana

Mikhail Bulgákov

UM CORAÇÃO DE CACHORRO  
E OUTRAS NOVELAS

Homero Freitas de Andrade

*Seleção, Tradução do Russo e Notas*  
*Apontamentos sobre a Prosa Satírica de Mikhail Bulgákov*

# UM CORAÇÃO DE CACHORRO

---

## *História de Terror*

### I

U-u-u-u-u-uh, hu-huhu-uh, uh! Ui, olhem, olhem para mim, estou morrendo! Neste vão de portão, a nevasca celebra minha extrema-unção, e eu uivo junto com ela. Estou perdido, perdido! Aquele coiό de barrete sujo, o cozinheiro do refeitόrio de alimentaçaό regular dos funcionários do Soviete Central da Economia Popular, jogou água fervendo em mim e escaldou meu flanco esquerdo. Que safado, e proletário ainda por cima! Deus do céu, como dói! A água quente me pelou até os ossos. Por isso agora eu uivo, uivo, uivo, mas de que adianta uivar?

Eu estava atrapalhando o sujeito? Em quê? Por acaso vou arruinar o Soviete da Economia Popular se me refestelo no lixo? Sujeito mais pão-duro. Qualquer hora vocês irão dar com aquela cara: é mais larga do que ele. Um gatuno com o focinho cor de cobre. Ah, esses homens, esses homens!

O barrete serviu-me a água fervendo ao meio-dia, e agora escureceu, são aproximadamente quatro horas da tarde, a julgar pelo cheiro de cebola que vem do corpo de bombeiros da Pretchístenka. Como sabem, janta de bombeiro é mingau. Mas é a pior coisa, que nem cogumelos. Por falar nisso, os cachorros conhecidos da Pretchístenka andavam espalhando que iriam comer no restaurante “Bar” da Neglínnaia o prato do dia, cogumelos com molho picante, por três rublos e setenta e cinco copeques a porção. Isso é coisa para *gourmets*: dá no mesmo lamber uma galocha... Uh, uh, uh, uh, uh!...

A dor no flanco é insuportável e vejo com absoluta clareza o que me reserva o destino: amanhã surgirão as feridas e, pergunto, com que vou curá-las? No verão dá para ir vadiar no Sokólnik<sup>1</sup>; lá tem uma erva especial muito boa e, além disso, você encontra de graça pontas de salame, papéis engordurados que os cidadãos jogam e você lambe. Não fosse um filho da mãe ou outro que tira as calças no mato e se põe a cantar “Celeste Aída”<sup>2</sup> ao luar até dar nó nas tripas da gente, não seria nada mau. Mas agora, no inverno, ir para onde? Já levaram pontapés? Eu já. E tijolada nas costelas? Cansei de levar. Passei por todas, estou conformado com meu destino e agora choro não só por causa da dor física e do frio, mas porque meu espírito também está se apagando. Está se apagando o espírito de um cachorro!

Aí está o meu corpo, estropiado, arreventado! Os homens acabaram com ele. E o mais grave é que a água quente foi me corroendo por baixo do pelo, de modo que estou com o flanco esquerdo em carne viva, sem proteção nenhuma. Posso perfeitamente pegar uma pneumonia, cidadãos, e depois morrer de fome. Com pneumonia, serei obrigado a ficar de resguardo no vão de escada de uma entrada qualquer, e quem é que, no lugar de um cão celibatário como eu, irá percorrer as latas de lixo atrás de comida? O pulmão afetado, terei que me arrastar sobre a barriga, sem forças, e um operário especializado qualquer me dará pauladas até que morra. E os zeladores com distintivos vão me pegar pelas pernas e me jogar numa carroça...

De todos os proletários, os zeladores são a escória mais infame! O rebotalho da humanidade, a mais reles categoria. Mas também pode aparecer um cozinheiro diferente. O finado Vlas da Pretchístenka, por exemplo. De quantos ele não salvou a vida! Porque o mais importante durante a doença é ter com que matar a fome. Daí que, fosse no tempo de Vlas, contam os cães mais velhos do lugar, ele viria agitando um osso com um dedo de carne grudada. Que Deus o tenha por ter sido uma pessoa fora do comum, cozinheiro-chefe dos condes Tolstói, e não do Soviete da alimentação regular. O que eles aprontam ali é inconcebível para a inteligência de um cachorro! Os canalhas fazem o *schi*<sup>3</sup> com um charque fedorento, e os funcionários, pobres coitados, sem saber de nada. Vêm correndo, devoram e ainda lambem os pratos.

1. Parque na periferia de Moscou.
2. Ária da ópera *Aida*, de G. Verdi.
3. Prato popular russo: sopa de repolho.

Uma datilógrafa do nono escalão recebe quatro notas de dez e uma de cinco, bom, é verdade que o amante lhe dá de presente as meias de seda. E ela tem que aguentar cada uma por causa dessas meias! É que ele não se contenta com os modos triviais, de jeito nenhum, ele a obriga a praticar o amor à francesa. Não passam de crápulas esses franceses, cá entre nós. Eles podem se encharcar de vinho tinto, que isso não muda nada... Então, aonde é que vai a datilógrafa? Pois com quarenta e cinco rublos ir correndo ao “Bar”, a datilógrafa não irá. Não dá nem para o cinema, que para uma mulher é o único consolo na vida.

Estremece, faz caretas, mas come. Imagine só: quarenta copeques os dois pratos, sendo que juntos ambos não valem nem quinze, e os outros vinte e cinco são embolsados pelo chefe da administração. Será que ela precisa de uma comida assim? Está com a parte superior do pulmão direito afetada e uma doença feminina de origem francesa, foi dispensada do serviço, deram-lhe para comer uma porcaria qualquer no refeitório, lá vem ela, lá vem ela! Vem correndo para a porta de entrada com as meias que ganhou do amante. Os pés frios, a pele nua arrepiada na barriga por causa da malha de lã esgarçada, está usando calcinhas que parecem de renda de modo que não esquentam nada. Molambos para o amante. Ela que experimente vestir calças de flanela. Ele começará a gritaria: “Como você é desleixada! Já chega a minha Matriona com suas calças de flanela, comi o pão que o diabo amassou, mas chegou a minha hora. Agora sou um presidente, e tudo o que eu roubo, tudo, é para um corpo de mulher, para uns lagostins, um *Abrau-Diurso*<sup>4</sup>. Porque já passei fome o suficiente na juventude, pra mim basta! Desta vida nada se leva”.

Que pena eu tenho dela, que pena. Mas tenho muito mais de mim mesmo. Não é por egoísmo que estou falando, oh não, é que realmente vivemos em condições diferentes. Ela pelo menos deve ter um lugar quentinho, mas e eu, e eu? Para onde irei? Arrebentado, queimado, enxotado, para onde é que irei? Uh, uh, uh, uh...

– Tss, tss, tss! Bolinha<sup>5</sup>, ei Bolinha? Que choradeira é esta, benzinho? Hein? Quem te machucou? Ui...

A bruxa da nevasca seca fez bater estrondosamente o portão e assentou

4. Marca de champanhe ou conhaque de origem francesa, introduzida na Rússia após a invasão napoleônica (1812).

5. *Chárik*, em russo (tradução literal).

uma vassourada na orelha da moça. Levantou-lhe a saia até os joelhos, pondo à mostra as meias creme e uma tira estreita de anágua rendada mal lavada, sufocou-lhe as palavras e numa varrida cobriu o cão.

– Deus do céu!... Que tempo... Ui... Que dor de barriga. Foi o charque, esse charque! Quando é que tudo isso vai acabar?

Cabeça baixa, a moça lançou-se ao ataque, disparou portão afora e, na rua, foi sendo rodopiada, fustigada, desbaratada, até ser engolida por um redemoinho de neve e desaparecer.

O cachorro permaneceu na entrada e, sofrendo as dores do flanco mutilado, apertou-se contra a parede fria e dura, prendeu a respiração e tomou a firme decisão de não ir mais a lugar nenhum, de esticar as canelas por ali mesmo. O desespero tomou conta dele. Tanta amargura e dor, tanta solidão e medo ele sentia na alma, que minúsculas lágrimas caninas escorriam dos olhos como bolhas e secavam imediatamente. No flanco machucado sobressaíam tufos embaraçados e gelados, e ao redor deles as sinistras chagas vermelhas da queimadura. Como esses cozinheiros são doidos, estúpidos, cruéis. “Bolinha” – ela o tinha chamado! Que Bolinha que nada! Bolinha quer dizer redondo, rechonchudo, bonachão, criado a mingau de aveia, filho de pais felizes, mas ele é desgrenhado, magricela e estropiado, um vira-lata ressequido, um cão sem teto... Ainda assim, agradeceu à moça pela gentileza da palavra...

Do outro lado da rua, a porta de uma loja feericamente iluminada bateu e na soleira surgiu um cidadão. Isso mesmo, um cidadão, não um *továrisch*<sup>6</sup>, e para ser mais exato, um cavalheiro. Mais de perto fica óbvio: trata-se de um cavalheiro. Pensam que julgo pelo sobretudo? Bobagem. Agora existem sobretudos aos montes e até os proletários usam. Verdade que as golas não são iguais, nem é preciso dizer, mas de longe chegam a confundir. É pelos olhos: de perto ou de longe não há como se enganar. Ah, os olhos são importantes. Uma espécie de barômetro. Fica tudo exposto: quem traz na alma uma aridez imensa, quem é capaz de meter o bico da bota nas costelas alheias sem mais essa e nem aquela, e mesmo quem tem medo de quem. É aí justamente que se apresenta a deliciosa oportunidade de morder o tornozelo do pior pelego. Está com medo: tome lá. Se tem medo, é porque merece... Grrr... au, au...

6. “Camarada”: forma de tratamento entre os bolcheviques, que após a guerra civil (1918-1921) estendeu-se ao resto da população.

Com ar decidido, o cavalheiro atravessou a rua em plena tempestade e aproximou-se da entrada. Sim, sim, neste senhor tudo é transparente. Não é de comer charque podre e, se em algum lugar lhe for servido, armará um escândalo daqueles, escreverá aos jornais: eu, Filipp Filíppovitch, fui envenenado!

Vem vindo, mais perto, mais perto. Este aí come com fartura e não rouba, não é pessoa de ficar distribuindo pontapés, mas também não tem medo de ninguém, e não tem por isso, por estar sempre de barriga cheia. É um senhor dedicado ao trabalho intelectual, com sua barbicha pontiaguda bem cuidada e bigodes grisalhos, fartos e imponentes como os de um cavalheiro francês, porém o cheiro que a nevasca traz dele é ruim, de hospital. E de charuto.

Pergunta-se: que duende afinal o trouxe à cooperativa do Tsentrokhov<sup>7</sup>? Já está pertinho... Veio à procura do quê?... uh, uh, uh, uh... Que é que ele podia comprar nesta vendinha mixuruca? Será que não lhe bastam os magazines do Okhótni *riad*<sup>8</sup>? O quê? Sa-la-me! Cavalheiro, se o senhor visse do que é feita esta mercadoria, não teria chegado nem perto da loja. Dê pra mim.

O cão reuniu suas últimas forças e, tresloucado, arrastou-se da entrada para a calçada. A nevasca disparou a fuzilaria bem em cima de sua cabeça, agitando as letras enormes da faixa “É possível o rejuvenescimento?”

– Claro que é! Um cheiro me rejuvenesceu, reanimou minha barriga, apertando o bucho vazio há dois dias, um cheiro que suplantou o de hospital, o cheiro paradisíaco de picadinho de cavalo com alho e pimenta. Sinto, sei, que no bolso direito deste casaco forrado de pele tem um salame. Ele vai tropeçar em mim. Oh, meu senhor! Olhe para mim, estou morrendo! Nossa alma é servil, infame o nosso fardo!

Desfeito em lágrimas, o cão arrastou-se sobre a barriga feito uma cobra.

– Chamo sua atenção para o trabalho do cozinheiro. Mas claro que o senhor não dará nenhuma. Oh, eu conheço muito bem os ricos! Mas, falando sério, para que precisa dele? Para que o senhor precisa dessa carne estragada? Em parte alguma lhe serviriam um veneno desses a não ser

7. Sigla soviética de Cooperativa Central.

8. Rua antiga do centro de Moscou (depois avenida Marx), famosa antes da Revolução por seu mercado.

no Mosselprom<sup>9</sup>. Mas o senhor hoje tomou o seu café da manhã, o senhor, que é uma figura de projeção mundial, graças às suas glândulas sexuais masculinas. Uh, uh, uh, uh.

O que está acontecendo com este mundo de Deus? Claro que ainda é cedo para morrer, e o desespero é um pecado mortal. Nada mais me resta senão lamber-lhe as mãos.

O cavalheiro misterioso inclinou-se para o cão, soltou faíscas pelos aros de ouro e puxou do bolso direito um embrulho comprido e branco. Sem tirar as luvas marrons, arrancou o papel que a tempestade imediatamente carregou, e partiu um pedaço de salame do tipo Cracóvia especial. E foi para o cão esse pedaço! Oh, criatura generosa. Uh, uh, uh!

– Fiu, fiu – assobiou o cavalheiro e acrescentou com voz severa: – Tome! Bolinha, Bolinha!

– Bolinha de novo. O apelido pegou! Pode chamar como quiser. Depois de seu gesto tão excepcional...

Num relance, o cão arrancou a casca, cravou soluçando os dentes no Cracóvia e deu cabo dele em dois tempos. Nisso, engasgou-se até às lágrimas com salame e neve, porque, naquela sofreguidão toda, por pouco não engolira o barbante. Mais, mais! Lambo suas mãos. Beijo-lhe a barra das calças, meu benfeitor!

– Agora chega... – O cavalheiro falava de modo entrecortado como se estivesse dando uma ordem. Inclinou-se para o cão, fitou-o nos olhos com olho clínico e passou inesperadamente a mão enluvada na barriga de Bolinha com intimidade e carinho.

– A-ha, é macho – disse com ar significativo –, sem coleira, ótimo, é de você mesmo que eu preciso. Siga-me – estalou os dedos. – Fiu, fiu!

– Seguir o senhor? Mas até o fim do mundo. Pode me dar um pontapé no focinho com sua galocha de feltro que eu não darei um ai!

Os lampiões iluminavam a Pretchístenka de ponta a ponta. A dor no flanco era insuportável, mas por momentos Bolinha esquecia-se dela, absorto num único pensamento: não perder de vista na correria o prodígio de casaco de pele e demonstrar-lhe seu amor e fidelidade. E o demonstrou umas sete vezes na extensão da Pretchístenka até a travessa Óbukhov.

9. MPPO: associação moscovita das fábricas que industrializavam produtos agrícolas durante o período soviético.

Beijou-lhe a galocha na travessa Miórtvi<sup>10</sup> e, abrindo caminho com um latido selvagem, deu tamanho susto numa senhora, que esta sentou-se num frade-de-pedra. Daí uivou mais duas vezes para manter acesa a compaixão que havia suscitado.

Um gato de rua miserável, um falso siberiano, surgiu de uma goteira e, a despeito da nevasca, farejou o Cracóvia. Bolinha quase desmaiou só de pensar que o excêntrico ricaço, que recolhia cães feridos nos portões, pudesse levar consigo aquele gatuno também, e que tivessem que dividir o produto do Mosselprom. Por isso arreganhou os dentes para o gato de tal modo, que, com um chiado semelhante ao chiado de um esguicho furado, o bichano trepou num cano que dava para o segundo andar. Frr... uau... chispa! Não haverá estoque do Mosselprom que chegue, se tiver que alimentar todos os molambentos que andam pela Pretchístenka!

O cavalheiro apreciou a fidelidade e, na frente do corpo de bombeiros, perto de uma janelinha de onde vinha o rosnar agradável de uma trompa, recompensou o cão com um segundo pedaço, menor, de uns vinte gramas.

– Ora, é um excêntrico mesmo. Está querendo me atrair. Não se preocupe, não vou fugir para lugar nenhum. Hei de seguir o senhor aonde quer que vá.

– Fiu, fiu, fiu! Por aqui!

– Na Óbukhov? Será um prazer. Essa travessa é muito conhecida entre nós.

– Fiu, fiu!

– Por aí? Com praz... Ah, não! Sinto muito. Aí não. Tem porteiro. E não existe coisa pior no mundo. É mil vezes mais perigoso que um zelador. É uma raça abominável. Mais do que a dos gatos. Um esfolador engalanado.

– Venha, não tenha medo.

– Desejo-lhe uma boa tarde, Filipp Filíppovitch.

– Boa tarde, Fiódor.

– Puxa, que figurão! Meu Deus, nas mãos de quem fostes depositar minha sorte de cachorro! Que pessoa é esta que, nas barbas do porteiro, tem o poder de introduzir cães da rua num condomínio residencial? Vejam só o patife do porteiro: nem um pio, nem se mexeu. É verdade que seus olhos se tornaram sombrios, mas de modo geral ele permaneceu indiferente

10. Travessa dos Mortos.

sob o quepe com galões dourados. Como se nada fosse. Que consideração, senhores, que respeito! Pois bem, eu vim com ele e dele não largo. O quê, se tocou é? Foda-se. Devia ter mordido esse pé calejado de proletário. Em nome de todas as afrontas daqueles iguais a você. Quantas vezes não levei vassourada no focinho, hein?

– Venha, venha.

– Já entendi, já entendi, não precisa se preocupar. Para onde quer que o senhor vá, lá estarei eu. O senhor só mostre o caminho, que não ficarei para trás, apesar do estrago no meu flanco.

Da escada para baixo:

– Alguma correspondência para mim, Fiódor?

De baixo para a escada, com toda a deferência:

– Nenhuma, Filipp Filíppovitch – e a meia-voz, num tom confidencial:  
– Uns camaradas acabaram de se instalar no apartamento três.

O ilustre benfeitor de cães virou-se bruscamente no degrau e, debruçando no corrimão, perguntou horrorizado:

– É mesmo?

Seus olhos se arregalaram e os bigodes ficaram eriçados.

Embaixo, o zelador levantou a cabeça, ajeitou a palma da mão em torno da boca e confirmou:

– É isso mesmo. Quatro ao todo.

– Meu Deus! Imagino o que vai acontecer no apartamento agora. Pois bem, e o que eles têm a dizer?

– Nada, senhor!

– E Fiódor Pávlovitch?

– Saiu atrás de biombos e de tijolo. Vão instalar os tabiques.

– Que pouca vergonha!

– Vão ocupar todos os apartamentos, Filipp Filíppovitch, menos o do senhor. Teve uma reunião agora, decidiram formar uma nova diretoria. A antiga foi para o bebeléu.

– Vem coisa por aí! Ai, iai, iai. Fiu, fiu...

– É pra já, é pra já. O flanco, como o senhor pode ver, está doendo. Permita-me dar uma lambida na sua botina.

Os galões do zelador desapareceram lá embaixo. No patamar de mármore pairava o calor do aquecimento, viraram mais uma vez e chegaram ao andar.

## II

Inútil aprender a ler quando o motivo é carne, pois ela cheira a léguas. No entanto, se vocês moram em Moscou e têm nem que seja uma nesguinha de cérebro na cabeça, querendo ou não, acabam alfabetizados e sem precisar de escola. Dos sessenta mil cães de Moscou, talvez não exista um, a não ser algum perfeito idiota, que não saiba juntar as letras da palavra “salame”.

Bolinha começou a aprender pelas cores. Mal acabara de completar quatro meses, foram penduradas por toda Moscou faixas verdes e azuis com a inscrição “MSPO. Revenda de carnes”. Como já dissemos, tudo isso é inútil porque carne tem cheiro. E uma vez deu confusão: ao deixar-se guiar por um azulado berrante, Bolinha, cujo olfato fora afetado pela fumaça de um motor a gasolina, ao invés de ir parar num açougue, foi dar na loja de materiais elétricos dos Irmãos Golub, na rua Miasnítskaia<sup>11</sup>. Ali na loja, o cão acabou experimentando fio elétrico, e era mais letal que chicote de cocheiro. Esse momento memorável deve ser considerado o início do aprendizado de Bolinha. Já na calçada, Bolinha começou a compreender ali mesmo que “azul” nem sempre significa “açougue” e, aos uivos, o rabo apertado entre as pernas por causa da dor cruciante, lembrou que, em todos os açougues, a primeira figura dourada ou vermelha da esquerda parece um par de pernas abertas com uma trave nos joelhos – o A.

Dali em diante foi mais fácil. O x ele aprendeu na Central de Peixe, na esquina da Mokhóvaia, e, mais tarde já, o P (achara mais prudente largar correndo do resto da palavra “peixe”, uma vez que na frente do começo da palavra havia um policial plantado).

Os ladrilhos quadrados de que são revestidas as paredes de esquina em Moscou significam sempre e inevitavelmente “Q-u-e-i-j-o-s”. Uma torneira escura de samovar de onde saía a designação do antigo proprietário Tchítchkin, as pilhas de queijo holandês vermelho, balconistas ferozes que odeiam cachorros, serragem no chão e o terrivelmente malcheiroso queijo Bakshtein.

Se estavam tocando acordeão – o que não é mais animador que a “Celeste Aida” – e o cheiro era de salsichas, as primeiras letras nos cartazes brancos juntavam-se como por encanto na palavra “proib...”, que

11. Rua dos Açougueiros, literalmente.

significava “proibido falar palavrões e dar gorjetas”. Ali, estouravam brigas em que as pessoas às vezes acabavam trocando murros na cara – o que na verdade acontecia muito raramente –, mas para os cães nunca faltavam pontapés e pancadas de guardanapo no focinho.

Se nas vitrines havia presuntos pendurados e tangerinas amontoadas... mer... mer... cearia. Se eram garrafas escuras cheias de um líquido ruim... Ve-i-vi-nhe-os-vinhos... outrora Irmãos Elisséiev...

O cavalheiro desconhecido, que trouxera o cachorro até a porta de seu luxuoso apartamento no primeiro andar, tocou a campainha. Foi quando Bolinha bateu os olhos numa placa grande e preta com letras douradas, que estava afixada ao lado da porta larga, de vidros rosados esmerilhados. As três primeiras letras ele juntou rápido: “Pe-erre-o-Pro”. Mas em seguida vinha um troço em forma de forca dupla cujo significado era desconhecido.

“Será proletário?” – pensou Bolinha surpreendido... – “Isso não pode ser.” Ele ergueu o focinho, tornou a cheirar o casaco de pele e, convencido, tirou a conclusão: “Não, aqui não tem cheiro de proletário. É palavra de sabido, e sabe lá Deus o que significa”.

Por trás dos vidros acendeu-se uma luz inesperada e radiante que ressaltava ainda mais a placa preta. Sem o menor ruído, a porta abriu-se e uma mulher jovem e bonita, de aventalzinho branco e touca rendada, surgiu diante do cão e do cavalheiro. O primeiro deles foi bafejado por um calor divino, e a saia da mulher recendia a flor-de-maio.

“Puxa! Isto sim”, pensou o cachorro.

– Tenha a bondade, senhor Bolinha – convidou com ironia o cavalheiro e Bolinha assentiu com veneração, abanando o rabo.

Grande quantidade de objetos atravancava o luxuoso vestibulo. Ali, um espelho que ia até o chão refletiu imediatamente um segundo Bolinha surrado e estropiado, os terríveis chifres de um veado lá nas alturas, muitas peles e galochas e uma tulipa de opala com uma lâmpada elétrica no teto.

– Onde é que o senhor foi arranjar esse aí, Filipp Filíppovitch? – perguntou a mulher enquanto o ajudava a tirar o pesado sobretudo de pele de raposa prateada, que soltava faíscas azuladas. – Meu Deus, quanta sarna!

– Não diga asneira. Onde é que ele tem sarna? – perguntou o cavalheiro com voz severa e entrecortada.

Retirado o sobretudo, ele apareceu num terno preto de lã inglesa e com uma corrente de ouro reluzindo discretamente na barriga.

– Espere um pouco, não se mexa, fiu... não se mexa, bobinho. Hm... isto não é sarna... quieto, diabo... hm... Que nada! É uma queimadura. Quem foi o crápula que lhe fez isso? Hein? Quer ficar quieto!

“O maldito do cozinheiro, um cozinheiro!” – disse o cachorro com os olhos queixosos e uivou de leve.

– Zina<sup>12</sup> – ordenou o cavalheiro –, leve-o imediatamente à sala de exames, e me dê um avental.

A mulher assobiou, estalou os dedos, e o cão, que hesitara um pouco, foi atrás dela. Juntos eles seguiram por um corredor estreito, mal iluminado, passaram uma porta envernizada, chegaram ao fim, depois viraram à esquerda e foram dar num recinto escuro, impregnado de um cheiro sinistro que desagradou imediatamente ao cão. A escuridão estalou e transformou-se em dia ofuscante, esparramando luz, brilho e claridade por tudo.

“Ei, não... – uivou mentalmente o cão –, sinto muito, não me entregarei! Estou entendendo, o diabo que os carregue e mais o salame! Fui atraído para uma clínica veterinária. Agora vão querer me encharcar de óleo de rícino e retalhar todo meu flanco com seus canivetes, mas não vão me relar um dedo!

– Ei, não, onde vai?! – pôs-se a gritar aquela que fora chamada de Zina.

O cão esquivou-se, armou o bote e, repentinamente, investiu contra a porta com o flanco direito com tanta força que ressoou pelo apartamento inteiro. Em seguida, deu um pulo para trás, rodopiou no lugar feito pião e acabou virando um balde branco de onde se espalharam chuvaços de algodão.

Durante o rodopio, as paredes, os armários abarrotados de instrumentos brilhantes bailavam ao seu redor, o avental branco e o rosto desfigurado da mulher começaram a saltitar.

– Onde vai, diabo peludo?! – gritou Zina desesperada. – Olha que maldito!

“Onde fica a escada de serviço?...”, pensou o cão. Tomou impulso, encolheu-se todo e lançou-se contra um vidro na esperança de que fosse outra porta. Uma nuvem de estilhaços espirrou com estrondo e estardalhaço, um vasilhame com uma porcaria avermelhada dentro virou, inundando todo o piso e começou a exalar mau cheiro. A porta verdadeira se abriu.

12. Diminutivo de Zinaída.

– Quietos! cachorro – gritou o cavalheiro, saltitando de avental, do qual só vestira uma das mangas, agarrando o cão pelas pernas. – Zina, segure esse patife pelo cangote.

– De...us meu! Que cachorro!

A porta escancarou-se mais e irrompeu outra personagem de avental, do sexo masculino. Pisando nos cacos de vidro, ele se precipitou não para o cão mas para um armário, abriu-o e todo o ambiente impregnou-se de um odor adocicado e enjoativo. Em seguida, abateu-se sobre o cão, e este, pego de surpresa, deu-lhe uma mordida na altura dos cordões da botina. O outro deixou escapar um gemido, mas não se deu por vencido. A droga nauseante cortou bruscamente a respiração do cachorro, e tudo em sua cabeça começou a rodar, depois as pernas afrouxaram e ele partiu à deriva. “Obrigado, é o fim – pensava em sonhos, escarrapachando-se nos cacos pontudos. – Adeus, Moscou! Não mais verei Tchítchkin, os proletários, o salame Cracóvia. Irei para o paraíso, graças à minha longanimidade canina. Irmãos, esfoladores, o que aprontaram comigo?”

É nisso ele tombou definitivamente de lado e espichou as canelas.

Quando ressuscitou, sentia a cabeça girar suavemente e um leve enjôo de estômago, o flanco, então, nem dava sinal, era como se não existisse. O cão entreabriu um olho sonolento, o direito, e com o rabo dele viu que estava com os flancos e a barriga bem enfaixados. “Apesar de tudo mexeram em mim, os filhos da puta” – pensou ele confusamente – “mas com habilidade, justiça lhes seja feita.”

– “De Sevilha a Granada... na penumbra suave das noites”<sup>13</sup> – pôs-se a cantar perto dele uma voz distraída e desafinada.

O cão estranhou, arregalou ambos os olhos e avistou a dois passos dali uma perna de homem num escabelo branco. A calça e a ceroula estavam arregaçadas, e a perna despida, amarela, tinha manchas de sangue ressecado e iodo.

“Por todos os Santos! – pensou o cão. – Foi a mordida que dei nele. É obra minha. Significa que lá vem pancadaria!”

13. Trecho de uma ária da ópera *Aida*, que a personagem cantará durante durante toda a novela.

– “Ecoam serenatas, o som de espadas!” Você aí, seu viralata, por que mordeu o doutor? Hein? Por que foi quebrar o vidro? Hein?...

– Uh, uh, uh – pôs-se a ganir lamuriosamente o cão.

– Está bem, chega. Já voltou a si, agora repouse, cretino.

– Como conseguiu atrair um cachorro tão nervoso assim, Filipp Filíppovitch? – perguntou uma agradável voz masculina, enquanto a ceroula de malha era novamente esticada. Um aroma de tabaco espalhou-se pelo ar e, num armário, os frascos começaram a tilintar.

– Com carinho! Do único jeito que se pode tratar um ser vivo. Com o terror nunca se obtém nada do animal, qualquer que seja seu grau de evolução. Isso eu já afirmei, afirmo e afirmarei. É inútil pensar que o terror ajuda. Não, não ajuda mesmo, seja qual for: branco, vermelho ou até marrom! O terror paralisa completamente o sistema nervoso. Zina! Comprei um salame Cracóvia de um rublo e quarenta copeques para este velhaco. Faça o favor de alimentá-lo quando o enjôo tiver passado.

Os cacos de vidro começaram a estalar sob a vassoura, e uma voz de mulher observou toda faceira:

– Cra-cóvia! Meu Deus, bastava ter-lhe comprado um vintém de retalhos no açougue. O salame Cracóvia, é melhor que eu mesma coma.

– Que coma o quê! Nem tente! Trata-se de um veneno para o estômago humano. Moça crescida e pondo porcaria na boca feito criança. Não se atreva! Estou avisando: nem eu, nem o doutor Bormental vamos cuidar de sua dor de barriga. “Quem dirá que pode haver... Outra igual a você...”

Nesse ínterim, toques breves e suaves de campainha ressoavam por todo apartamento e, ao longe, ouviam-se volta e meia vozes vindas da entrada. O telefone tocou. Zina desapareceu.

Filipp Filíppovitch jogou a ponta do cigarro num balde, abotoou o avental, alisou os bastos bigodes diante de um espelho de parede e chamou o cão.

– Fiu, fiu. Venha, não é nada, pode vir. Hora de consulta.

O cachorro ergueu-se nas pernas bambas, cambaleou e tremeu, porém endireitou-se prontamente e seguiu atrás das abas esvoaçantes de Filipp Filíppovitch. Novamente o cão atravessou o corredor, mas notou que dessa vez estava fortemente iluminado por um globo de vidro no alto. Quando a porta envernizada foi aberta, ele entrou com Filipp Filíppovitch num gabinete cuja decoração deixou o cão deslumbrado. Para começar, estava tudo iluminado: havia luz no teto com apliques de estuque, na mesa, na

parede e nos vidros dos armários. A luz banhava uma infinidade de objetos, dos quais o que mais atraía a atenção era uma coruja enorme, pousada sobre um galho na parede.

– Deitado – ordenou Filipp Filíppovitch.

Uma porta entalhada abriu-se do lado oposto, entrou o outro, o mordido, que, naquela claridade exuberante, demonstrou ser muito bonito, jovem, com uma barbicha preta pontuda, entregou uma ficha e disse:

– De novo...

Desapareceu em silêncio imediatamente, e Filipp Filíppovitch, depois de ajeitar as abas do avental, sentou-se a uma escrivaninha imensa, assumindo no ato um ar imponente e grave.

“Não, isso não é uma clínica veterinária, vim parar noutra lugar – pensou confuso o cachorro e aboletou-se na ramagem do tapete perto de um pesado sofá de couro – e esta coruja aí, nós haveremos de esclarecer...”

A porta abriu-se de mansinho, e entrou um sujeito que deixou o cão tão espantado a ponto de dar um latido, ainda que muito acanhado.

– Quietos! Olhe só, mas é impossível reconhecê-lo, meu caro!

O recém-chegado cumprimentou Filipp Filíppovitch com muito respeito e embaraço ao mesmo tempo.

– Hi, hi... O senhor é um mágico, um feiticeiro, professor – disse constrangido.

– Tire as calças, meu caro – ordenou Filipp Filíppovitch e levantou-se.

“Jesus Cristo” – pensou o cão – “olha que tipinho!”

Na cabeça do tipinho cresciam cabelos completamente verdes que adquiriam na nuca uma tonalidade de tabaco enferrujado. As rugas se alastravam naquela cara, mas o rosto era rosado como o de um bebê. A perna esquerda não se dobrava, era preciso arrastá-la pelo tapete, a direita, em compensação, pulava como a de um marionete. Na lapela do paletó de excelente qualidade, uma pedra preciosa sobressaía como um olho.

Era tão interessante, que o cão até esqueceu o enjôo.

– Tiau, tiau... – latiu de leve.

– Quietos! Como vai o sono, meu caro?

– He, he. Estamos a sós, professor? Impossível descrever – pôs-se a dizer constrangido o visitante. – *Parole d’honneur*<sup>14</sup>, há vinte e cinco anos

14. Em francês, no original: “Palavra de honra”.

que não acontece nada igual – o sujeito atacou o primeiro botão das calças –, quem diria, professor, bandos de moças nuas todas as noites. Estou absolutamente fascinado. O senhor é um mago.

– Hm – disse preocupado Filipp Filíppovitch, examinando as pupilas do visitante.

Esse, finalmente, acabou com os botões e tirou as calças listradas. Por baixo delas apareceram cuecas jamais vistas em parte alguma. Eram de cor creme, com gatinhos de seda preta bordados, e recendendo perfume.

O cão não suportou a visão dos gatinhos e ganiu de um jeito que fez o tipinho dar um pulo.

– Ai!

– Quer apanhar?! Não tenha medo, ele não morde.

“Eu não mordo?”, espantou-se o cão.

Do bolso das calças, o visitante deixou cair sobre o tapete um pequeno envelope com a estampa de uma beldade de cabelos soltos. O sujeito deu um pulo, abaixou-se, catou o envelope e corou violentamente.

– De qualquer modo, vá devagar – recomendou carrancudo Filipp Filíppovich, ameaçando com o dedo –, ainda assim, cuidado, não vá abusar!

– Eu não abu... – balbuciou constrangido o sujeito, continuando a se despir – eu só estou testando, caro professor.

– Bem, e então? Quais foram os resultados? – perguntou Filipp Filíppovitch com severidade.

O sujeito gesticulou com a mão, extasiado.

– Há vinte e cinco anos, juro por Deus, professor, nada igual. A última vez tinha sido em 1899, rue de la Paix, em Paris.

– E por que está esverdeando?

O rosto do visitante carregou-se.

– Maldita *jirkost*!<sup>15</sup> O senhor não pode fazer ideia, professor, do que aqueles vagabundos me passaram em vez de tintura. Veja o senhor – gemeu o sujeito, procurando um espelho com os olhos –, que coisa horrível. É preciso quebrar a cara dessa gente! – acrescentou furioso. – E agora, professor, o que me resta fazer? – perguntou choramingando.

– Hm. Raspe a cabeça.

– Professor – exclamou lamuriendo o visitante –, eles vão nascer brancos de novo. Além disso, não poderei pôr o nariz na repartição, e já faz

15. Junção das palavras russas *jir* (banha, sebo, gordura) e *kost* (osso).

três dias que não apareço. O carro vem, eu o dispenso. Ah, professor, se o senhor descobrisse um jeito de rejuvenescer os cabelos também!

– Tudo tem sua hora, meu caro, tudo tem sua hora –, resmungou Filipp Filíppovitch. Inclinando-se, examinou com olhinhos brilhantes o ventre nu do paciente. – Pois bem, uma maravilha, tudo em perfeita ordem. Para falar a verdade, eu nem esperava um resultado desse. “Muito sangue, muitas canções.” Pode se vestir, meu caro!

– “Eu sou dela que a todos seduz!...”<sup>16</sup> – pôs-se a cantar o paciente com uma voz esganiçada feito frigideira, enquanto ia se vestindo, todo radiante. Depois de pronto, saltitando e espalhando seu perfume, ele contou um maço de notas brancas diante de Filipp Filíppovitch e apertou-lhe calorosamente ambas as mãos.

– Não precisa aparecer por duas semanas – disse Filipp Filíppovitch –, mas mesmo assim, eu lhe peço: tenha cuidado.

– Professor – exclamou a voz extasiada do outro lado da porta –, pode ficar tranquilo – soltou um hi-hi-hi melífluo e desapareceu.

A campanha retiniu no apartamento, abriu-se a porta envernizada, entrou o mordido, entregou uma ficha a Filipp Filíppovitch e disse:

– A idade fornecida está incorreta. Provavelmente, cinquenta e quatro, cinquenta e cinco. Batimento cardíaco muito baixo.

Ele desapareceu e foi substituído por uma senhora farfalhante, com um chapéu puxado propositalmente de banda e um colar cintilante no pescoço enrugado e flácido. Tinha horríveis bolsas escuras embaixo dos olhos, mas as faces tinham o carmim de uma boneca.

Ela estava toda alvoroçada.

– Minha senhora! Qual sua idade? – perguntou Filipp Filíppovitch com toda severidade.

A senhora assustou-se e chegou a empalidecer sob a crosta de carmim.

– Eu, professor... Juro, se o senhor soubesse o drama que estou vivendo...

– Sua idade qual é, minha senhora? – repetiu Filipp Filíppovitch mais severo ainda.

– Para ser franca... Bem, quarenta e cinco.

– Minha senhora – vociferou Filipp Filíppovitch –, tenho gente à minha espera. Não demore, por favor. A senhora não é a única!

16. Trecho de uma canção de cabaré.

O peito da senhora arfava impetuosamente.

– Conto somente para o senhor, que é um luminar da ciência, mas juro, é um verdadeiro horror...

– Qual sua idade? – Filipp Filíppovitch perguntou com raiva e voz estridente, e seus óculos relampejaram.

– Cinquenta e um! – respondeu a senhora, retraindo-se de terror.

– Tire as calças, minha senhora – disse aliviado Filipp Filíppovitch, apontando um patíbulo branco e alto no canto.

– Juro, professor – balbuciou a senhora, desprendendo alguns colchetes da cintura com dedos trêmulos –, esse Alphonse... Confesso ao senhor a minha culpa...

– “De Sevilha a Granada!...” – pôs-se a cantarolar distraído Filipp Filíppovitch, apertando o pedal do lavabo de mármore. A água jorrou fragorosamente.

– Juro por Deus! – continuou a senhora, e em suas faces o carmim natural apareceu sob o artificial. – Eu sei, é minha última paixão. Um canalha de marca maior! Ah, professor! Ele trapaceia no carteadado, toda Moscou sabe disso. Não deixa escapar nem a modista mais reles. Um verdadeiro demônio! – Sem parar de resmungar e num ruge-ruge, a senhora tirou debaixo das saias um trapo de renda amarrotado.

O cão estava completamente anuviado e tudo em sua cabeça de pernas para o ar.

“Vão para os quintos dos infernos” – pensou desconcertado e, colocando a cabeça sobre as patas, cochilou de vergonha – “nem vou tentar entender o que significa esse negócio. Não iria entender mesmo”.

Acordou com um barulho e viu Filipp Filíppovitch jogar uns tubos reluzentes numa bacia.

A senhora pintada, apertando as mãos no peito, olhou esperançosa para Filipp Filíppovitch. Este franziu o cenho com ares de importância e, sentando-se à mesa, tomou algumas notas.

– Minha senhora, vou implantar-lhe ovários de macaca – anunciou ele com severidade no olhar.

– Ai, professor, de macaca?

– Sim – respondeu Filipp Filíppovitch inflexível.

– E quando será a operação? – perguntou pálida a senhora, com um fio de voz.

– “De Sevilha a Granada...” Hm... Na segunda-feira. A senhora será internada na clínica de manhã, meu assistente irá prepará-la.

– Ah, na clínica eu não quero. Não dá para ser na sua casa, professor?

– Veja minha senhora, só em casos extremos eu opero em casa. Ficará muito caro: quinhentos rublos.

– Estou de acordo, professor!

A água reboou novamente, o chapéu de plumas saiu esvoaçando, em seguida apareceu uma cabeça careca, como um prato, e abraçou Filipp Filíppovitch. O cão dormitava, o enjôo tinha passado, o cão deleitava-se com o calor e a ausência de dor no flanco, chegou a tirar uma soneca e conseguiu ver um pedaço de sonho muito agradável: ele, arrancando todo o penacho do rabo da coruja... daí, uma voz exaltada latiu bem na sua orelha...

– Sou muito conhecido em Moscou, professor. O que vou fazer agora?

– Sim senhor! – gritou indignado Filipp Filíppovitch. – Assim não dá! Precisa se conter. Que idade tem ela?

– Quatorze, professor... O senhor entende, a publicidade pode acabar me arruinando. Justo agora que estou para pegar uma missão no Exterior...

– Bem, meu caro, advogado eu não sou... Então espere dois anos e case-se com ela.

– Já sou casado, professor.

– Ah, sim senhor, sim senhor!

A porta se abria, sucediam-se os rostos, retiniam os instrumentos no armário, e Filipp Filíppovitch trabalhava sem descanso.

“Um antro de perdição” – pensou o cachorro – “mas como é bom este apartamento! Para que diabos ele precisa de mim? Será que vai me deixar morar aqui? Olha, que excêntrico! É de admirar: bastava ele piscar um olho e teria um belo cão instalado a seus pés. Mas talvez, eu também seja bonito. Já viu que sorte a minha! Mas essa coruja é o fim da picada... Que insolência.”

O cachorro recobrou-se definitivamente no fim do serão, quando a campainha parou de tocar e, justamente, no instante em que a porta deixou entrar uns visitantes diferentes. Eram quatro de uma vez. Todos jovens e vestidos com muita simplicidade.

“O que será que eles querem aqui?” – pensou o cachorro. Filipp Filíppovitch recebeu-os com a maior hostilidade. Plantou-se junto da es-

crivaninha e ficou olhando como um chefe militar para os inimigos. As narinas de seu nariz aquilino inflavam. Os recém-chegados pisavam no tapete ora num pé ora noutra.

– Nós viemos aqui, professor – começou um deles, cuja cabeleira negra, basta e crespa, elevava-se uns trinta centímetros acima da cabeça –, para tratar com o senhor do...

– Senhores, fazem mal em andar sem as galochas num tempo desses – cortou Filip Filíppovitch num tom doutoral –, em primeiro lugar, vão apanhar um resfriado, e em segundo, os senhores me sujaram os tapetes, e são tapetes persas todos eles.

O da cabeleira emudeceu e, juntos, os quatro olharam estarecidos para Filipp Filíppovitch. O silêncio prolongou-se por alguns instantes, e só era rompido pelo tamborilar dos dedos de Filipp Filíppovitch num prato de madeira pintada em cima da mesa.

– Em primeiro lugar, nós não somos senhores – articulou finalmente o mais jovem deles, um que tinha um rosto de pêssego.

– Em primeiro lugar – cortou novamente Filipp Filíppovitch –, você é homem ou mulher?

Novamente os quatro perderam a fala, boquiabertos. Dessa vez o primeiro a se recuperar foi o da cabeleira.

– Que diferença faz, camarada? – perguntou ele com arrogância.

– Eu sou mulher – reconheceu o jovem de rosto de pêssego, metido numa jaqueta de couro, e enrubescou violentamente. Sabe-se lá por quê, de modo mais violento ainda, enrubescou um dos visitantes a seu lado, um loiro de *papakha*<sup>17</sup>.

– Neste caso, você pode ficar de boné, quanto a você, meu caro senhor, peço-lhe que tire este aparato da cabeça – disse Filipp Filíppovitch num tom grave.

– Não sou seu “caro senhor” – declarou ríspido o loiro, tirando o gorro.

– Nós viemos aqui... – retomou o da cabeleira negra.

– Antes de qualquer coisa, quem é esse “nós”?

– Nós, a nova diretoria do condomínio – começou o da cabeleira, contendo a raiva. – Eu sou Schwonder, ela é Viázemskaja, este é o camarada Pestrúkhin, e o Jaróvkin. E portanto nós...

17. Espécie de gorro alto, de peles.

– Vocês que se instalaram no apartamento de Fiódor Pávlovitch Chablin?

– Nós – respondeu Schwonder.

– Deus! É o fim do edifício Kalabúkhov! – berrou Filipp Filíppovitch, erguendo os braços de desespero.

– O quê, professor, está caçoando? – indignou-se Schwonder.

– Que caçoando que nada! Estou no auge do desespero – gritou Filipp Filíppovitch –, o que vai ser agora do aquecimento central?

– O senhor está zombando de nós, professor Preobrajénski.

– Vieram até aqui para tratar de um assunto, pois falem o mais rápido possível, meu jantar me espera.

– Nós, a diretoria do condomínio – começou Schwonder cheio de ódio –, viemos até aqui, após a assembleia geral dos moradores de nosso edifício, na qual foi colocada a questão da redistribuição de espaço dos apartamentos do prédio...

– Quem colocou o quê? – gritou Filipp Filíppovitch. – Tenham a bondade de expor os pensamentos com mais clareza.

– Foi colocada a questão da redistribuição de espaço...

– Pode parar! Já entendi! Não é do conhecimento dos senhores que, por resolução do dia 12 de agosto deste ano, meu apartamento está isento de quaisquer redistribuições e remanejamentos que sejam?

– É – respondeu Schwonder –, mas a assembleia geral, examinando a questão, concluiu que no total o senhor está ocupando mais espaço do que devia. Muito mais. O senhor sozinho ocupa sete cômodos.

– Eu sozinho moro e trabalho nos sete cômodos – replicou Filipp Filíppovitch – e queria ter mais um. Preciso para a biblioteca.

Os quatro emudeceram.

– Mais um? Essa agora – disse o loiro, sem o aparato na cabeça. – Sozinho, essa é boa.

– Isso é incrível! – berrou o jovem que se revelara mulher.

– Tenho uma sala de espera que, reparem, também é biblioteca, uma sala de jantar, meu gabinete, três. O consultório, quatro. A sala de operações, cinco. Meu quarto, seis, e o quarto da empregada, sete. Em suma, não é suficiente... Mas por outro lado, isso não tem importância. Meu apartamento está isento e estamos conversados. Posso ir jantar agora?

– Com licença – disse o quarto, que parecia um besouro parrudo.

– Com licença – Schwonder o interrompeu –, mas é justamente a pro-

pósito da sala de jantar e do consultório que nós viemos tratar. A assembleia geral solicita-lhe, em obediência à disciplina proletária, que renuncie voluntariamente à sala de jantar. Ninguém mais tem sala de jantar em Moscou.

– Nem a Isadora Duncan! – gritou em alto e bom tom a mulher.

Algo se passou com Filipp Filíppovitch e nisso seu rosto corou de leve, mas ele não disse palavra, esperando o que estava por vir.

– E ao consultório também – continuou Schwonder –, ele pode muito bem ser juntado ao gabinete.

– Não diga – disse Filipp Filíppovitch com uma voz estranha – e onde é que deverei fazer minhas refeições?

– No quarto – responderam os quatro em coro.

O rubor de Filipp Filíppovitch ganhou um tom cinzento.

– Fazer as refeições no quarto – começou ele com voz estrangulada –, ler no consultório, vestir-me na sala de espera, operar no quarto da empregada, e consultar na sala de jantar? É bem possível que Isadora Duncan assim o faça. Pode ser que ela almoce no gabinete e disseque os coelhos no banheiro. Pode ser... Mas eu não sou Isadora Duncan!! – rugiu bruscamente, e o rubor tornou-se amarelo. – Eu vou comer na sala de jantar e operar na sala de operações! Informem isso à assembleia geral, agora peço-lhes encarecidamente que voltem a seus afazeres e permitam-me a possibilidade de fazer minha refeição lá onde todas as pessoas normais a fazem, ou seja, na sala de jantar, e não na entrada ou no quarto das crianças.

– Então, professor, dada sua obstinada recusa – disse Schwonder agitado –, nós o denunciaremos às instâncias superiores.

– Ah, sei – pronunciou Filipp Filíppovitch –, é assim? – Sua voz adquiriu um tom suspeito de cortesia. – Então, peço-lhes que esperem um pouquinho.

“Este sim – pensou entusiasmado o cachorro –, é dos meus. Ah, ele vai cair de boca em vocês, ah, se vai. Ainda não sei como, mas que vai, vai... Pega! Pega o pernalta pela barriga da perna acima da bota... grrr...”

Filipp Filíppovitch tirou com estardalhaço o fone do gancho e disse no bocal:

– Por favor... sim... agradeço-lhe. Queira chamar Piotr Aleksándrovitch, por gentileza. Professor Preobrajénski. Piotr Aleksándrovitch? Fico feliz por encontrá-lo. Bem, obrigado. Piotr Aleksándrovitch, sua operação está desmarcada. O quê? Não, desmarcada para sempre. Assim como

as outras. O motivo? Estou interrompendo minhas atividades em Moscou e na Rússia em geral... Quatro sujeitos acabaram de entrar em casa, dentre eles uma mulher vestida de homem, dois armados de revólveres, e estavam fazendo terrorismo comigo com a finalidade de confiscar parte de meu apartamento.

– Com licença, professor – começou Schwonder, mudando de cor.

– Desculpe... Não vou conseguir repetir tudo o que eles falaram. Não sou dado a disparates. Basta dizer que eles me propuseram renunciar ao meu consultório, em outras palavras, que deverei operá-lo onde até agora tenho dissecado os coelhos. Nessas condições eu não só não posso trabalhar, como também não tenho esse direito. Por isso estou suspendendo minhas atividades, fecho o apartamento e parto para Sótchi. Posso deixar as chaves com Schwonder: ele que faça a operação!

Os quatro ficaram petrificados. Derretendo, a neve escorria de suas botas.

– Fazer o quê... É muito desagradável para mim também... Como? Não e não, Piotr Aleksándrovitch! Isso não. Assim não vai dar mais. Minha paciência chegou ao fim. Já é a segunda vez desde o começo de agosto... Como? Hm... Como queira. Tomara. Com uma condição apenas: com quem o senhor quiser, o quê e quando quiser, mas que arranje um papel desses, segundo o qual nem Schwonder, nem outro qualquer, poderia nem sequer passar diante da porta de meu apartamento. Um papel definitivo. Preto no branco. Autenticado. Uma licença especial. Para que nem sequer o meu nome seja pronunciado. E ponto final. Sim. Sim. Para eles eu morri. Sim. Sim. Por gentileza. Com quem? A-ha... Bom, isso é outra coisa. A-ha... Está bem. Agora vou passar o telefone. Tenha a bondade – Filipp Filíppovitch dirigiu-se a Schwonder com uma voz viperina –, querem falar com o senhor.

– Desculpe, professor – disse Schwonder, ora corando ora empalidecendo –, mas o senhor deturpou nossas palavras.

– Peço-lhe que não use tais expressões.

Desconcertado, Schwonder pegou o fone e falou:

– Pronto. Sim... Presidente do comitê de moradia... Nós estamos agindo estritamente dentro do regulamento... Mas é que o professor se encontra numa situação totalmente excepcional... Nós sabemos sobre seus trabalhos... Queríamos deixar-lhe cinco peças ao todo... Então, está bem... Já que é assim... Está bem...

No auge do rubor ele pendurou o fone e virou-se.

“Que vexame! Puxa, ele é mesmo dos bons!” – pensou o cão todo admirado – “Não é que sempre sabe a palavra certa? Bom, agora pode me bater o quanto quiser que daqui eu não saio.”

Os três fitavam boquiabertos o vexado Schwonder.

– Não é uma vergonha? – ele perguntou timidamente.

– Se houvesse uma discussão agora – começou emocionada a mulher e com o rosto em chamas –, eu provaria a Piotr Aleksándrovitch...

– Perdão, vocês não querem começar essa discussão agorinha mesmo? – perguntou polidamente Filipp Filíppovitch.

Os olhos da mulher faiscaram.

– Estou entendendo sua ironia, professor, agora nós vamos embora... Só que... Eu, enquanto chefe do departamento de cultura do condomínio...

– Che-fa – corrigiu Filipp Filíppovitch.

– Quero propor ao senhor – nisso a mulher tirou do peito algumas revistas coloridas e molhadas de neve –, ficar com umas revistas em prol das crianças da Alemanha. Por cinquenta copeques o exemplar.

– Não, não vou ficar – atalhou curto Filipp Filíppovitch, dando uma olhada de esguelha nas revistas.

Os rostos manifestaram profundo estupor, e a mulher cobriu-se de um vermelho vivo.

– Por que o senhor se recusa?

– Eu não quero.

– O senhor não tem pena das crianças alemãs?

– Nem sim, nem não.

– Vão lhe fazer falta os cinquenta copeques?

– Não.

– Então por quê?

– Eu não quero.

Emudeceram.

– Fique sabendo, professor – recomeçou a moça, dando um profundo suspiro –, que não fosse o senhor uma sumidade européia e não intercedessem a seu favor do modo mais revoltante – o loiro puxou-a pela barra da jaqueta, mas ela se livrou – certas pessoas que, tenho certeza, nós ainda haveremos de desmascarar, seria o caso de prendê-lo.

– E por que motivo? – perguntou Filipp Filíppovitch por curiosidade.

– O senhor é inimigo do proletariado – disse inflamada a mulher.

– É, não morro de amores pelo proletariado – concordou penalizado Filipp Filíppovitch e apertou um botão. Uma campainha soou ao longe. Abriram a porta do corredor.

– Zina – gritou Filipp Filíppovitch –, tire o jantar. Senhores, me dão licença?

Os quatro foram saindo em silêncio do gabinete, em silêncio atravessaram a sala de espera e a entrada, e ouviu-se a porta principal fechar-se pesada e barulhenta atrás deles.

O cão levantou-se nas patas traseiras e fez diante de Filipp Filíppovitch uma espécie de namaz.

### III

Nas travessas pintadas com flores paradisíacas e bordas largas debruadas de preto jaziam delicadas fatias de filé de salmão, enguias marinadas. Num tabuleiro grosso, pedaços de queijo fresco, e, num barrilete de prata rodeado de neve, o caviar. Em meio às travessas, alguns copinhos finos e três garrafas de cristal com aguardentes de cores diferentes. Tudo isso se encontrava numa pequena mesa de mármore, providencialmente instalada junto do enorme bufê de carvalho entalhado, faiscante de cristais e pratarias. No centro da sala ficava a mesa, pesada como uma lápide, coberta com uma toalha branca e posta para dois, os guardanapos dobrados em forma de tiara papal, e três garrafas escuras.

Zina trouxe uma sopeira de prata com algo borbulhante sob a tampa. O aroma que vinha da sopeira fez com que, no ato, a boca do cachorro se enchesse de saliva. “Os jardins de Semíramis!” – pensou ele e pôs-se a bater com o rabo no soalho como se fosse uma baqueta.

– Traga-os para cá! – ordenou voraz Filipp Filíppovitch. – Doutor Bormental, suplico-lhe, deixe em paz o caviar! E se quer dar ouvidos a um bom conselho, não beba aguardente inglesa, mas a vodka russa comum.

O bonitão-mordido, que já estava sem o avental e vestia um distinto terno preto, encolheu os ombros largos, soltou uma risadinha educada e serviu da transparente.

– É da recém batizada? – informou-se ele.

– Deus o livre, meu caro – respondeu o anfitrião –, aquilo é álcool, a própria Dária Petrovna prepara vodka muito bem.

– Não diga isso, Filipp Filíppovitch, todos dizem que não é das piores. Trinta graus.

– Mas a vodka deve ter quarenta graus e não trinta, isso em primeiro lugar – interrompeu sentenciosamente Filipp Filíppovitch –, e, em segundo lugar, vai se saber o que puseram dentro. Você é capaz de dizer o que lhes passa pela cabeça?

– Tudo o que se possa imaginar – disse convicto o mordido.

– Também sou da mesma opinião – acrescentou Filipp Filíppovitch e virou de um trago o conteúdo do copinho goela abaixo –, ah... mm... doutor Bormal, tenha a bondade: um traguinho, e se disser que é ruim, serei seu inimigo de sangue pelo resto da vida. “De Sevilha a Granada!...”

Com essas palavras, ele próprio apanhou, com um talher palmiforme de prata, algo semelhante a um pedaço de pão preto. O mordido seguiu-lhe o exemplo. Os olhos de Filipp Filíppovitch começaram a brilhar.

– É ruim? – perguntou Filipp Filíppovitch entre um bocado e outro.

– É ruim? Diga lá, prezado doutor.

– É incomparável – respondeu com franqueza o mordido.

– Não é de admirar... Note bem, Ivan Arnóldovitch: somente os proprietários rurais que os bolcheviques não transformaram em picadinho abrem o apetite com entradas frias e sopa. Qualquer pessoa, por pouco que se preze, serve entradas quentes. E dentre as entradas quentes de Moscou esta é a primeira. Antigamente, no mercado Slaviánski, elas eram magnificamente preparadas. Tome, coma.

– Dando de comer para o cachorro na sala de jantar – ecoou uma voz feminina – depois não tem Cristo que o tire daí.

– Não faz mal... O pobre coitado está morto de fome – Filipp Filíppovitch ofereceu ao cão um petisco na ponta do garfo, que foi abocanhado com agilidade certa, derrubando fragorosamente o garfo na lavanda.

Depois, um vapor cheiroso de lagostins subiu dos pratos, o cachorro sentou-se de prontidão à sombra da toalha, feito sentinela diante de um paiol de pólvora, e Filipp Filíppovitch, enfiando a ponta do guardanapo engomado por trás do colarinho, retomou a pregação:

– Comer é coisa séria, Ivan Arnóldovitch. Requer conhecimento e, imagine, a maioria das pessoas não tem o mínimo. É preciso saber não só o que comer, mas também quando e como. (Filipp Filíppovitch brandiu a colher com ar significativo.) E o que conversar durante a refeição.

Pois não é? Se você se preocupa com sua digestão, aqui vai um bom conselho: não fale sobre bolchevismo ou medicina à mesa. E também, Deus o livre, não leia jornais soviéticos antes da refeição.

– Hm... Mas o que fazer se não existem outros?

– Melhor não ler nenhum. Veja, eu realizei trinta testes lá na clínica. E sabe qual foi o resultado? Os pacientes que não liam jornais, estavam em ótima forma. Os outros, que eu obriguei a ler o *Pravda*, perderam peso.

– Hm... – respondeu com interesse o mordido, corando por causa da sopa e do vinho.

– E tem mais. Redução dos reflexos do joelho, falta de apetite, desânimo geral.

– Diacho...

– Pois é. Aliás, o que estou fazendo?! Eu mesmo puxei conversa sobre medicina. Não vamos estragar o apetite.

Recostando-se, Filipp Filíppovitch tocou o sininho e Zina apareceu no reposteiro cor de cereja. Coube ao cão uma posta grossa e insípida de esturjão, que ele não apreciou, e logo em seguida um naco de rosbife sanguinolento. Depois de abocanhá-lo, o cão sentiu uma vontade súbita de dormir e de não ver mais comida. “Sensação esquisita” – pensou ele, fechando as pálpebras já pesadas – “meus olhos não podem ver nem sombra de comida. Mas fumar depois de comer é pura estupidez”.

A fumaça azulada e irritante dos charutos encheu a sala de jantar. O cão cochilava com a cabeça pousada sobre as patas dianteiras.

– O *Saint-Julien* é um vinho bastante bom – ouviu o cão através do sono –, mas o problema é que agora não se encontra mais.

Um coral surdo, abafado por tetos e tapetes, veio de algum lugar do alto ou do lado.

Filipp Filíppovitch tocou e Zina apareceu.

– Zinucha<sup>18</sup>, o que significa isso?

– Outra assembleia geral, Filipp Filíppovitch – respondeu Zina.

– Outra! – exclamou Filipp Filíppovitch num tom de catástrofe – Pronto, agora vai de vez. Vão acabar com o edifício Kalabúkhov. Será preciso sair daqui, mas, pergunto, para onde? Correrá tudo às mil maravilhas. Primeiro, cantoria todas as noites e aí os encanamentos das privadas

18. Diminutivo de Zina.

congelam, depois estoura a caldeira do aquecimento e assim por diante. E era uma vez o Kalabúkhov.

– Filipp Filíppovitch já começou a se atormentar – observou Zina com um sorriso, e saiu carregando uma pilha de pratos.

– E não é para me atormentar?! – vociferou Filipp Filíppovitch. – Perto do que este edifício já foi! Veja se consegue entender!

– O senhor vê as coisas de modo muito sombrio – replicou o bonito-mordido –, hoje elas mudaram violentamente.

– Meu caro, você me conhece! Não conhece? Eu sou um homem dos fatos, um observador. Sou inimigo das hipóteses infundadas. E isso é bem sabido não só na Rússia como em toda a Europa. Se eu afirmo alguma coisa, significa que tenho por base um fato determinado, a partir do qual tiro minha conclusão. E apresento-lhe um fato: os cabides e o guarda-galochas de nosso prédio.

– Muito interessante...

“Isso de galochas é bobagem. Não é de galochas que vem a felicidade” – pensou o cão – “mas o sujeito é admirável.”

– Se quiser, podemos tomar o guarda-galochas como exemplo. Eu moro neste prédio desde 1903. Pois bem, no decorrer desse tempo até março de 1917<sup>19</sup>, não houve nenhum – sublinho com lápis vermelho, “n e n h u m”! – caso de desaparecimento de um par que fosse, lá do saguão de entrada, que fica geralmente com as portas destrancadas. Veja, há doze apartamentos aqui e eu recebo muita gente. Em março de dezessete, um belo dia desapareceram todas as galochas, inclusive dois pares meus, três bengalas, um sobretudo e o samovar do zelador. E desde então o guarda-galochas perdeu sua função. Meu caro! E nem falo do aquecimento central. Não falo. Pois, já que existe uma revolução social, não é preciso mais lenha na fogueira. Eu digo o seguinte: quando começou toda essa história, por que as pessoas passaram a subir a escada de mármore sem tirar as galochas e os *válienki*<sup>20</sup>? Por que é preciso continuar trancando à chave as galochas e ainda por cima escalar um soldado para que ninguém as leve? Por que tiraram o tapete da escadaria de entrada? Por acaso Karl Marx proibia o uso de tapetes

19. Referência à primeira Revolução de 1917, a Revolução de Fevereiro (pelo antigo calendário russo).

20. Botas altas de feltro.

nas escadas? Onde se diz em Karl Marx que a segunda entrada do edifício Kalabúkhov, na Pretchístenka, deve ser vedada com tábuas e que se deve dar a volta pela área de serviço? De quem é a vantagem? Por que o proletário não pode deixar suas galochas lá embaixo, e suja o mármore?

– Vai ver, Filipp Filíppovitch, que é porque ele não tem galochas... – quase engasgou o mordido.

– Na-nada disso! – trovejou em resposta Filipp Filíppovitch, servindo vinho num cálice. – Hm... Não costumo tomar licores depois do jantar, deixam a pessoa com uma sensação de peso e atuam de modo nocivo sobre o fígado... Não é nada disso! Agora, ele tem galochas e essas galochas... são as minhas! São justamente as mesmas galochas que desapareceram na primavera de 1917. Pergunto: quem deu sumiço nelas? Eu? Impossível. O burguês Chablin? (Filipp Filíppovitch apontou o dedo para o teto.) A hipótese chega a ser cômica. O produtor de açúcar Pólozov?<sup>21</sup> (Filipp Filíppovitch apontou para o lado.) De jeito nenhum! É, meu caro! Quem dera ao menos tirassem as galochas antes de subir as escadas! (Filipp Filíppovitch começou a ficar rubro.) Por que diabos sumiram com as flores dos patamares? Por que a eletricidade, que, se não me falha a memória, faltou duas vezes em vinte anos, hoje em dia é regularmente cortada uma vez por mês? Doutor Bormental! A estatística é uma coisa terrível, o senhor, que está a par de meu último trabalho, sabe disso melhor do que ninguém...

– É a ruína, Filipp Filíppovitch!

– Não – objetou plenamente convicto Filipp Filíppovitch –, não é. Meu caro Ivan Arnóldovitch, devia ser o primero a evitar o uso desta palavra. Trata-se de miragem, fumaça, ficção – Filipp Filíppovitch abriu os dedos curtos de par em par, e a sombra deles, semelhante a tartarugas, começou a se mexer na toalha. – O que significa essa “ruína” de que me fala? Uma velha de bengala? Uma bruxa que sacode todos os vidros, que apaga todas as luzes? Pois ela não existe de jeito maneira! O que o senhor entende por essa palavra? – perguntou furioso Filipp Filíppovitch para um infeliz pato de madeira, pendurado pelas pernas ao lado do bufê, e ele mesmo deu a resposta – Aí está o que significa: se, ao invés de operar, eu me puser a cantar em casa todas as noites, serei atingido pela ruína. Se eu, indo ao banheiro, começar, com o perdão da palavra, a urinar fora da latrina e

21. Nome formado a partir de *póloz* (patim do trenó).

Zina e Dária Petrovna também fizerem o mesmo, será a ruína do banheiro. Portanto, a ruína não está nas privadas, mas nas cabeças. Neste caso, quando esses barítonos cantam “Combatamos a ruína!”<sup>22</sup>, me dá vontade de rir. (O rosto de Filipp Filíppovitch contraiu-se tanto, que o mordido ficou de queixo caído.) Juro, acho ridículo! Isto quer dizer que cada um deles deve combater a si próprio! E daí, quando o sujeito tirar da própria cabeça todas as alucinações e limpar seus escaninhos, tarefa esta de sua exclusiva competência, a ruína desaparecerá por si mesma. Acender uma vela a Deus e outra ao diabo não dá! É impossível varrer os trilhos dos bondes e, ao mesmo tempo, arrumar a vida de alguns maltrapilhos espanhóis! Isso ninguém vai conseguir, doutor, e muito menos uma gente que, tendo se atrasado no mínimo uns duzentos anos em relação ao desenvolvimento dos europeus, até o presente momento ainda não é capaz de abotoar sozinha as próprias calças!

Filipp Filíppovitch inflamou-se de vez, suas narinas de predador inflamavam-se. Recuperadas as forças após o lauto jantar, ele vociferava como um antigo profeta, a cabeça numa auréola prateada.

As palavras reboavam sobre o cão sonolento como um ronco subterrâneo e abafado. Em sua visão entorpecida, ora se intrometia a coruja de olhos amarelos e estúpidos, ora o focinho asqueroso do carrasco de barrete emporcalhado, ora o bigode imponente de Filipp Filíppovitch iluminado pela luz intensa do abajur, ora um trenó vagaroso rangendo e sumindo, enquanto no estômago do cachorro, o bocado triturado de rosbife, nadando no suco, era digerido.

“Ele poderia ganhar rios de dinheiro nos comícios” – sonhava confusamente o cão – “Que lábia! Aliás, mesmo assim, vê-se que é podre de rico.”

– Um policial! – gritou Filipp Filíppovitch. – Um policial! – “Gup, gup, gup, gup!” – borbulhava o cérebro do cão... – Um policial! Isso e mais nada. Pouco importa se de quepe vermelho ou com distintivo. Colocar um policial ao lado de cada pessoa e obrigá-lo a refrear os arroubos vocais de nossos cidadãos. O senhor fala em ruína. Eu lhe direi, doutor, que nada mudará para melhor neste, como em qualquer outro prédio, até que esses cantores não sejam contidos! É só acabarem com essa cantoria, que a situação melhora por si própria!

22. Canção revolucionária.

– O senhor está fazendo afirmações contrarrevolucionárias – observou o mordido em tom de brincadeira – Deus permita que ninguém o ouça!

– Nada de perigoso – replicou acalorado Filipp Filíppovitch –, nada de contrarrevolucionário! A propósito, aí está mais uma palavra que eu não suporto. Ignora-se absolutamente o que se esconde por trás dela. Vai se saber! Por isso eu digo que não há nada de propriamente contrarrevolucionário em minhas palavras. Há bom senso e experiência de vida...

Nisso, Filipp Filíppovitch tirou do colarinho a ponta do guardanapo magnificamente engomado e, depois de amarfanhá-lo, depositou-o ao lado de um cálice com resto de vinho. O comensal levantou-se imediatamente e agradeceu: *Merci*<sup>23</sup>.

– Um momentinho, doutor! – interrompeu Filipp Filíppovitch, retirando do bolso das calças um maço de notas. Ele se concentrou, contou as notas brancas e entregou-as para o comensal com as palavras: – Hoje, o senhor tem quarenta rublos a receber, Ivan Arnóldovitch. Queira fazer o favor.

A vítima do cão agradeceu educadamente e, rubro, enfiou o dinheiro no bolso do paletó.

– Precisaré de mim hoje à noite, Filipp Filíppovitch? – informou-se.

– Não, obrigado, meu caro. Hoje não temos nada para fazer. Primeiro o coelho morreu, e depois, hoje tem *Aida* no Bolchói. E faz tempo que não assisto. Adoro... Lembra o dueto... Tara... ra... rim...

– Como consegue arranjar tempo, Filipp Filíppovitch? – perguntou respeitosamente o médico.

– Devagar se vai ao longe – explicou de modo professoral o anfitrião. – É claro que, se em vez de cuidar dos meus afazeres, eu começasse a pular de reunião em reunião e a cantar o dia inteiro como um rouxinol, viveria sempre atrasado... – em contato com os dedos de Filipp Filíppovitch o cronômetro pôs-se a emitir um toque celestial dentro do bolso – passa das oito... Irei para o segundo ato... Sou partidário da divisão do trabalho. Eles cantam no Bolchói, e eu opero. Assim dá certo, e adeus ruína... Outra coisa, Ivan Arnóldovitch, continue atento: tão logo apareça um morto conveniente, já sabe, da mesa imediatamente para o soro fisiológico e dali para mim!

23. Em francês transliterado, no original (obrigado).

– Não se preocupe, Filipp Filíppovitch, os médicos patologistas me prometeram.

– Perfeito. Enquanto isso, o viralata neurastênico ficará sob observação e tratamento. Até que o flanco dele sare...

“Cheio de cuidados para comigo” – pensou o cão – “excelente pessoa. Sei de quem se trata. Ele é um feiticeiro, um mago, um bruxo das fábulas caninas.. Pois é impossível que tudo tenha sido um sonho. E se de repente foi? (O cão adormecido teve um sobressalto.) Daí eu acordo... e nada disso existe. Nem o abajur de seda, nem o calor, nem a barriga cheia. Tudo estará como antes: o vão de entrada, o frio de matar, o asfalto congelado, a fome, a maldade das pessoas... O refeitório... a neve... Meu Deus, que dureza...”

#### IV

Mas nada disso aconteceu. O vão de entrada, justamente, desfêz-se como um pesadelo, para nunca mais voltar.

Evidente que a ruína não era tão terrível. Apesar dela, as sanfonas cinzentas sob o peitoril das janelas esquentavam duas vezes ao dia, e ondas de calor invadiam todo o apartamento.

Não restava qualquer dúvida: o cachorro tinha tirado a sorte grande na loteria canina. Duas vezes ao dia, pelo menos, seus olhos se enchiam de lágrimas de reconhecimento endereçadas ao sabichão da Pretchístenka. Além disso, todos os espelhos entre as estantes da sala de espera e na de visitas refletiam a imagem de um cachorro bonito e sortudo.

“Sou uma beleza. Talvez um príncipe canino desconhecido, incógnito” – matutou ele, admirando o cachorro peludo, côr de café, com a satisfação estampada no focinho, que se pavoneava no fundo dos espelhos – “É bem possível que minha avó tenha pecado com algum terra-nova. Pois aí está, tenho uma mancha branca no focinho. Pergunto: de onde vem ela? Filipp Filíppovitch, que é pessoa de extremo bom gosto, não iria recolher o primeiro vira-lata que aparecesse...”

No decorrer de uma semana, o cão tinha forrado o bucho tanto quanto no último mês e meio de fome na rua. Isso, claro, só no que diz respeito à quantidade. Quanto à qualidade da comida em casa de Filipp Filíppovitch, nem é preciso comentar. Mesmo sem levar em conta que diariamente Dária Petrovna comprava dezoito copeques de retalhos lá no mercado da Smoliensk,

basta mencionar as refeições das sete na sala de jantar, das quais o cão participava, apesar dos protestos da bela Zina. Durante esses jantares, Filipp Filíppovitch era definitivamente promovido a divindade. O cão erguia-se nas patas traseiras, mordiscava-lhe o paletó; o cão tinha aprendido o modo de Filipp Filíppovitch tocar a campainha, os dois toques sonoros e entrecortados de patrão, e saía latindo para encontrá-lo à porta. O patrão entrava com seu casaco de raposa prateada, chispando milhares de vidrilhos de neve, recendendo a tangerinas, charutos, perfume, limões, gasolina, água de colônia, feltro, e sua voz ecoava pela casa inteira como uma corneta de quartel.

– Por que você estraçalhou a coruja, hein, seu porcalhão? Por acaso ela estava incomodando o senhor? Responda: estava? Por que quebrou o professor Miétchinikov?<sup>24</sup>

– Ele precisa levar umas chicotadas de vez em quando, Filipp Filíppovitch – disse Zina indignada –, ou então ficará muito mimado. Veja só o que ele fez com suas galochas.

– Não se deve chicotear ninguém! – revoltou-se Filipp Filíppovitch. – Lembre-se disso de uma vez por todas. Tanto para com o homem, como para com o animal, somente a persuasão deve ser usada. Deu-lhe carne hoje?

– Por Deus! Ele devorou tudo o que tinha em casa. Que pergunta, Filipp Filíppovitch! Me admira muito que não tenha estourado.

– Pois que coma à vontade... O que lhe fez a coruja, hein, seu arrua-ceiro?

– Uh, uh! – ganiu o lambe-botas e rastejou sobre a barriga, empurrando-se com as patas.

Depois, foi arrastado aos uivos pelo cangote através da sala de espera até o gabinete. O cão uivava, rosnava, agarrava-se ao tapete, fazia-se arrastar sobre o traseiro como no circo. No meio do tapete do gabinete jazia a coruja de olhos de vidro com a barriga rasgada, de onde saíam trapos vermelhos cheirando a naftalina. Em cima da mesa, feito em mil pedaços, estava jogado o retrato.

– Não arrumei de propósito, para que o senhor pudesse ver – anunciou Zina desolada –, ele pulou na mesa, o miserável! E com o rabo, zás! Não deu tempo nem de virar e ele já tinha arreventado com ela todinha.

24. Iliá Ilitch Miétchnikov (1845-1916), biólogo e patologista.

Esfregue o focinho dele na coruja, Filipp Filíppovitch, para que ele aprenda a não estragar as coisas.

E começou a gritaria. Arrastaram o cão, que se agarrava ao tapete, para esfregar-lhe o focinho na coruja, enquanto ele, chorando lágrimas amargas, pensava: “Podem me bater, contanto que não me enxotem do apartamento”.

– Leve a coruja para o empalhador hoje mesmo. Outra coisa, tome oito rublos e mais os dezesseis copeques do bonde, passe no Muir e compre para o cachorro uma boa coleira e uma corrente.

No dia seguinte, meteram uma coleira larga e lustrosa no cão. Na hora, ao se olhar no espelho, ele ficou muito incomodado, enfiou o rabo entre as pernas e fugiu para o banheiro, matutando um jeito de tirar aquilo contra um baú ou um cesto. Não demorou muito, sentiu-se um perfeito idiota. Zina levou-o para passear na corrente. O cão seguiu feito um condenado pela travessa Óbukhov, morrendo de vergonha, mas ao passar na Pretchístenka, na altura da igreja do Salvador, compreendeu perfeitamente o que significa na vida ter uma coleira. Nos olhos de todos os cachorros que encontrou pelo caminho lia-se uma inveja danada, e na travessa Miórtvi, um vira-lata magricela e de rabo cortado avançou latindo “bibelô de granfino” e “sextopéia”. Ao atravessarem a linha do bonde, um guarda reparou na coleira com respeito e satisfação, e na volta aconteceu algo jamais visto em toda vida: o zelador Fiódor, em pessoa, veio abrir a porta de entrada e deixou Bolinha entrar. À Zina fez a seguinte observação a respeito:

– Nossa, que cachorro peludo Filipp Filíppovitch foi arranjar. E gordo como ele só.

– Também, pudera! Come por seis, – explicou Zina, bonita e corada de frio.

“A coleira equivale à maleta”, gracejou em pensamento o cão e, abanando o rabo, dirigiu-se ao primeiro andar com ares de grão-senhor.

Após ter apreciado os méritos da coleira, o cão fez a primeira visita àquele setor privilegiado do Paraíso, onde até então sua entrada tinha sido terminantemente proibida, ou seja, ao reino da cozinheira Dária Petrovna. O apartamento inteiro não valia nem sequer dois palmos do reino dariano. Todos os dias, no fogão de tampo escurecido e revestido de azulejos, o fogo soltava fagulhas e estalos. O forno crepitava. Nos clarões rubros, consumido pelo suplício eterno das chamas e por uma paixão insaciável, ardia

o rosto de Dária Petrovna. Um rosto lúcido, untuoso. No penteado da moda, em que os cabelos claros haviam sido puxados sobre as orelhas e trançados na nuca, faiscavam vinte e dois brilhantes de imitação. Pelas paredes havia caçarolas douradas penduradas em ganchos, a cozinha inteira explodia em odores, borbulhava e chiava nas panelas fechadas...

– Fora! – pôs-se a berrar Dária Petrovna. – Fora, seu ladrão de meia-tigela! Você aqui, era só o que me faltava! Vai levar uma com o atizador...

– Como? O que você está latindo? – o cão apertava os olhos de modo adúlador. – Ladrão de meia-tigela, eu?! Por acaso não reparou na coleira? – e encostou o flanco na porta, insinuando o focinho na cozinha.

O cachorro Bolinha tinha o dom secreto de conquistar o coração das pessoas. Dali a dois dias ele já estava instalado perto do cesto de carvão, assistindo a Dária Petrovna trabalhar. Com uma faca estreita e afiada, ela decepava as cabeças e os pés dos frangos inertes, depois, como um carrasco ensandecido, desossava e destripava as aves, passava a carne na máquina de moer. Enquanto isso, Bolinha traçava uma cabeça de frango. De uma tigela, Dária Petrovna tirava miolos de pão embebidos no leite, misturava-os numa tábua com a carne moída, regava tudo isso com creme de leite fresco, salgava e moldava as almôndegas num tabuleiro. No fogão tudo chiava como num incêndio e a frigideira ronronava, espumava, respingava fora. Uma tampa saltava com um barulhão, revelando um terrível inferno. Tudo borbulhava, trepidava.

Ao anoitecer, a goela de pedra arrefecia, na janela da cozinha, acima da meia cortina branca, reinava a noite densa e grave da Pretchístenka com uma estrela solitária. O chão da cozinha ficava úmido, as panelas ganhavam um brilho misterioso e baço, sobre a mesa havia um capacete de bombeiro. Deitado no fogão tépido como um leão nos portais, Bolinha olhava através da porta entreaberta do quarto de Zina e da cozinheira um homem alvoroçado, de bigodes pretos e cinturão largo de couro, abraçar Dária Petrovna. O rosto da mulher, consumido pelo suplício e a paixão, ardia inteirinho, menos o nariz empoado e lívido. Uma réstia de luz batia num retrato de outro bigodudo encimado por uma rosa pascoalina de papel.

– Está com o diabo no corpo – sussurrou na penumbra Dária Petrovna –, pare! Zina está para chegar. Andaram rejuvenescendo você também, é?

– Não preciso disso – respondeu rouco o bigodudo, dominando-se com dificuldade. – Que fogo você tem...

Noite após noite, a estrela da Pretchístenka ocultava-se atrás das pesadas cortinas, e, se não estavam levando a *Aida* no Teatro Bolchói, ou não havia reunião da Sociedade Russa de Cirurgia, a divindade acomodava-se numa poltrona. A luz do teto apagada, somente um abajur verde aceso em cima da mesa. Bolinha, permanecia na penumbra, deitado no tapete, presenciando a todo momento cenas aterradoras. Cérebros humanos mergulhados num líquido repugnante, caústico e turvo, dentro de recipientes de vidro. A divindade, as mangas arregaçadas até os cotovelos e as mãos metidas em luvas avermelhadas de látex, examinava as circunvoluções cerebrais com os dedos curtos e escorregadios. De tempos em tempos, a divindade armava-se de uma faquinha brilhante e dissecava cuidadosamente os cérebros amarelos e elásticos.

– “Às margens sagradas do Nilo” – cantarolava a divindade, mordendo os lábios e lembrando do interior dourado do Teatro Bolchói.

Nessa hora, as serpentinas do aquecimento atingiam a temperatura máxima. O calor subia até o teto e dali se espalhava por toda a sala, no pelame do cão uma pulga reanimava-se, a última, a que escapara das penteadas do próprio Filipp Filíppovitch, mas que já estava condenada. Os tapetes abafavam os ruídos no apartamento. Mais tarde, porém, a campainha da porta de entrada ressoou ao longe.

“Zinka<sup>25</sup> foi ao cinema” – pensou o cão – “e como já está de volta, então é hora da janta. Acho que teremos vitela à milanesa pro jantar”.

E foi nesse malfadado dia, logo de manhã, que Bolinha levou o cotucão de um pressentimento. Por causa disso, ficou repentinamente enfastiado e deu cabo da refeição matinal – meia tigela de mingau de aveia e um osso de carneiro da véspera – sem o menor apetite. Vagou desanimado pela sala de espera e uivou um pouco para sua própria imagem. Porém, depois de Zina levá-lo para passear no quarteirão, o resto do dia transcorreu como de hábito. Não era dia de consultas porque, como se sabe, às terças-feiras elas não aconteciam, e a divindade instalara-se no gabinete, folheando em cima da mesa uns livros pesados com ilustrações coloridas. Esperavam o jantar. O cão sentiu-se reanimar ante a idéia de que o tercei-

25. Outro diminutivo de Zinaída.

ro prato do dia, como ele tivera oportunidade de verificar na cozinha, seria peru. Atravessando o corredor, o cão ouviu o telefone do gabinete de Filipp Filíppovitch tocar inesperadamente, desagradavelmente. Filipp Filíppovitch pegou o fone, atendeu e, de repente, ficou todo alvoroçado.

– Ótimo – sua voz ecoou – traga já, depressa!

No afã de agir, tocou a campainha e, quando Zina apareceu, mandou que servisse o jantar imediatamente. Jantar! Jantar! Jantar! Na sala começaram a bater pratos, Zina entrava e saía, da cozinha ouvia-se Dária Petróvna resmungar que o peru não estava pronto. O cachorro tornou a sentir uma inquietação.

“Não gosto de rebuliço em casa”, pensou... E mal acabou de pensar, o rebuliço tornou-se mais desagradável ainda. Primeiro, graças ao aparecimento do outrora mordido doutor Bormental. Este trouxera consigo uma mala que cheirava mal e, sem se despir, precipitou-se com ela corredor adentro até o consultório. Filipp Filíppovitch largou a xícara de café por tomar, coisa que jamais lhe acontecia, correu ao encontro do doutor Bormental, coisa que também jamais acontecia.

– Quando morreu? – gritou.

– Há três horas – respondeu Bormental, sem tirar o gorro coberto de neve e desafivelando a mala.

“Que história de morto é essa?” – pensou o cão, fechando a cara de descontentamento, e meteu-se entre as pernas de ambos – “Não aguento toda essa bagunça!”

– Passa, passa! Depressa, depressa, depressa! – pôs-se a gritar Filipp Filíppovitch aos quatro ventos e a tocar todas as campainhas ao mesmo tempo, conforme a impressão do cachorro. Zina veio correndo. – Zina! Mande Dária Petrovna para o telefone, anotar os recados, não receber ninguém! Preciso de você. Doutor Bormental, por favor, mais depressa, mais depressa!

“Isso não está me cheirando bem. Não mesmo”, o cão fez cara de ofendido e pôs-se a perambular pelo apartamento, e todo rebuliço ficou concentrado no consultório. Zina apareceu num inesperado avental, semelhante a uma mortalha, e começou um vaivém entre o consultório e a cozinha.

“É hora da comida? Então eles que se danem”, resolveu o cão e, de repente, teve uma surpresa.

– Não deem nada ao Bolinha – trovejou a voz de comando no consultório.

– Fiquem de olho nele.

– Melhor trancá-lo!

E atraíram Bolinha, que foi trancado no banheiro.

“Que falta de educação” – pensou Bolinha, acomodando-se na penumbra do banheiro – “que grosseria...”

Passou ali dentro cerca de quinze minutos, mergulhado num estado de espírito que alternava rancor e depressão profunda. Tudo se tornava enfadonho, confuso...

“Tudo bem, vai ver só as galochas amanhã, ilustríssimo Filipp Filíppovitch” – pensava – “já que teve que comprar dois pares, terá que comprar mais um. Para aprender a não prender cachorros”.

Mas seu pensamento furioso foi bruscamente interrompido. De repente, sabe-se lá porque, ele se lembrou com nitidez de uma passagem de sua primeira juventude, um pátio ensolarado na barreira Preobrajénskaia, réstias de sol nas garrafas, cacos de tijolo, cães vagando em liberdade.

“Não, liberdade nenhuma fará você sair daqui, não adianta mentir” – suspirou o cão, fungando pelo nariz – “já deu para acostumar. Sou um cachorro de granfino, um ser culto, senti o gosto da boa vida. Afinal, o que é a liberdade? Não passa de fumaça, miragem, ficção... Delírio desses democratas coitados...”

Daí, a penumbra do banheiro tornou-se assustadora, ele começou a uivar, atirou-se contra a porta, pôs-se a arranhá-la.

– Uh, uh, uh! – ecoava pelo apartamento como dentro de um tonel.

“E vou estraçalhar a coruja de novo”, pensou ele, furibundo mas sem forças. Desenxabido, o cachorro foi se deitar, e quando se levantou, seus pelos se eriçaram de repente, pois tivera a impressão de que na banheira havia olhos de lobo, repugnantes...

E no auge do tormento abriram a porta. O cão saiu, sacudiu-se e, macambúzio, tentou ir à cozinha, mas Zina arrastou-o pela coleira sem dó nem piedade até o consultório. Um calafrio atravessou o coração do cachorro.

“Para que precisam de mim?” – pensou desconfiado – “O flanco sarou, não estou entendendo mais nada”.

Suas patas deslizaram pelo soalho escorregadio e, arrastado desse modo, ele chegou ao consultório. Uma vez ali, foi imediatamente surpreendido pela intensidade da iluminação. O globo branco do teto brilhava de modo a ferir a vista. No clarão da luz, um sacerdote cantarolava entre-

dentos algo sobre as margens sagradas do Nilo. Somente por um leve aroma era possível reconhecer que se tratava de Filipp Filíppovitch. Os cabelos grisalhos bem aparados estavam escondidos sob um barrete branco, que lembrava a *skufeika*<sup>26</sup> dos patriarcas. O sacerdote estava todo de branco e, por cima do branco, como um *epitrákhil*<sup>27</sup>, trazia um avental estreito de borracha. As mãos metidas em luvas pretas.

O mordido também apareceu de *skufeika*. A mesa tinha sido encompridada e a seu lado tinham posto uma mesinha quadrada de pé metálico.

Hoje, mais do que nunca, o cão encheu-se de ódio pelo mordido e por seus olhos mais do que por qualquer coisa. Habitualmente corajosos e francos, nesse momento eles fugiam dos olhos do cão para todos os lados. Mostravam-se inquietos, dissimulados, e no fundo deles ocultava-se algo ruim, sórdido, se não um verdadeiro crime. O cachorro lançou-lhe um olhar carregado, sombrio, e afastou-se para um canto.

– A coleira, Zina – disse baixo Filipp Filíppovitch –, só não o deixe agitado.

No ato, os olhos de Zina tornaram-se tão odiosos quanto os do mordido. Ela se aproximou do cão e pôs-se a acariciá-lo com flagrante falsidade. Este olhou para ela com aflição e desdém.

“Pois sim... estão em três. Podem me pegar se quiserem. Só que é uma vergonha para vocês... Se eu soubesse o que vão fazer comigo...”

Zina desafivelou a coleira, o cão sacudiu a cabeça, bufou. O mordido cresceu à sua frente, exalando um fedor nauseante.

“Fu, que enjoo... Está me dando uma tontura, um medo...”, pensou o cão, desviando-se do mordido.

– Mais depressa, doutor – disse Filipp Filíppovitch com impaciência.

Um cheiro forte e adocicado dominou o ambiente. O mordido, sem despegar do cachorro o olhar inquieto e criminoso, tirou a mão direita de trás das costas e, rápido, meteu-lhe um algodão molhado no nariz. Bolinha ficou pasmado, sentiu uma ligeira tontura, mas ainda conseguiu recuar. O mordido curvou-se para ele e, num gesto brusco, cobriu-lhe o focinho todo com o algodão. No ato, sua respiração foi interrompida, mas ele novamente conseguiu escapar. “Facínora... – passou-lhe pela cabeça” – “Por quê?” E, de novo, taparam seu nariz. Nisso, no meio do consultório, surgiu ines-

26. Gorro pontiagudo de veludo preto ou roxo usado pelo clero da igreja ortodoxa russa.

27. Espécie de estola paramental dos sacerdotes da igreja ortodoxa.

peradamente um lago com barcos e, dentro deles, cachorros cor-de-rosa, fantásticos, do outro mundo. As pernas amoleceram. Ele arreou.

– À mesa! – as palavras de Filipp Filíppovitch, numa voz cheia de satisfação, ressoaram nalgum lugar e alastraram-se em jatos alaranjados. O medo desapareceu, dando lugar à alegria; uns dois segundos antes de embarcar, o cão chegou a sentir afeição pelo mordido. Daí, o mundo inteiro ficou de ponta-cabeça, e ele ainda sentiu um toque de mão fria, mas agradável, no baixo-ventre. Depois, o nada.

Na estreita mesa de operações, o cão Bolinha jazia de pernas para o ar e sua cabeça debatia-se impotente sobre o travesseiro de oleado branco. A barriga tinha sido tosquiada e nesse momento o doutor Bormental, ofegante e aplicado, raspava a cabeça de Bolinha, debastando o pelame com a máquina. As palmas das mãos apoiadas na beira da mesa, Filipp Filíppovitch acompanhava o procedimento com os olhinhos brilhantes como os aros de ouro de seus óculos e dizia cheio de excitação:

– Ivan Arnóldovitch, o momento mais importante será quando eu penetrar na sela túrcica. Peço-lhe então que me passe logo o enxerto e comece imediatamente a sutura. Se houver hemorragia, teremos perdido tempo e cachorro. Aliás, não lhe resta nenhuma chance mesmo – calouse, apertou os olhos e deu uma olhada que parecia maliciosa no olho entreaberto e adormecido do cão, acrescentando: – Sabe que me dá pena? Pois dá, tinha me acostumado com ele.

Então ergueu os braços como se fosse abençoar o infeliz Bolinha ante a difícil proeza. Cuidava que nenhum grão de poeira pousasse no látex preto.

A pele esbranquiçada do cachorro ia ficando brilhante por debaixo do pelame tosquiado. Bormental largou a maquininha e pegou uma navalha. Ensaboou a pequena cabeça inerte e começou a rapar. Rangidos ásperos de lâmina, sangue despontando aqui e ali. Cabeça rapada, o mordido friccionou-a com um chumaço umedecido de benzina, depois esticou a barriga nua do cão e disse ofegando: “Pronto”.

Zina abriu a torneira da pia, e Bormental apressou-se em lavar as mãos. Sobre elas Zina derramou álcool de um frasco.

– Posso me retirar, Filipp Filíppovitch? – perguntou ela, arriscando timidamente um olhar de esguelha para a cabeça pelada do cachorro.

– Pode.

Zina saiu. Bormental continuou na lida. Enrolou a cabeça de Bolinha

com uma faixa estreita de gaze, até que, sobre o travesseiro, surgiu um crânio canino completamente calvo, jamais visto por mortal algum, e um estranho focinho barbudo.

Nisso o sacerdote começou o ofício. Endireitou-se, deu uma olhada na cabeça do cachorro e disse:

– Pois bem, que Deus nos abençoe. Bisturi!

De um monte de instrumentos reluzentes alinhados sobre a mesinha, Bormental pegou uma pequena lâmina abaulada e entregou-a ao sacerdote. Em seguida, vestiu luvas pretas iguais às dele.

– Está dormindo? – perguntou Filipp Filíppovitch.

– Está e profundamente.

Os lábios de Filipp Filíppovitch contraíram-se, os olhinhos ganharam um brilho agudo e feroz, e, manejando o bisturi com precisão, fez um corte longitudinal na barriga de Bolinha. A pele abriu-se imediatamente e o sangue brotou de todos os lados. Bormental precipitou-se encarnecidamente sobre Bolinha com tampões de gaze para comprimir a ferida, depois apertou-lhe as bordas com pequenas pinças semelhantes às de açúcar e o sangue estancou. Gotas de suor cobriram a testa de Bormental. Filipp Filíppovitch deu um segundo golpe de bisturi, e juntos puseram-se a dilacerar o corpo de Bolinha com ganchos, tesouras, certos grampos. Surgiram tecidos amarelos e rosados que se orvalhavam de sangue. Filipp Filíppovitch continuou a trabalhar no corpo com o bisturi, depois gritou:

– Tesouras!

O instrumento apareceu nas mãos do mordido, como nas de um prestidigitador. Filipp Filíppovitch penetrou fundo e, com todo cuidado, extraiu do corpo de Bolinha as glândulas seminais com seus anexos e conexos. Completamente encharcado devido ao zelo e à tensão, Bormental atirou-se sobre um vidro, retirando dali outras glândulas, molhadas, flácidas. O professor e o assistente lutaram com os cordões curtos e úmidos que escorregavam, enrolavam-se nos dedos. Ato contínuo, as agulhas curvas começaram a estalar entre os grampos, e as glândulas seminais tomaram o lugar dos testículos de Bolinha. O sacerdote endireitou-se, meteu um tampão de gaze na ferida aberta e comandou:

– Costure a pele, doutor, imediatamente!

Em seguida, olhou para o relógio redondo e branco da parede.

– Levamos quatorze minutos – deixou passar Bormental por entre os lábios contraídos enquanto espetava a agulha curva na pele flácida.

Em seguida, ambos ficaram agitados como assassinos que se apressam.

– Bisturi! – gritou Filipp Filíppovitch.

O bisturi pulou para suas mãos como que por impulso próprio, daí então o rosto de Filipp Filíppovitch tornou-se assustador. Ele arreganhou os dentes, pondo à mostra as coroas de ouro e porcelana, e, numa única incisão, recortou uma coroa vermelha na cabeça de Bolinha. Levantou o couro cabeludo rapado, expondo a caixa craniana. Filipp Filíppovitch gritou:

– Trépano!

Bormental passou-lhe uma espécie de pua reluzente. Mordendo os lábios, Filipp Filíppovitch pôs-se a cravar a pua e a perfurar ao redor do crânio de Bolinha pequenos orifícios com um centrímetro de distância um do outro, gastando não mais que cinco segundos em cada um. Depois, com uma serra de formato especial cuja extremidade fora inserida no primeiro orifício, começou a serrar, como serram essas caixas de costura de mulher. O crânio rangia suavemente, trepidava. Três minutos mais tarde, a calota craniana do cão foi retirada.

Foi então que apareceu a cúpula do cérebro de Bolinha: cinzenta com veias azuladas e manchas avermelhadas. Filipp Filíppovitch penetrou as meninges com a tesoura e seccionou-as. Feito isso, um filete de sangue jorrou, não atingindo por pouco os olhos do professor, e respingou em seu barrete. Munido de uma pinça hemostática, Bormental avançou como um tigre para estancar o jorro fino, e estancou. Escorrendo suor, o rosto de Bormental fora se tornando congestionado e manchado de várias cores. Seus olhos corriam das mãos de Filipp Filíppovitch para uma bandeja em cima da mesa. Quanto a Filipp Filíppovitch, tornara-se absolutamente assustador. Sibilos saindo pelo nariz, lábios arreganhados até as gengivas. Ele afastou o invólucro cerebral e penetrou mais para o fundo, fazendo emergir nas bordas da taça os hemisférios do cérebro. Nisso, Bormental começou a empalidecer, abarcou o peito de Bolinha com uma das mãos e disse com a voz enrouquecida:

– Pulso caindo vertiginosamente...

Filipp Filíppovitch lançou-lhe um olhar feroz, rugiu qualquer coisa e cortou mais fundo ainda. Com um estalido, Bormental partiu uma ampola de vidro, encheu a seringa e, traiçoeiramente, picou Bolinha perto do coração.

– Estou chegando à sela túrcica – rosou Filipp Filíppovitch e com as luvas ensanguentadas e escorregadias puxou para fora da cabeça o cére-

bro cinzento e amarelo de Bolinha. No mesmo instante, olhou de lado para o focinho do cachorro, e Bormental partiu imediatamente a segunda ampola com um líquido amarelo, sugando-o com a seringa comprida.

– No coração? – perguntou intimidado.

– Ainda pergunta?! – rosnou bravo o professor. – De qualquer modo, já o deixou morrer umas cinco vezes. Aplique! Será possível?! – e seu rosto foi se tornando como o de um malfeitor cheio de manhas.

O doutor, com agilidade e mão leve, cravou a agulha no coração do cachorro.

– Está vivo, mas por um fio – sussurrou intimidado.

– Agora não é hora de discutir se está vivo ou não – pôs-se a sibilar o assustador Filipp Filíppovitch –, cheguei à sela. Ele morrerá de qualquer jeito... ah, puxa vida... “Às margens sagradas...” Passe o enxerto!

Bormental passou-lhe um frasco no qual uma bolinha branca, suspensa por um fio, flutuava num líquido. Com uma das mãos (“Não existe outro igual na Europa... palavra”, pensou vagamente o assistente), ele apanhou a bolinha flutuante, e, com a outra, cortou à tesoura uma bolinha parecida, oculta nas profundezas dos hemisférios dissecados. A bolinha do cachorro foi atirada na bandeja, e a outra ele alojou no cérebro sem tirar o fio e com os dedos curtos, tornados como que por milagre mais precisos e ágeis, conseguiu, manipulando o fio ambarino, ajustá-la no lugar. Depois, retirou da cabeça alguns prendedores, pinças, colocou de volta o cérebro na caixa craniana, endireitou-se e perguntou mais calmo:

– Está morto, não?...

– Pulso fraco – respondeu Bormental.

– Mais adrenalina.

O professor cobriu o cérebro com as meninges, encaixou a calota serrada, assentou o escalpo e soltou um rugido:

– Sutura!

Bormental levou uns cinco minutos para dar os pontos na cabeça e quebrou três agulhas.

No travesseiro, sobre um fundo tingido de sangue, emergiu a cara de Bolinha, inerte, desfalecida, com uma ferida circular na cabeça. Daí então, Filipp Filíppovitch abandonou definitivamente a vítima como um vampiro saciado, arrancou uma luva, expelindo uma nuvem de talco suado, rasgou a outra, atirou-a no chão e, apertando um botão na parede, tocou a campainha. Zina surgiu à soleira e virou-se para não ver Bolinha e o sangue.

O sacerdote tirou com as mãos brancas de talco o *klobuk*<sup>28</sup> respingado de sangue e gritou:

– Um cigarro, Zina, imediatamente. Roupa de baixo limpa e banho. – Pousou o queixo na beira da mesa, abriu com dois dedos a pálpebra direita do cão, examinou o olho visivelmente moribundo e disse:

– Aí está, com os diabos. Não morreu. Bom, morrerá de qualquer maneira. Pois é, doutor Bormental, tenho pena do cachorro, era afetuoso, mas levado da breca.

## V

Caderno do doutor Ivan Bormental. Fino, em formato de caderno escolar. Preenchido com a caligrafia de Bormental. Nas duas primeiras páginas, a letra é caprichada, miúda e legível, a seguir, nervosa, com grande quantidade de borrões.

*22 de dezembro de 1924. Segunda-feira.*

### *Relatório médico*

O cachorro cobaia tem cerca de dois anos de idade. Macho. Raça: indeterminada. Nome: Bolinha. Pelame ralo em tufos, marrom com manchas, cauda cor de leite fervido, marcas de queimadura completamente cicatrizada no flanco direito. Carência alimentar até ser admitido em casa do Professor; bem nutrido após uma semana de estada. Peso: 8 quilos (ponto de exclamação).

Coração, pulmões, estômago, temperatura: normais.

*23 de dezembro.* Às oito e meia da noite foi realizada uma operação inédita na Europa, concebida pelo professor Preobrajénski: sob anestesia de clorofórmio, Bolinha teve seus testículos extraídos e no lugar deles foram transplantados testículos humanos com os respectivos epidídimos e vasos seminíferos, retirados de um homem de 28 anos, 4 horas e 4 minutos a contar do falecimento até a operação e, segundo o método do professor Preobrajénski, conservados em soro fisiológico esterilizado.

Imediatamente a seguir, após a trepanação da calota craniana, a hipófise foi extraída do cérebro e substituída por outra, proveniente do homem supracitado.

28. Cobertura de cabeça com véu, dos monges da igreja ortodoxa.

Foram aplicados 8 cc. de clorofórmio, 1 seringa de cânfora, 2 seringas de adrenalina no coração.

Objetivo da operação: realização do teste Preobrajénski de transplante conjunto de hipófise e testículos para esclarecimento de questões acerca do implante da hipófise e, posteriormente, de sua influência sobre o rejuvenescimento do organismo humano.

O professor F. F. Preobrajénski operou.

Foi assistente o doutor I. A. Bormental.

Noite seguinte à operação: quedas graves e frequentes de pulso. Expectativa de resultado letal. Doses maciças de cânfora, conforme método Preobrajénski.

*24 de dezembro.* Manhã: melhora do quadro. Respiração duplamente acelerada. Temperatura 42°. Cânfora, subcutâneas de cafeína.

*25 de dezembro.* Novo agravamento. Pulso quase imperceptível, esfriamento das extremidades, pupilas sem reação. Adrenalina no coração e cânfora, conforme método Preobrajénski. Solução fisiológica *in venae*<sup>29</sup>.

*26 de dezembro.* Ligeira melhora. Pulso 180, respiração 92. Temperatura 41°. Cânfora, alimentação por clister.

*27 de dezembro.* Pulso 152, respiração 50. Temperatura 39,8°. Pupilas reagindo. Cânfora subcutânea.

*28 de dezembro.* Melhora significativa. Sudação brusca e abundante ao meio-dia. Temperatura 37,0°. Cicatrizes da operação em estado estacionário. Medicação.

Recuperação do apetite. Alimentação líquida.

*29 de dezembro.* Queda súbita dos pelos da testa e dos flancos do tronco. Chamados para consulta o professor Vassíli Vassílievitch Bundariov, da cátedra de Dermatologia, e o diretor do Instituto de Veterinária de Moscou. Caso reconhecido como não descrito na literatura. Diagnóstico ainda não determinado. Temperatura: normal.

29. Em latim e caracteres latinos, no original: "na veia".

(*Anotações a lápis*).

À noite ocorreu o primeiro latido (8:15h.). Nota-se forte alteração de timbre e tom (para baixo). O latido passa das palavras “au, au” para as sílabas “a-i”. Pela entonação, lembra vagamente um gemido.

30 de dezembro. A queda dos pelos adquiriu características de alopecia generalizada. A pesagem apresentou resultados inesperados: 30 quilos de peso por conta do desenvolvimento (alongamento) dos ossos. O cão permanece deitado.

31 de dezembro. Apetite colossal.

(*No caderno há um borrão; em seguida, uma caligrafia apressada*).

Ao meio-dia e 12min. o cão latiu distintamente a palavra “E-x-i-e-p”!!

(*No caderno há um espaço em branco e a seguir, num erro devido à emoção, vem escrito*):

1º de dezembro (*riscado, corrigido*): 1º de janeiro de 1925.

Sessão de fotografias durante a manhã. Late distintamente “exiep”, repetindo a palavra com força e certo contentamento. Às 3 horas da tarde (*em letras maiúsculas*) ele riu (?), provocando um desmaio na criada Zina.

À noite, pronunciou oito vezes seguidas as palavras “Exiep-od-lartnec”, “Exiep”.

(*Com letra inclinada e a lápis*):

O professor decifrou as palavras “Exiep-od-lartnec”. Significam “Central do peixe”:... É algo de monstro...

2 de janeiro. Fotografado a magnésio enquanto sorria.

Levantou da cama e sustentou-se com firmeza sobre as patas traseiras. Está quase da minha altura.

(*Numa folha anexada ao caderno*).

A ciência russa por pouco não sofreu uma perda irreparável. Relatório médico do professor Preobrajénski. À 1:13 h., o professor Preobrajénski foi acometido de um desmaio profundo. Na queda, bateu a cabeça no pé de uma cadeira. *Tinct. valer*<sup>30</sup>.

30. Em latim e caracteres latinos, no original: “tintura de valeriana”.

Em nossa presença, minha e de Zina, o cão (se é que ainda pode ser chamado assim) insultou a mãe do professor Preobrajénski.

*(Interrupção das anotações).*

*6 de janeiro. (Ora a lápis, ora a tinta roxa).*

Hoje, após a queda da cauda, articulou de modo perfeitamente nítido a palavra “cerveja-ria”. Gravada em fonógrafo. Parece coisa do demo...

---

Estou perdido.

---

As consultas do professor estão suspensas. Lá do consultório, onde a tal criatura se põe a perambular a partir das cinco horas da manhã, chegam distintamente imprecações vulgares e as palavras “mais um traguinho”.

*7 de janeiro.* Ele articula boa quantidade de palavras: “Cocheiro”, “Lotado”, “Gazeta Vespertina”, “O melhor presente para seus filhos” e todos os palavrões, que só existem no vocabulário russo.

Seu aspecto é esquisito. O pelame permaneceu somente na cabeça, no queixo e peito. No resto ele está sem pelos, a pele flácida. Na região dos órgãos sexuais, é um homem em formação. O crânio aumentou consideravelmente, a testa é baixa e estreita.

---

Vou acabar enlouquecendo, palavra.

---

Filipp Filíppovitch sente-se ainda muito mal. A maioria das observações estão sendo conduzidas por mim (gravações, fotografias).

---

Pululam rumores na cidade.

---

Consequências inumeráveis. Durante o dia de hoje a travessa ficou apinhada de velhas e desocupados. Os basbaques permanecem sob as janelas até agora. Os matutinos estamparam um desmentido surpreendente:

“Boatos sobre marciano na travessa Óbukhov carecem de qualquer fundamento. Foram espalhados pelos comerciantes da praça Súkharevka, que serão rigorosamente punidos”.

Para o inferno com essa de marciano! É um pesadelo, isto sim!

---

Melhor só no jornal da tarde: escreveram que uma criança recém-nascida toca violino. Aí vem um desenho do instrumento e minha fotografia com a seguinte legenda embaixo: “Prof. Preobrajénski, autor da cesariana”. É indescritível... Nova palavra: “guarda-civil”.

Descoberta: Dária Petrovna estava apaixonada por mim e surrupiou minha foto do álbum de F. F. Depois de dispensados os repórteres, um deles insinuou-se na cozinha e etc...

O que não acontece nas horas de consulta!! Hoje foram 82 chamadas. Telefone desligado. Deu a louca nas mulheres sem prole e elas não param de chegar...

Visita do quadro completo do Comitê de Moradia, encabeçado por Schwonder. Com que finalidade, nem eles mesmos sabem.

8 de janeiro. Tarde da noite, chegamos ao diagnóstico. F. F. reconheceu seu erro como um verdadeiro cientista: o transplante da hipófise não causa o rejuvenescimento, mas a total h u m a n i z a ç ã o (*sublinhado três vezes*). Nem por isso sua descoberta formidável, maravilhosa, deixa de ter importância.

Hoje, pela primeira vez, o outro deu uma volta pelo apartamento. Riu no corredor, olhando para a lâmpada elétrica. Depois, acompanhado por Filipp Filíppovitch e por mim, entrou no gabinete. Ele se sustenta com firmeza nas patas (*riscado*)... nas pernas e causa a impressão de um homem pequeno e mal constituído.

Riu no gabinete. Seu riso é desagradável e parece artificial. Daí, ele coçou a nuca, ficou examinando tudo ao redor, e eu gravei mais uma palavra, articulada com perfeição: “burguês”. Pôs-se a praguejar. Trata-se de um praguejar metódico, incessante e, ao que parece, desprovido de qualquer sentido. Apresenta certo caráter fonográfico: como se a criatura já tivesse ouvido os palavrões nalgum lugar, registrando automaticamente todos eles no cérebro, de modo subconsciente, e agora os vomitasse aos borbotões. Mas, por outro lado, eu não sou psiquiatra, e o diabo que me carregue.

Sabe-se lá porque, os impropérios produzem em Filipp Filíppovitch efeito dos mais penosos. Há momentos em que ele extrapola a observação

fria e contida dos novos fenômenos e parece perder a paciência. De modo que, na hora dos palavrões, de repente, ele gritou nervoso:

– Chega!

Isso não produziu qualquer efeito.

Depois do passeio até o gabinete, Bolinha foi reconduzido à força para o consultório.

A seguir, tivemos uma reunião F. F. e eu. Pela primeira vez, devo confessar, vi esse homem seguro e extraordinariamente inteligente desnorteado. Cantarolando como de hábito, ele perguntou: “O que é que nós vamos fazer agora?” E ele mesmo respondeu literalmente assim: “A *Moskchviéia*<sup>31</sup>, é... ‘De Sevilha a Granada’. A *Moskchviéia*, caro doutor...” Fiquei sem entender. Ele explicou. “Peço-lhe, Ivan Arnóldovitch, que compre para ele roupas de baixo, calças e um paletó.

*9 de janeiro.* O léxico é enriquecido a cada cinco minutos (em média) por uma nova palavra e, desde a manhã de hoje, por frases. Parece que, congeladas na consciência, elas derretem e saem. Toda palavra nova emitida permanece em uso. Desde a tarde de ontem foram registradas no fonógrafo: “Não empurre”, “Canalha”, “Cai fora do estribo”, “Você vai ver só”, “O reconhecimento da América” e “Fogareiro a querosene”.

*10 de janeiro.* Chegado o momento de vesti-lo. Permitiu de bom grado que lhe vestissem a camisa de baixo, e até riu de contentamento. Recusou as cuecas, protestando com gritos roucos: “Pra fila, seus filhos da puta, pra fila!” Foi vestido. As meias ficaram grandes.

*(Seguem-se no caderno alguns desenhos esquemáticos que, segundo todos os indícios, representam a transformação de uma pata canina em pé humano.)*

Alonga-se a metade posterior do esqueleto da planta do pé (*Tarsus*<sup>32</sup>).  
*Prolongamento dos dedos. Unhas.*

Ensino sistemático e repetido do uso da privada.

A empregada anda completamente esgotada.

Mas a capacidade de compreensão da criatura é digna de registro. As coisas acabam entrando nos eixos.

31. Sigla de Confecção de Roupas de Moscou.

32. Em latim e caracteres latinos no original.

11 de janeiro. Resignou-se definitivamente ao uso das calças. Articulou uma frase longa e bem humorada, depois de apalpar as calças de Filipp Filíppovitch: “Me dá um arrebenta-peito, tua calça não tem jeito”.

O pelo da cabeça é delicado, sedoso. Fácil de confundir com cabelos. Mas ainda há mechas no sincipúcio. Hoje desapareceu a última pelugem das orelhas. Apetite colossal. Devorou um arenque com muito gosto.

Às cinco horas da tarde aconteceu: pela primeira vez as palavras articuladas pela criatura não se dissociaram do contexto, mas vieram em reação a ele. Mais precisamente, quando o professor ordenou-lhe:

– Não jogue restos de comida no chão...

Ele respondeu inesperadamente:

– Não enche, filhote de piolho.

F. F. ficou pasmo. Depois se refêz e disse:

– Se você se atrever novamente a nos insultar, a mim e ao doutor, vai levar uma bronca daquelas.

Enquanto isso eu fotografava Bolinha. Posso garantir que ele entendeu as palavras do professor. Uma sombra de desagrado perpassou-lhe o rosto. Lançou um olhar enviesado cheio de irritação, mas aquietou-se.

Hurra! Ele está entendendo.

12 de janeiro. Aprendendo a enfiar as mãos nos bolsos das calças. Insistimos para que perca o hábito de praguejar.

Assobiou. “Ai, maçãzinha”<sup>33</sup>.

Sustenta uma conversação.

Não posso me abster de algumas hipóteses: enquanto isso, o rejuvenescimento que vá para o diabo. Há outra coisa infinitamente mais importante: a magnífica experiência do professor Preobrajénski desvendou um dos segredos do cérebro humano. De agora em diante, a desconhecida função da hipófise – ou glândula pituitária – encontra-se esclarecida. Ela determina a aparência humana. Podem-se considerar seus hormônios como os mais importantes no organismo: são os hormônios da aparência. Um novo campo se abre à ciência: sem qualquer retorta de Fausto, um homúnculo foi criado. O bisturi do cirurgião trouxe à vida um novo ser humano. Professor Preobrajénski, sois o Criador! (*borrão*).

33. Canção folclórica.

Aliás, eu me desviei do assunto... Pois bem, ele consegue manter uma conversação. Suponho que tenha ocorrido o seguinte: a hipófise assimilada ativou o centro da fala no cérebro canino, fazendo jorrar uma torrente de palavras. Em minha opinião, trata-se de um cérebro que foi ressuscitado e desenvolvido, e não de um cérebro recém-criado. Oh, confirmação brilhante da teoria evolucionista! Oh, cadeia grandiosa que vai do cão ao químico Mendeliéiev<sup>34</sup>! Outra hipótese: o cérebro de Bolinha, durante o período canino de sua vida, acumulou um poço de conceitos. Todas as palavras, com as quais ele começou a operar em primeiro lugar, são palavras de rua, ele as escutou e armazenou no cérebro. Agora, ao andar pelas ruas, olho com um medo secreto para os cachorros que encontro. Sabe lá Deus o que não escondem nos cérebros.

---

Bolinha sabia ler. (*Três pontos de exclamação*) Isso eu tinha adivinhado. Por causa da Central do Peixe. Lia justamente de trás para frente. E até sei onde está a solução desse enigma: no cruzamento dos nervos óticos dos cães.

---

O que acontece em Moscou é inconcebível para a inteligência humana. Sete comerciantes da Súkharevka já estão na cadeia por espalharem boatos sobre a chegada do apocalipse por causa dos bolcheviques. Dária Petrovna estava contando e até precisou a data: 28 de novembro de 1925, no dia do reverendo mártir Stefan, a terra colidirá com o eixo celeste... Já há certos vigaristas dando conferências. Tamanho alvoroço causamos com a tal hipófise, que tive de sair correndo de meu apartamento. Mudei a pedido de Preobrajénski para a casa dele e passo a noite na sala de espera com Bolinha. O consultório foi transformado em sala de espera. Schwonder tinha razão. O Comitê de Moradia rejubilou-se com a desgraça alheia. Os armários não têm mais vidros, porque Bolinha pulava de encontro a eles. Tivemos dificuldade em desacostumá-lo.

---

Algo de terrível se passa com Filipp. Quando contei sobre minhas hipóteses e sobre a esperança de fazer de Bolinha uma personalidade psi-

34. Dmítri Ivánovitch Mendeliéiev (1834-1907), químico russo descobridor da lei periódica.

quica altamente desenvolvida, ele resmungou irônico e respondeu: “O senhor acha?” O tom é taciturno. Será que me enganei? O velho teve alguma idéia. Enquanto eu me encarrego deste relatório, ele estuda o relatório médico sobre o homem do qual retiramos a hipófise.

(No caderno, em folha avulsa).

Klim Grigórevitch Tchugúnkin<sup>35</sup>, 25 anos. Solteiro. Sem partido, simpaticante. 3 vezes levado a juízo e absolvido; na primeira vez por insuficiência de provas; na segunda, salvo pela extração social; na terceira, foi beneficiado por um *sursis*<sup>36</sup> contra 15 anos de trabalhos forçados. Furtos. Profissão: tocador de balalaica em botequins.

Estatura baixa, físico mal desenvolvido. Fígado inchado (álcool). *Causa mortis*<sup>37</sup>: facada no coração, na cervejaria Stop-Signal perto da barreira Preobrajénskaia.

O velho vive debruçado sobre o relatório médico de Klim. Não entendo qual o objetivo. Resmungou algo a propósito de não ter tido a idéia de examinar o cadáver de Tchugúnkin no necrotério. Qual o objetivo, eu não entendo. Que importa de quem é a hipófise?

17 de janeiro. Deixei de anotar durante alguns dias. Tive uma *influenza*. Nesse ínterim, a aparência estabilizou-se definitivamente.

- a) estrutura física: completamente humana;
- b) peso: cerca de 50 quilos;
- c) estatura baixa;
- d) cabeça pequena;
- e) começou a fumar;
- f) nutre-se de alimento humano;
- g) veste-se por conta própria;
- h) conversa com fluência.

Maldita hipófise! (Borrão).

35. Sobrenome formado a partir de *tchugun* (ferro fundido, gusa).

36. Em latim e caracteres latinos no original.

37. Em latim e caracteres latinos no original.

Dito isso, dou por encerrado este relatório médico. Temos à frente um novo organismo, e é preciso observá-lo desde o início.

Anexo: estenogramas das falas, notações fonográficas, fotografias.

Assinado: assistente do professor F. F. Preobrajénski

*Doutor Bormental*

## VI

Tarde de inverno. Fins de janeiro. Antes do almoço, quase hora das consultas. Acima da porta da sala de espera havia uma folha branca de papel pendurada, na qual o próprio Filipp Filíppovitch escrevera:

“Proibido comer sementes no apartamento. *F. Preobrajénski.*”

E a lápis azul, em letras grandes como bolachas, na caligrafia de Bormental:

“Proibido tocar instrumentos musicais das 5 horas da tarde às 7 da manhã.”

Em seguida, com a letra de Zina:

“Quando voltar, diga a Filipp Filíppovitch que não sei aonde ele foi. Fiódor disse que saiu com Schwonder.”

Do punho de Preobrajénski:

“Terei que esperar um século pelo vidraceiro?”

Dária Petrovna, em letra de forma:

“Zina foi até a venda. Falou que traz ele.”

Na sala de jantar era como se já fosse noite, graças à lâmpada do abajur de seda. A luz refletia-se esfacelada nos vidros quebrados do bufê, que tinham sido colados de ponta a ponta com tiras cruzadas de papel. Curvado sobre a mesa, Filipp Filíppovitch estava absorto na leitura de uma folha inteira de jornal. Lampejos desfiguravam-lhe o rosto, desfiavam-se entredentes resmungos, fiapos e rabos de palavras. Lia a seguinte notícia:

Não resta a menor dúvida, trata-se de seu filho ilegítimo (como diziam na podre sociedade burguesa). Aí está como se diverte nossa burguesia pseudo-científica! O que ela sabe mesmo é ocupar sete cômodos por pessoa; até que venha a espada incandescente da justiça fulminá-la com seus raios vermelhos.

*SCHu...r*

Alguém com o virtuosismo de um fanfarrão insistia em tocar balalaica duas paredes além, e os sons de uma engenhosa variação sobre *Au clair de la lune* misturavam-se na cabeça de Filipp Filíppovitch com as palavras da notícia, numa confusão dos diabos. Terminada a leitura, ele deu uma cuspidinha seca por cima do ombro<sup>38</sup> e, automaticamente, pôs-se a cantarolar entredentes:

– *Au clair de la lune... Au clair de la lune... Au clair de la lune...* Puxa, desembestou de vez, e dá-lhe com a maldita música!

Tocou a campainha. O rosto de Zina surgiu entre os reposteiros de tecido.

– Diga-lhe que já são cinco horas, é hora de parar. E mande-o para cá, por favor.

Filipp Filíppovitch sentou-se na poltrona junto à mesa. Entre os dedos da mão esquerda despontava o toco marrom do charuto. Junto aos reposteiros, encostado e com um pé apoiado no batente da porta, achava-se um indivíduo de baixa estatura e aparência desagradável. Os cabelos cresciam-lhe espetados na cabeça, feito moitas em campo debastado, e o rosto era uma pradaria de barba por ceifar. Testa extremamente curta. Logo acima dos pincéis negros das sobrancelhas espaçadas começava a escova grossa da cabeça.

O paletó, esburacado debaixo do braço esquerdo, estava coberto de palha, o joelho direito das calças listradas rasgado e o esquerdo manchado de tinta roxa. No pescoço, o homem atara uma gravata de um celeste violento com um alfinete de rubi falso. A cor da gravata era tão vistosa, que Filipp Filíppovitch, fechando de tempos em tempos os olhos cansados, enxergava em plena escuridão, ora no teto, ora na parede, o chamejante facho numa auréola azul. Ao abri-los, a cegueira continuava, pois do chão, irradiando leques de luz, os sapatos de verniz com polainas brancas ofuscavam-lhe a vista.

“Caem-lhe como galochas”, pensou Filipp Filíppovitch com uma sensação desagradável, deu um suspiro, e pôs-se a resfolegar, tentando acender o charuto apagado. O homem perto da porta vigiava o professor com olhos embaciados e fumava um cigarro, deixando a cinza cair no peitilho.

38. Gesto supersticioso para afastar o azar, a inveja, o mau-olhado.

O relógio de parede que ladeava a galinha de madeira bateu as cinco. Suas entranhas ainda não tinham parado de gemer quando Filipp Filíppovitch iniciou a conversa.

– Já não lhe pedi duas vezes, acho, para não dormir no *poláti*<sup>39</sup> da cozinha, ainda mais durante o dia?

O homem pigarreou fanhoso, como se estivesse engasgado com um ossinho, e respondeu:

– Os ares da cozinha são mais agradáveis.

A voz era inusitada, surda e ao mesmo tempo retumbava como num pequeno barril.

Filipp Filíppovitch meneou a cabeça e perguntou:

– De onde veio esta indecência? É da gravata que estou falando.

O homenzinho, seguindo o dedo com os olhos, revirou-os para além do lábio protuberante e contemplou amorosamente a gravata.

– “Indecência”... por quê? – começou ele – é uma gravata chique. Presente de Dária Petrovna.

– Dária Petrovna deu-lhe de presente uma porcaria. Como este par de botinas. O que significa este trambolho cheio de brilho? Onde arranhou? O que foi que eu disse? Com-prar bo-tinas de-cen-tes, e isso o que é? Vai dizer que foi escolha do Doutor Bormental?

– Falei que queria de verniz. Por acaso sou pior que os outros? Dê um pulo na Kuzniétski: todos lá usam sapatos de verniz.

Filipp Filíppovitch meneou a cabeça, pondo-se a falar em tom sério:

– Pare de dormir no *poláti*. Entendeu? Por que essa impertinência? Não vê que atrapalha? Há mulheres lá.

O rosto do homem escureceu e os beiços armaram uma tromba.

– E daí que há mulheres lá? Grande coisa! Como se fossem madames. Simples empregadas, isto sim, mas pretensiosas feito mulher de comissário. Isso tudo não passa de fofoca da Zinka!

Filipp Filíppovitch lançou-lhe um olhar severo:

– Peço que não chame Zina de Zinka. O senhor entendeu?

Silêncio.

– Estou perguntando se o senhor entendeu.

– Entendi.

39. Espécie de leito de tábuas disposto acima do fogão de lenha ou da lareira.

– Tire essa droga do pescoço. O senhor... você... o senhor se olhe num espelho para ver com o que se parece. Um palhaço. Vou pedir pela centésima vez: não jogue pontas de cigarro por aí. Não quero ouvir mais nenhum palavrão aqui dentro. Não cuspa no chão. Use a escarradeira. Utilize a latrina com cuidado. Nada de conversas com Zina. Ela reclama que o senhor vive a espreitá-la nos cantos escuros. Olhe aqui! Quem foi que respondeu a um paciente “isso é cachorrada”? Onde afinal pensa que está, num botequim ou o quê?

– O senhor vive me dando bronca, paizinho – choramingou o homem de repente.

Filipp Filíppovitch corou, seus óculos faiscaram.

– Quem aqui é seu “paizinho”? Que familiaridade é essa?! Nunca mais quero ouvir esta palavra. Deve me tratar pelo nome e patronímico.

Uma expressão insolente acendeu-se no rosto do homúnculo.

– Mas é que o senhor vive... Não cuspa. Não fume. Não vá lá... O que significa isto no final das contas? Por acaso estamos num bonde? Por que não me deixa viver em paz?! E quanto ao “paizinho”, nisso o senhor está sendo injusto. Por acaso eu lhe pedi que me operasse? – o homem ganiu indignado. – Essa é boa! Agarraram um animal, retalharam sua cabeça com uma faca, e agora o tratam com desprezo. Eu, certo, não dei permissão para ser operado. Da mesma forma (o homenzinho ergueu os olhos para o teto, como que para lembrar a fórmula adequada), da mesma forma, meus familiares também não. Eu, certo, tenho direito de abrir um processo!

Os olhos de Filipp Filíppovitch quase saltaram das órbitas, o charuto caiu-lhe da mão. “Que tipo”, passou-lhe pela cabeça.

– Com o quê – perguntou, piscando – o senhor se digna mostrar descontentamento porque o transformaram em homem? Quem sabe, o senhor prefere voltar a frequentar as lixeiras? Morrer de frio num vão de entrada? Pois é, se eu tivesse sabido...

– Mas é que o senhor vive jogando na cara: lixeira pra cá, lixeira pra lá. Eu ganhava meu pão. E se por acaso eu tivesse morrido com as facadas que me deu? Que tem a dizer sobre isso, camarada?

– Filipp Filíppovitch! – exclamou o outro. – Não sou seu camarada. Isso é abominável! “Que pesadelo, que pesadelo”, refletiu.

– Pois é, claro, sem dúvida – começou o homem com ironia, desencostando o pé num gesto de triunfo –, nós compreendemos. Não somos

camaradas à altura de Vossa Senhoria! Pudera! Nós não estudávamos em universidades, não morávamos em quinze cômodos afora os banheiros. Só que atualmente isso não vigora mais. Hoje em dia todos têm seus direitos...

Filipp Filíppovitch, empalidecendo, ouviu as argumentações do homem. Este, por sua vez, parou de falar e dirigiu-se ostensivamente ao cinzeiro com a guimba na mão. Seu andar era esculachado. Pôs-se a esmagar demoradamente a ponta de cigarro na concha com ar de provocação, como se dissesse declaradamente: “Tome! Tome!” Apagado o cigarro, ele pegou a ranger os dentes e enfiou o nariz debaixo do braço.

– É com os dedos que se catam pulgas! Com os dedos! – vociferou enfurecido Filipp Filíppovitch. – Eu não entendo onde o senhor apanha essas pulgas!

– Quer dizer que faço criação de pulgas, é? – ofendeu-se o indivíduo. – Está na cara que são elas que gostam de mim – e nisso, vasculhou com os dedos o forro embaixo da manga e lançou no ar uma nesga de algodão avermelhado e leve.

Filipp Filíppovitch volveu os olhos para as guirlandas do teto e começou a tamborilar com os dedos na mesa. O homem, depois de executar sumariamente uma pulga, foi sentar-se numa poltrona. Daí, encostou os antebraços ao longo das lapelas do paletó e deixou as mãos penderem. Seus olhos pousaram de soslaio no piso xadrez. Contemplava os sapatos, o que parecia dar-lhe um grande prazer. Filipp Filíppovitch dirigiu o olhar para os reflexos deslumbrantes que irradiavam daqueles bicos patéticos, semicerrrou as pálpebras e retomou:

– Tem mais alguma coisa para tratar comigo?

– Tem mais uma sim! Coisa simples. Documento, Filipp Filíppovitch, estou precisando de um.

Filipp Filíppovitch teve um sobressalto.

– Hm... Diacho! Documento! Realmente... Hum... É, quem sabe não tem um jeito de ficar sem ele? – sua voz exprimia hesitação, tristeza.

– Ora bolas – respondeu firme o homem –, como é possível ficar sem um documento? Essa não, vai me desculpar. O senhor mesmo sabe que é terminantemente proibido viver sem documento. A começar pelo comitê de moradia!

– E o que tem o comitê de moradia com isso?

– Como o que tem? Encontram a gente e perguntam: quando é, meu caro, dizem, que você vai se registrar?

– Meu Deus – exclamou desanimado Filipp Filíppovitch – “encontram a gente e perguntam”... Imagino o que o senhor não lhes diz. Pois eu já o proibi de bater pernas pelas escadas.

– O que sou eu, um forçado? – admirou-se o homem, e a consciência de que tinha razão fez corar até seu rubi. – Que história é essa de “bater pernas”? Suas palavras são bastante ofensivas. Eu ando, como todo mundo.

Depois disso, pôs-se a arranhar o soalho com os pés envernizados.

Filipp Filíppovitch emudeceu, seus olhos desviaram-se para o lado. “Apesar de tudo, é preciso conter-se”, pensou. Aproximando-se do bufê, esvaziou de um só trago um copo cheio de água.

– Perfeito – disse mais calmo –, esta ou aquela palavra não importa. Pois bem, o que o seu maravilhoso comitê de moradia tem a dizer?

– Como, o que ele tem a dizer? Não adianta nada chamá-lo de maravilhoso. Ele defende interesses.

– Interesses de quem, se me permite?

– Todos sabem de quem. Dos trabalhadores.

Filipp Filíppovitch arregalou os olhos.

– E desde quando o senhor é um trabalhador?

– Está na cara que *nepman*<sup>40</sup> eu não sou.

– Então, está bem. E do que precisa o comitê para defender seu interesse de trabalhador?

– O senhor sabe, precisa me registrar. Eles falam que onde já se viu uma pessoa morar em Moscou sem registro. Isso é uma coisa. Mas o principal é o alistamento militar. Não quero ser um desertor. E tem mais: o sindicato, a bolsa de empregos...

– Quer me dizer com o que vou registrá-lo? Com a toalha da mesa ou com meu passaporte?<sup>41</sup> De um modo ou de outro, tem que se levar em conta a situação! Não esqueça que o senhor... eh... hm... afinal, como dizer, é um fenômeno inesperado, de laboratório. – Filipp Filíppovitch falava com uma segurança cada vez menor.

40. Empresário do período da NEP (Nova Política Econômica), tido frequentemente pelos órgãos de propaganda como especulador.

41. Documento de identidade na URSS.

O homem calou-se triunfante.

– Perfeito. O que é preciso, no fim das contas, para registrá-lo e arrumar tudo de acordo com o plano desse tal de comitê de moradia? Afinal, nem sequer nome e sobrenome o senhor possui.

– Está sendo injusto. Nome, eu mesmo posso escolher um com a maior tranquilidade. Ponho no jornal e pronto.

– E como pretende se chamar?

O homem ajeitou a gravata e respondeu:

– Poligraf Poligráfovitch.

– Não se faça de idiota – retrucou bravo Filipp Filíppovitch –, estou falando sério com o senhor.

Uma risadinha sarcástica entortou os bigodes do homem.

– Tem coisa que não dá pra entender – começou ele com bom humor e ponderação. – Não se pode xingar a mãe. Cuspir também não se pode. E de sua parte só faço ouvir: “Idiota” e mais “idiota”. Até parece que só os professores têm permissão de xingar na RSFSR<sup>42</sup>.

Filipp Filíppovitch ficou rubro de sangue, quis encher um copo, mas quebrou-o. Enquanto matava a sede com outro, pensou: “Daqui a pouco ele vai querer me ensinar e com razão. Não consigo me controlar”.

Recuperou-se, curvou o busto numa cortesia exagerada, e disse com uma firmeza de ferro:

– Des-culpe. Ando com os nervos abalados. Achei estranho seu nome. Seria interessante saber onde é que foi arranjá-lo.

– Recomendação do comitê de moradia. Procuraram no calendário: um de seu gosto, disseram. E eu escolhi.

– Calendário nenhum deve ter algo parecido.

– Muito me admira – o homem sorriu –, pois o senhor mesmo tem um pendurado no consultório.

Sem levantar, Filipp Filíppovitch apertou o botão na parede empapelada e Zina atendeu ao chamado.

– O calendário do consultório.

Transcorreu uma pausa. Quando Zina retornou com o calendário, Filipp Filíppovitch perguntou:

– Onde?

– É comemorado em 4 de março.

42. Sigla de República Federativa Socialista Soviética Russa.

– Mostre... Hm... diacho... Jogue isso no fogo, Zina, agora mesmo. Os olhos arregalados de susto, Zina retirou-se com o calendário e o homem abanou a cabeça em sinal de desaprovação.

– Posso saber o sobrenome?

– Concordei em tomar o sobrenome hereditário.

– Como? Hereditário? Ou seja?

– Bolinhov.

No gabinete, Schwonder, o presidente do comitê de moradia, estava de pé diante da mesa, metido numa jaqueta de couro. O doutor Bormental permanecia sentado na poltrona. Além disso, o médico estampava nas faces coradas de frio (ele acabara de regressar) uma expressão tão desconcertada quanto a de Filipp Filíppovitch.

– O que devo escrever? – perguntou ele impaciente.

– Pois bem – começou Schwonder –, não é nada complicado. Escreva um atestado, cidadão professor. Assim, dizendo que o portador do presente é realmente o cidadão Poligraf Poligráfovitch Bolinhov, hm... e que nasceu, coloque assim, no seu apartamento.

Bormental remexia-se perplexo na poltrona. Filipp Filíppovitch confiava os bigodes.

– Hm... que diabo! Não consigo imaginar nada mais estúpido. Nasceu coisa nenhuma, ele na verdade... bom, numa palavra...

– Isso é problema seu – disse Schwonder, sem disfarçar uma alegria maldosa –, se nasceu ou não... Enfim, foi o senhor que fez a experiência, professor! Portanto, foi o senhor que criou o cidadão Bolinhov.

– É muito simples mesmo – latiu Bolinhov diante de uma estante de livros. Ele examinava atentamente a gravata refletida no vórtice dos vidros.

– Eu pediria encarecidamente – rosou Filipp Filíppovitch – não se intrometer na conversa. Não adianta o senhor ficar dizendo “é muito simples”, quando não é.

– Ora bolas, não devo me intrometer, – Bolinhov repetia melindrado a mesma lenga-lenga, e Schwonder apressou-se em apoiá-lo:

– Queira desculpar, professor, o cidadão Bolinhov está coberto de razão. Ele tem todo o direito de participar da discussão de um interesse pessoal, principalmente quando se trata de documentos. O documento é a coisa mais importante do mundo.

Nesse instante um tinido ensurdecedor interrompeu a conversa. Filipp Filíppovitch disse ao telefone: “Pronto...”, enrubesceu e pôs-se a gritar:

– Pediria que não me incomodasse com bobagens. O que tem a ver com isso? – E desligou com estardalhaço.

Uma alegria lívida inundou a cara de Schwonder. Filipp Filíppovitch, o rosto em chamas, berrou:

– Pronto, vamos acabar logo com isso.

Arrancou uma folha do bloco de notas e rabiscou algumas palavras que depois leu irritado, em voz alta:

– “Atesto...” Que absurdo... Hm... “que o portador deste, pessoa fruto de experiência laboratorial mediante intervenção cirúrgica no encéfalo, necessita de documentos”... Diacho! Devo dizer que sou totalmente contra tirar esses documentos idiotas. Assinado: “Professor Preobrajénski”.

– Muito me admira, professor – ofendeu-se Schwonder –, o senhor referir-se a documentos como idiotice. Não posso admitir no edifício a permanência de um morador sem documentos, e mais, sem o alistamento militar. E se de repente estoura a guerra contra os abutres imperialistas?

– Eu é que não irei à guerra – ladrou Bolinha para a estante, subitamente contrariado.

Schwonder ficou embasbacado, mas logo se refez e observou cortesmente.

– Suas palavras, cidadão Bolinhov, denotam o mais elevado grau de inconsciência. Alistar-se na junta militar é indispensável.

– Alistar eu me alisto, mas ir à guerra, aqui que eu vou – retrucou Bolinhov com hostilidade, ajeitando o nó da gravata.

Foi a vez de Schwonder ficar desconcertado. Preobrajénski trocou com Bormental um olhar malicioso e ao mesmo tempo decepcionado: “Bela moral essa, não acha?” Bormental acenou com a cabeça de modo significativo.

– Recebi ferimentos graves durante a tal intervenção – uivou sorumbático Bolinhov –, veja o arremate que me fizeram – e mostrou a cabeça. Uma cicatriz bem recente atravessava-lhe a testa.

– O senhor é um anarquista-individualista? – perguntou Schwonder. – O importante é que enviaremos à polícia o atestado do professor, e o documento lhe será entregue.

– Diga uma coisa... eh... – foi logo atalhando Filipp Filíppovitch visi-

velmente atormentado por um pensamento – será que não há um cômodo vazio no prédio? Estou disposto a comprá-lo.

Os olhos castanhos de Schwonder soltaram faíscas amareladas.

– Não, professor, sinto muito. E não há previsão.

Filipp Filíppovitch crispou os lábios e não disse palavra. O telefone voltou a tocar como um desesperado. Sem atender, Filipp Filíppovitch derrubou o fone do gancho sem mais aquela, de modo que o fone balançou um tempo e parou suspenso na ponta do fio azul. O sobressalto fôï geral. “Anda com os nervos em frangalhos, o velho”, pensou Bormental, enquanto Schwonder, os olhos faiscantes, fazia um cumprimento e saía.

Bolinhov seguiu em seu encaço, os sapatos de couro rangendo.

O professor e Bormental ficaram a sós.

Depois de uma pequena pausa, Filipp Filíppovitch sacudiu de leve a cabeça e disse:

– É um pesadelo, palavra de honra. O senhor está vendo? Juro-lhe, meu caro doutor, eu me cansei mais nestas duas semanas do que nos últimos quatorze anos. Pois o sujeitinho, vou lhe contar...

De longe veio um ruído surdo de vidro quebrado, depois elevou-se um ganido abafado de mulher que logo se extinguiu. Um ser demoníaco disparou a esbarrar nas paredes empapeladas do corredor em direção do consultório, derrubou estrondosamente alguma coisa ali, e passou correndo de volta. Portas começaram a bater e um grito sufocado de Dária Petrovna ecoou na cozinha. Nisso, Bolinhov pôs-se a uivar.

– Meu Deus! Mais esta agora! – gritou Filipp Filíppovitch, precipitando-se para a porta.

– Um gato – adivinhou Bormental, e saiu correndo atrás do professor. Eles dispararam pelo corredor, desembocaram na entrada, dali voltaram ao corredor em direção da privada e do banheiro. Zina veio voando da cozinha e colidiu em cheio com Filipp Filíppovitch.

– Quantas vezes eu disse que não queria saber de gatos em casa?! Ivan Arnóldovitch, pelo amor de Deus, vá acalmar os pacientes na sala de espera.

– No banheiro, está no banheiro, o demônio maldito – gritou Zina toda esbaforida.

Filipp Filíppovitch empurrou a porta do banheiro, mas ela não cedeu.

– Abra imediatamente!

Em resposta, algo pôs-se a pular contra as paredes do banheiro, bacias despencaram, o urro selvagem de Bolinhov ressoou abafado atrás da porta:

– Vou matar de vez...

A água começou a roncar nos canos e a correr. Filipp Filíppovitch forçava a porta disposto a derrubá-la. Banhada em suor, Dária Petrovna surgiu com o rosto desfigurado à soleira da cozinha. Nisso, a vidraça superior, que, logo abaixo do teto, ligava banheiro e cozinha, arrebentou numa fenda apodrecida e dela caíram dois cacos, daí um gato de tamanho descomunal escapou por ali, rajado como um tigre e com um laço de fita azul no pescoço, parecendo um policial. O gato aterrissou diretamente na mesa, dentro de uma travessa comprida, rachando-a no meio, pulou para o chão, rodopiou nas três patas e, agitando a direita como numa dança, escapuliu imediatamente por uma abertura estreita que dava para a escada de serviço. A abertura aumentou e no lugar do gato apontou o vulto de uma velha de lenço. A saia da velhota, salpicada de bolinhas brancas, apareceu na cozinha. A velha secou a boca desdentada com o indicador e o polegar, examinou a cozinha com os olhinhos cavados e pungentes, exclamando curiosa:

– Nosso Senhor Jesus Cristo!

Lívido, Filipp Filíppovitch atravessou a cozinha e perguntou à velha num tom ameaçador:

– O que deseja a senhora?

– Estou curiosa para dar uma olhada no cachorrinho falante – respondeu servilmente a velha e benzeu-se.

Mais lívido ainda, Filipp Filíppovitch chegou bem junto da velha e sussurrou-lhe com voz estrangulada:

– Ponha-se daqui para fora!

A velha foi recuando para a porta e, com ares de ofendida, retrucou:

– Não precisa ser tão mal-educado, senhor professor.

– Fora, já disse – repetiu Filipp Filíppovitch e seus olhos se esbugalharam como os da coruja. Bateu ele mesmo a porta de serviço atrás da velha. – Dária Petrovna, já não lhe pedi mais de mil vezes?!

– Filipp Filíppovitch – respondeu Dária Petrovna num desespero só, fechando os punhos impotentes –, o que é que eu posso fazer? O dia inteiro tem gente bisbilhotando, dá vontade de largar tudo.

No banheiro a água continuava roncando surda e ameaçadora, porém a voz emudecera. O doutor Bormental entrou.

– Ivan Arnóldovitch, me faça um grande favor... hm... quantos pacientes temos aí?

– Onze – respondeu Bormental.

– Dispense todos, hoje não vou atender.

Filipp Filíppovitch bateu à porta com os nós dos dedos e gritou:

– Faça o favor de sair imediatamente! Por que se trancou aí?

– Uh! Uh! – respondeu Bolinhov, numa débil voz de choro.

– Que diabos?... Não ouço nada. Feche a água!

– Au... uuh...

– Mandei fechar a água! O que ele andou aprontando? Não entendo! – berrou Filipp Filíppovitch no auge do furor.

Boquiabertas, Zina e Dária Petrovna olhavam desesperadas para a porta. Ao ronco da água juntou-se um ruído suspeito de cascata. Filipp Filíppovitch tornou a esmurrar a porta.

– Ele está aqui! – gritou da cozinha Dária Petrovna.

Filipp Filíppovitch correu até lá. Pela janela quebrada abaixo do teto, a cara de Poligraf Poligráfovitch assomava na cozinha. Estava crispada, os olhos chorosos e ao longo do nariz estendia-se um arranhão, flamejante de sangue fresco.

– O senhor ficou louco? – perguntou Filipp Filíppovitch. – Por que não sai daí?

Com o olhar repleto de susto, Bolinhov olhou angustiado para trás e respondeu:

– Fiquei trancado.

– Destranque a fechadura! Por acaso nunca viu uma fechadura na vida?

– Mas é que a danada encrencou – respondeu apavorado Poligraf.

– Deus do céu! Ele foi trancar a fechadura! – gritou Zina, erguendo os braços.

– Tem uma espécie de botãozinho aí – vociferou Filipp Filíppovitch, tentando encobrir o barulho da água –, empurre-o para baixo... Empurre para baixo! Para baixo! – Bolinhov desapareceu da janelinha para reaparecer no minuto seguinte.

– Nem o cão consegue enxergar – latiu aterrorizado à janela.

– Então acenda a luz! Ele está ficando hidrófobo!

– O maldito gato quebrou a lâmpada – respondeu Bolinhov –, e quando fui agarrar o salafrário pelas pernas, desatarraxei a torneira e agora não estou conseguindo achar.

Os três juntos ergueram os braços e petrificaram nessa posição. Dali a uns cinco minutos, Bormental, Zina e Dária Petróvna estavam sentados juntinhos sobre um rolo de tapete molhado, que eles empurravam com os traseiros de encontro à fresta embaixo da porta. Enquanto isso, o porteiro Fiódor, segurando acesa a vela nupcial de Dária Petrovna, trepava numa escada de madeira até a claraboia. Sua retaguarda, num quadriculado grande e cinzento, pairou no ar e sumiu na abertura.

– Du... gugu! – gritou indistintamente Bolinhov em meio ao ronco da água que, sob pressão, esguichou algumas vezes pela janelinha no teto da cozinha, estancando por fim.

A voz de Fiódor fêz-se ouvir:

– Filipp Filíppovitch, vai ter de abrir de qualquer jeito para a água escoar, daí a gente puxa para fora da cozinha!

– Então, abra! – trovejou Filipp Filíppovitch.

O trio levantou-se do tapete, a porta do banheiro foi arrombada e, no ato, uma onda rebentou no corredor. Ali, ela se dividiu em três fluxos: um que seguia até a privada em frente, outro para a cozinha à direita e para a entrada à esquerda. Chapinhando aos pulinhos, Zina bateu a porta do apartamento. Fiódor saiu com água pelo tornozelo, sorrindo sem razão aparente. Estava tão encharcado quanto o oleado.

– Quase não consigo fechar, muita pressão, – esclareceu Fiódor.

– Onde está ele? – perguntou Filipp Filíppovitch, tendo que levantar um dos pés e imprecando.

– Está com medo de sair – explicou Fiódor, sempre com o sorriso idiota.

– Vai me dar uma surra, paizinho? – a voz de choro de Bolinhov ecoou no banheiro.

– Bocó! – Filipp Filíppovitch talhou curto.

Zina e Dária Petrovna, com as saias arregaçadas até os joelhos e os pés nus, Bolinhov mais o porteiro, ambos descalços e com as calças enroladas, mergulhavam trapos úmidos no chão da cozinha, para em seguida torcê-los dentro dos baldes imundos ou na pia. O fogão crepitava abandonado à própria sorte. A água escoava pela porta, corria retumbante direto para o vão da escada, caindo finalmente no porão.

Nas pontas dos pés, dentro de uma poça funda no soalho da entrada, Bormental discutia através da abertura da porta quase fechada por uma corrente.

– Hoje não haverá consultas, o professor não está passando bem. Tenha a bondade de se afastar da porta, um cano estourou dentro de casa...

– E a consulta fica para quando? – insistia a voz atrás da porta. – É só um minutinho...

– Impossível – Bormental deslocava o peso do corpo dos bicos para os saltos –, o professor está em repouso, e o cano estourou. Amanhã, por favor. Zina! Minha cara! Passe um pano aqui, do contrário vai molhar a escada principal.

– Assim não há trapo que chegue.

– Agora vamos tirar a água com canecas – retrucou Fiódor. – E rápido!

A campainha tocava sem parar, e Bormental já estava com as solas inteiras dentro d'água.

– E quando vai ser a operação? – importunava uma voz, tentando insinuar-se pela abertura.

– Estourou um cano...

– Eu vim de galochas...

Sombras azuladas aglomeravam-se do outro lado da porta.

– Impossível, queira retornar amanhã.

– Mas tenho hora marcada.

– Amanhã. Houve uma catástrofe com o encanamento.

Enquanto Fiódor pelejava num lago aos pés do médico, raspando a caneca, Bolinhov, cheio de arranhões, inventou uma novidade. Fez um rolo enorme de trapo, deitou-se de barriga na água e, com ele, pôs-se a empurrá-la de volta para dentro, até a privada.

– Não faça isso, diabinho. Está querendo alagar todo o apartamento? – esbravejava Dária Petrovna. – Vá torcer o pano na pia.

– Lá vem você com a pia – respondia Bolinhov, barrando a água turva com os braços –, vai inundar a entrada do prédio!

Do corredor ecoou o rangido de um banquinho e Filipp Filíppovitch, calçando meias azuis listradas, empoleirou-se nele, tendo que se equilibrar.

– Ivan Arnóldovitch, não atenda mais. Venha até meu quarto que lhe darei um par de chinelos.

– Não precisa, Filipp Filíppovitch, é coisa à toa.

- Calce as galochas, então.
- Não precisa mesmo. De qualquer modo meus pés já estão molhados.
- Ah, meu Deus! – afligia-se Filipp Filíppovitch.
- Belo prejuízo deu o bicho – disse Bolinhov de repente, de cócoras e com uma sopeira nas mãos.

Bormental bateu a porta, não resistiu e desatou a rir. As narinas de Filipp Filíppovitch dilataram-se e os óculos lançaram fagulhas.

– De quem o senhor está falando? – perguntou a Bolinhov do alto de seu banquinho. – Posso saber?

– Estou falando do gato. Aquele miserável – respondeu Bolinhov, desviando o olhar.

– Sabe de uma coisa, Bolinhov? – retrucou Filipp Filíppovitch, retomando o fôlego. – Nunca vi tanto descaramento numa só criatura.

Bolinhov esboçou uma risadinha.

– O senhor – prosseguiu Filipp Filíppovitch –, não passa de um descarado. Como se atreve a dizer isso? Aprontou tudo sozinho e ainda se permite... Essa não! É uma pouca vergonha!

– Bolinhov, queira me dizer, por gentileza – começou Bormental –, por quanto tempo ainda continuará correndo atrás de gatos? Crie vergonha na cara! Que coisa mais feia!

– Um selvagem!

– Selvagem, eu? – retrucou Bolinhov, fechando a cara. – Selvagem coisa nenhuma! O que eu não posso é tolerar um gato dentro de casa. Só vive procurando o que roubar. Abocanhou o recheio de Dária Petrovna. Queria dar uma lição nele.

– É o senhor que está precisando de uma! – rebateu Filipp Filíppovitch. – Olhe-se num espelho.

– Por pouco não perdi a vista – observou amuado Bolinhov, tocando o olho com a mão enegrecida e molhada.

Quando o soalho enegrecido pela enxurrada secou um pouco mais, todos os espelhos ficaram cobertos por uma camada de vapor, e a campainha parou de tocar. Filipp Filíppovitch estava plantado na entrada com seus chinelos de marroquim vermelho.

– Tome, Fiódor.

– Fico imensamente grato.

– Vá se trocar imediatamente. Mas antes passe na cozinha para um gole de vodka.

– Muito agradecido – Fiódor titubeou, depois disse: – Tem mais uma coisa Filipp Filíppovitch. O senhor me desculpe, tenho até vergonha. Mas tem o vidro do apartamento sete... O cidadão Bolinhov andou atirando pedras...

– No gato? – perguntou Filipp Filíppovitch, carregado como uma nuvem.

– Pois aí é que está, foi no dono do apartamento. Agora ele ameaça com um processo.

– Diacho!

– Bolinhov andou agarrando a cozinheira dele, e o sujeito o expulsou de lá... Em suma, brigaram.

– Pelo amor de Deus, não deixe de me avisar imediatamente sobre essas coisas... Quanto é que devo?

– Um rublo e meio.

Filipp Filíppovitch puxou foras três moedas brilhantes de cinquenta copeques e entregou a Fiódor.

– Era o que faltava: desembolsar um rublo e meio por causa daquele sem-vergonha – uma voz surda ressoou perto da porta –, mas ele me paga...

Filipp Filíppovitch virou-se, mordeu o lábio e, sem nada dizer, foi empurrando Bolinhov para a sala de espera e o trancou a chave. Lá de dentro, Bolinhov começou a esmurrar a porta.

– Não se atreva! – exclamou Filipp Filíppovitch com a voz visivelmente abalada.

– Pois é, a bem da verdade – observou Fiódor com ar significativo –, tão desaforado assim eu nunca vi na minha vida...

Bormental como que brotou do chão.

– Filipp Filíppovitch, não se exalte, por favor.

O enérgico esculápio abriu a porta da sala de espera e de lá suas palavras ecoaram:

– O senhor pensa que está num boteco, pensa?

– Bem feito... – acrescentou categórico Fiódor – bem feito mesmo...

Mas ainda podia levar uns tabefes no pé do ouvido...

– Vamos, Fiódor, pode deixar – resmungou tristemente o professor.

– Ora, sinto pelo senhor, Filipp Filíppovitch.

## VII

– Não, não e não – insistiu Bormental –, faça o favor de colocar.

– Que saco, vou te dizer – resmungou Bolinhov contrariado.

– Agradeço-lhe, doutor – disse afetuosamente Filipp Filíppovitch –, pois eu já cansei de chamar a atenção dele.

– De qualquer modo, não permitirei que coma enquanto não colocar. Zina, pode tirar a maionese de Bolinhov.

– Que negócio é este de “pode tirar”? – afligiu-se Bolinhov. – Já ia colocar.

Protegendo o prato com a mão esquerda para Zina não o tirar, enfiou com a direita o guardanapo no colarinho e ficou parecendo um fre-guês de barbearia.

– E use o garfo, por favor – acrescentou Bormental.

Bolinhov soltou um longo suspiro e pôs-se a pescar pedaços de esturjão no molho denso.

– Vou beber mais uma vodka – disse com ar interrogativo.

– Ainda não está satisfeito? – retrucou Bormental. – Anda abusando muito da vodka ultimamente.

– Isso incomoda o senhor? – rebateu Bolinhov, olhando de soslaio.

– Está dizendo tolice... – interveio Filipp Filíppovitch com severidade, porém foi interrompido por Bormental.

– Não se preocupe, Filipp Filíppovitch. Deixe por minha conta. Bolinhov, o senhor vive dizendo bobagens, e o mais revoltante: fala num tom categórico, como se fosse o dono da verdade. Não é pela vodka, certamente, que eu me incomodo, ainda mais que não é minha, mas de Filipp Filíppovitch. É porque faz mal. Primeira coisa, e segunda: mesmo sem vodka, o senhor já se comporta de modo inconveniente. – Bormental apontou os vidros colados do bufê. – Zinucha, quer me servir mais peixe, por favor?

Nesse ínterim, Bolinhov esticou-se até a garrafa e, lançando a Bormental um olhar de esguelha, encheu o cálice.

– É costume servir os outros antes – disse Bormental –, assim: primeiro para Filipp Filíppovitch, depois para mim e por último para si próprio.

Um sorriso de escárnio, quase imperceptível, aflorou nos lábios de Bolinhov enquanto ele servia a vodka nos cálices.

– Tudo aqui em casa funciona como numa cerimônia – desandou ele –, guardanapo pra cá, gravata pra lá, e “com licença”, e “por favor”, “*merci*”<sup>43</sup>, mas o que importa mesmo, isso não! Vivem se torturando como nos tempos do tzar.

– E o que viria a ser este “o que importa mesmo”, quer me dizer?

Bolinhov não respondeu a Filipp Filíppovitch, mas levantou o cálice num brinde:

– Pois bem, desejo saúde a todos...

– E para o senhor também – devolveu Bormental, com uma ponta de ironia.

Bolinhov despejou a vodka goela abaixo, crispou-se, levou um pedaço de pão ao nariz, farejou e depois engoliu, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

– Os antecedentes – disse de repente Filipp Filíppovitch com voz entrecortada e como que se retraindo.

Bormental voltou os olhos para ele, estarecido.

– Perdão...

– Os antecedentes – repetiu Filipp Filíppovitch e balançou a cabeça amargurado. – Nada se pode fazer. Klim!

Bormental cravou os olhos penetrantes em Filipp Filíppovitch, com o mais vivo interesse.

– O senhor acha, Filipp Filíppovitch?

– Não se trata de achar, tenho certeza.

– Será que... – começou Bormental e parou, lançando um olhar torto a Bolinhov. Este, por sua vez, fechou a cara desconfiado.

– *Später*<sup>44</sup>... – disse Filipp Filíppovitch, baixando a voz.

– *Gut*<sup>45</sup>, – respondeu o assistente.

Zina trouxe o peru. Bormental serviu vinho tinto a Filipp Filíppovitch e ofereceu a Bolinhov.

– Não quero. Prefiro vodka – seu rosto parecia untado, a fronte estava coberta de suor e ele mais alegre. Até Filipp Filíppovitch animou-se um pouco depois do vinho. Seus olhos desanuviaram, olhava com mais benevolência para Bolinhov, cuja cabeça escura assentada no guardanapo lembrava mosca em cima de nata.

43. Em francês transliterado, no original.

44. Em alemão, no original: “Mais tarde”.

45. Em alemão, no original: “Está bem”.

Sentindo-se revigorado, Bormental deu mostras de sua boa disposição.

– E então, o que eu e o senhor vamos fazer esta noite? – perguntou a Bolinhov.

O outro piscou os olhos e respondeu:

– Vamos ao circo: não tem coisa melhor.

– Ao circo todos os dias – observou com indulgência Filipp Filíppovitch –, acho muito maçante. Em seu lugar, eu iria pelo menos uma vez ao teatro.

– Ao teatro é que eu não vou – rebateu com hostilidade Bolinhov, fazendo o sinal da cruz sobre a boca.

– Arrotar à mesa tira o apetite alheio – observou maquinalmente Bormental. – Desculpe-me... Mas por que não lhe agrada o teatro?

Bolinhov olhou através de um copo vazio como num binóculo, e fez um muxoxo.

– Enrolam demais... E dá-lhe conversa fiada... É a contrarrevolução.

Filipp Filíppovitch recostou-se no espaldar gótico e desatou numa risada que fez reluzir a paliçada de ouro que tinha na boca. Bormental limitou-se a sacudir a cabeça.

– O senhor deveria ler um bocadinho – propôs –, do contrário, sabe que...

– Quem diz que eu não leio? Leio... – replicou Bolinhov, e, de repente, com mão leve e rápida serviu-se de mais meio cálice de vodka.

– Zina! – gritou alarmado Filipp Filíppovitch. – Leve a vodka, minha filha. Já basta. E o que anda lendo? – um quadro surgiu repentinamente em sua cabeça: uma ilha deserta, um homem vestindo peles de animais e barrete... “Preciso dar-lhe o *Robinson*...”<sup>46</sup>

– A... como se chama?... a correspondência de Engels<sup>47</sup> com um tal de... como é o nome dele, diabo?... Kautsky<sup>48</sup>.

Bormental parou o garfo com um pedaço de carne branca na metade do caminho, Filipp Filíppovitch derramou o vinho. Enquanto isso, Bolinhov aproveitou para esvaziar o cálice.

46. *Robinson Crusoe*, romance de aventuras do escritor e ensaista inglês Daniel Defoe (1661-1731).

47. Friedrich Engels (1820-1895), socialista alemão, teórico do socialismo científico juntamente com K. Marx.

48. Karl Kautsky (1854-1938), um dos líderes da social-democracia alemã e da II Internacional. Criticado violentamente por Lênin em vários ensaios, foi banido na URSS do panteão dos teóricos do socialismo.

Filipp Filíppovitch apoiou os cotovelos na mesa, encarou Bolinhov e perguntou:

– E posso saber o que tem a dizer a respeito do que já leu?

Bolinhov deu de ombros.

– Bem, é que eu não estou de acordo.

– Com quem? Engels ou Kautsky?

– Com nenhum dos dois – respondeu Bolinhov.

– Isto é incrível, juro por Deus. “De todas, quem disser que outra...”

E o que tem a propor de sua parte?

– Mas como propor?... É um tal de escrever que não acaba mais... o Congresso, os alemães... Parece que a cabeça da gente vai estourar. Pegar tudo e dividir.

– Era o que eu pensava – exclamou Filipp Filíppovitch, batendo a mão espalmada na toalha –, sem tirar nem pôr!

– Saberá dizer de que maneira? – interessou-se Bormental.

– Seja da maneira que for – explicou Bolinhov, que a vodka tornara mais loquaz –, a coisa não é complicada. Senão, o que acontece? Um sujeito ocupa sozinho sete cômodos, tem quarenta pares de calças, enquanto outro tem que correr de lixeira em lixeira para arranjar comida.

– A propósito dos sete cômodos, é a mim que o senhor está aludindo? – perguntou Filipp Filíppovitch, entrefechando os olhos com altivez.

Bolinhov retraiu-se e não abriu a boca.

– Está bem, vá lá, não sou contra a divisão. Doutor, quantas pessoas dispensou ontem?

– Trinta e nove – respondeu prontamente Bormental.

– Hm... Trezentos e noventa rublos. Bom, divididos por três homens. As damas, Zina e Dária Petrovna, não vamos contar. Sua parte, Bolinhov, corresponde a cento e trinta rublos. Portanto faça o favor de pagar.

– Essa é boa – rebateu Bolinhov com cara de susto –, e por que pagaria?

– Pela torneira e pelo gato – urrou de repente Filipp Filíppovitch, abandonando o estado de irônica placidez.

– Filipp Filíppovitch – exclamou alarmado Bormental.

– Espere. Pela baderna que o senhor promoveu e que nos obrigou a suspender as consultas. É intolerável que uma pessoa viva aos pulos pela casa inteira, como um homem das cavernas, que arranque torneiras... Quem matou o gato da senhora Pollassúkher? Quem...

– Antes de ontem na escadaria, o senhor mordeu uma senhora – disparou Bormental.

– O senhor... – rugiu Filipp Filíppovitch.

– Mas é que ela me deu um tabefe nas fuças – ganiu Bolinhov –, e o meu focinho não é coisa pública.

– Por ter dado um beliscão no seio da mulher – pôs-se a gritar Bormental, derrubando uma taça –, o senhor...

– O senhor encontra-se num grau de desenvolvimento dos mais ínfimos – gritou Filipp Filíppovitch mais alto –, o de um ser ainda em formação, com a capacidade intelectual de um debilóide. Toda sua conduta é nitidamente animalesca. E agora vem o senhor, com seu atrevimento insuportável, e na presença de duas pessoas de nível universitário, fazer observações de uma escala cósmica e de uma estupidez também cósmica sobre divisão de bens! Não foi o senhor que outro dia encheu o bucho de pó dentifício?

– Antes de ontem – confirmou Bormental.

– Não disse? – trovejou Filipp Filíppovitch. – A verdade está diante do seu nariz! A propósito, por que tirou dele a pomada de óxido de zinco? Meta uma coisa na cabeça: o senhor deve se calar e ouvir o que estão lhe dizendo. Deve estudar para se tornar um membro da sociedade socialista minimamente aceitável! A propósito, quem foi o miserável que lhe forneceu o livro?

– Todo mundo é miserável para o senhor – respondeu Bolinhov assustado e aturdido com o ataque em duas frentes.

– Até posso adivinhar – exclamou Filipp Filíppovitch, vermelho de raiva.

– Então está bem. Foi o Schwonder que me deu. Ele não é um miserável. É para o meu desenvolvimento.

– Estou vendo como o senhor se desenvolveu depois de Kautsky! – estrilou Filipp Filíppovitch, amarelando, e apertou furioso o botão na parede. – O acontecimento de hoje demonstra isso cabalmente! Zina!

– Zina! – gritou Bormental.

– Zina! – urrou Bolinhov aterrorizado.

Zina veio correndo, pálida.

– Zina! Lá na sala de espera... Está na sala?

– Está – respondeu Bolinhov docilmente –, é verde, como sulfato de ferro.

– Um livro verde...

– Não atire no fogo! – exclamou Bolinhov desesperado. – É público, é da biblioteca!!

– Chama-se *Correspondência*... como é mesmo?... De Engels com aquele diabo... Direto no fogo!

Zina virou-se e saiu voando.

– Por mim, eu enforcaria o tal Schwonder no primeiro galho, palavra de honra! – exclamou Filipp Filíppovitch, cravando furiosamente os dentes numa asa de peru. – Um tremendo porcalhão que se instalou no prédio como um abcesso. Além do quê, ele escreve as difamações mais insensatas nos jornais...

Bolinhov lançou ao professor um olhar com o rabo dos olhos, repleto de ironia e de maldade. Filipp Filíppovitch, por sua vez, devolveu o olhar torto e emudeceu.

“Oh, parece que doravante as coisas aqui em casa irão de mal a pior”, intuiu profeticamente Bormental.

Zina trouxe numa travessa redonda um pão doce tostado de um lado e corado do outro, mais a cafeteira.

– Eu é que não vou comer essa droga – foi logo dizendo Bolinhov, num tom provocador e agressivo.

– Ninguém o convidou mesmo. Tenha modos. Doutor, sirva-se.

A refeição terminou em silêncio.

Bolinhov tirou um cigarro amassado do bolso e pôs-se a soltar bafo-radas. Depois do café, Filipp Filíppovitch olhou o relógio, apertou um botãozinho e ele tocou suavemente as oito e um quarto. Como era seu hábito, Filipp Filíppovitch recostou-se no espaldar gótico e apanhou o jornal da mesinha.

– Doutor, por gentileza, vá com ele ao circo. Só que, pelo amor de Deus, veja no programa se não há gatos.

– E como é que deixam entrar canalhas no circo? – observou carran-cudo Bolinhov, meneando a cabeça.

– Bom, deixam entrar outros também – replicou Filipp Filíppovitch, num tom ambíguo. – O que estão levando nos circos?

– No Solomónski – leu Bormental – tem os quatro... lússems e o ho-mem-bala.

– O que são lússems? – informou-se desconfiado Filipp Filíppovitch.

– Vai-se saber. Estou vendo a palavra pela primeira vez.

– Bom, então é melhor ver no Nikítin. Tudo tem que estar claro.

– No Nikítin... Nikítin... hm... elefantes e o limite da agilidade humana.

– Pois bem. O que tem a dizer a respeito dos elefantes, meu caro Bolinhov? – perguntou Filipp Filíppovitch num tom cético.

Bolinhov ficou ofendido.

– Ora, o senhor acha que não sou capaz de entender? Gato é gato, mas os elefantes são animais úteis – respondeu Bolinhov.

– Então, perfeito. Já que são úteis, vá dar uma olhada neles. Obedeça a Ivan Arnóldovitch. E nada de conversa fiada no bufê. Ivan Arnóldovitch, por favor, não dê cerveja a Bolinhov.

Dez minutos mais tarde, Ivan Arnóldovitch e Bolinhov, que vestia um boné com viseira e um sobretudo grosso de lã com a gola erguida, partiram rumo ao circo. O sossego instalava-se no apartamento. Filipp Filíppovitch dirigiu-se ao gabinete. Acendeu a luz do pesado abajur verde, mergulhando o gabinete num mar de tranquilidade, e pôs-se a andar de um lado para o outro. A brasa branco-esverdeada brilhou durante um bom tempo na ponta do charuto. O professor enfiou as mãos nos bolsos das calças e um pensamento atroz marcava sua fronte alta de cientista. Ele estalava a língua, cantarolava entredentes “Às margens sagradas do Nilo...” e resmungava uma coisa qualquer. Por fim, pousou o charuto no cinzeiro, aproximou-se de um armário com os vidros ainda intactos, e as três lâmpadas fortíssimas do teto iluminaram todo o gabinete. Filipp Filíppovitch pegou um frasco estreito da terceira prateleira de vidro do armário e, franzindo o cenho, pôs-se e examiná-lo contra a luz. No líquido transparente e denso flutuava, sem afundar, a bolota esbranquiçada que fora extraída das profundezas do cérebro de Bolinhov. Dando de ombros e resmungando com os lábios crispados, Filipp Filíppovitch devorava-a com os olhos, como se quisesse enxergar na bolinha inafundável a causa daquele acontecimento extraordinário que virara de pernas para o ar a vida no apartamento da Pretchístenka.

É muito provável que o ilustre cientista tenha conseguido seu intento. Pelo menos, quando se fartou de contemplar a hipófise, ele tratou de esconder o frasco no armário, passou-lhe a chave e guardou-a no bolso do colete. Em seguida, com a cabeça enterrada nos ombros e as mãos nos bolsos do paletó, deixou-se cair no sofá de couro. Um segundo charuto, cuja extremidade ela mascava sem parar, foi lentamente consumido e, por

fim, na mais completa solidão e todo banhado de verde como um Fausto encanecido, exclamou:

– Acho que vou tomar uma decisão, juro!

Não houve resposta. Reinava absoluto silêncio no apartamento. Pois, como se sabe, às onze horas cessa o movimento na travessa Óbukhov. De raro em raro, os passos de um retardatário ecoavam ao longe, ressoavam nalgum lugar além da cortina e se extinguíam. No gabinete, expandia-se o tique-taque suave do relógio que Filipp Filíppovitch manipulava no bolsinho. O professor aguardava com impaciência a volta do doutor Bormental e de Bolinhov.

### VIII

Ignora-se qual tenha sido a decisão tomada por Filipp Filíppovitch. Durante a semana seguinte, ele não empreendeu nada de especial e sua inércia pode ter sido a causa da enxurrada de acontecimentos que inundou a rotina doméstica.

Cerca de seis dias após a história da água e do gato, o moço do comitê de moradia, o que revelara ser mulher, procurou Bolinhov para entregar-lhe os documentos. Bolinhov tratou de metê-los sem demora no bolso do paletó e foi logo chamando o médico:

– Bormental!

– Bormental, não! Faça o favor de me chamar pelo nome e patronímico – retrucou o médico, mudando de expressão. Vale observar que naqueles seis dias o cirurgião achara de brigar pelos menos oito vezes com seu pupilo e a atmosfera nos aposentos da Óbukhov tornou-se irrespirável.

– Então me chame também pelo nome e patronímico – revidou Bolinhov com uma lógica irrefutável.

– Não! – trovejou Filipp Filíppovitch à porta. – Não permitirei que seja tratado por um nome e patronímico desses aqui em casa. Se não quer ser tratado familiarmente de “Bolinhov”, tanto eu como o doutor Bormental passaremos a chamá-lo de “senhor Bolinhov”.

– Senhor, coisa nenhuma, os senhores estão todos em Paris!<sup>49</sup> – ladrrou Bolinhov.

49. Referência à emigração ocorrida após a Revolução.

– Isso é obra de Schwonder! – gritou Filipp Filíppovitch. – Tudo bem, logo, logo irei ajustar as contas com esse miserável. Enquanto eu morar neste apartamento, aqui só haverá senhores! Caso contrário, um de nós terá que se mudar, e o mais provável é que seja o senhor. Coloco hoje mesmo um anúncio nos jornais e pode ter certeza de que hei de encontrar um quarto para o senhor.

– Ora essa, bobo eu se me mudar daqui – respondeu Bolinhov, destacando as palavras.

– Como? – perguntou Filipp Filíppovitch e foi mudando de cor até Bormental acercar-se dele e segurá-lo pela manga, num misto de ternura e inquietação.

– Queira conter seus arroubos de insolência, *monsieur*<sup>50</sup> Bolinhov! – disse Bormental, elevando bem a voz. Bolinhov recuou, puxou do bolso três papéis, um verde, um amarelo e um branco, e, batendo neles com os dedos, desandou a falar:

– Aqui está. Sou membro da Associação de Moradores, e a área habitável que me cabe por direito no apartamento cinco, residência do locatário Preobrajénski, é de onze metros quadrados – Bolinhov refletiu e acrescentou uma expressão que Bormental registrou maquinalmente na cabeça como nova: – Cumpra-se.

Filipp Filíppovitch mordeu o lábio e, num descuido, deixou escapar:

– Juro que vou acabar dando um tiro nesse Schwonder!

Bolinhov deixou transparecer pelos olhos o quanto levava em consideração essas palavras.

– Filipp Filíppovitch, *vorsichtig*<sup>51</sup>... – preveniu Bormental.

– É isso mesmo... Depois de um infâmia dessas!... – gritou Filipp Filíppovitch em russo. – Veja bem, Bolinhov... senhor Bolinhov, se continuar com seus ataques de insolência, vou privá-lo das refeições e de qualquer alimento em minha casa. Onze metros quadrados! Tem graça! Mas este papel saltitante não me obriga a alimentá-lo, pois não?

Nesse instante, Bolinhov levou um susto e escancarou a boca.

– Sem comida eu não posso ficar – balbuciou –, onde é que eu vou comer?

– Então, comporte-se! – arrematou em unísono a dupla de esculápios.

50. Em francês transliterado, no original: “senhor”.

51. Em alemão, no original: “cuidado”.

Bolinhov arrefeceu consideravelmente e nesse dia não causou mais danos a ninguém, exceto a si próprio: aproveitando uma breve ausência de Bormental, ele se apoderou da navalha do médico e fez um corte tão feio num dos zigomas, que Filipp Filíppovitch e o doutor precisaram dar alguns pontos no talho, enquanto Bolinhov uivava, debulhado em lágrimas.

Na noite seguinte, havia duas pessoas sentadas na penumbra verde do gabinete do professor, o próprio Filipp Filíppovitch e seu fiel e devotado Bormental. Os outros da casa já dormiam. Filipp Filíppovitch vestia seu roupão azulado e os chinelos vermelhos, e Bormental estava em mangas de camisa e com suspensórios azuis. Sobre a mesa redonda entre os médicos, ao lado de um álbum bem grosso, havia uma garrafa de conhaque, um pratinho com rodela de limão e uma caixa de charutos. Na sala toda esfumaçada, os cientistas mantinham uma acalorada discussão acerca do último acontecimento: naquela noite Bolinhov apropriara-se de duas notas de dez rublos que estavam sob um peso de papéis no gabinete de Filipp Filíppovitch, desaparecera de casa, retornando tarde e completamente embriagado. Como se não bastasse, chegara na companhia de dois sujeitos que subiram a escadaria principal fazendo barulho e manifestaram o desejo de pernoitar ali como hóspedes de Bolinhov. Os tais indivíduos somente se retiraram quando Fiódor, que presenciara a cena vestido com seu casaco de meia-estação sobre a camisola de dormir, telefonou para o 45º distrito policial. Tão logo Fiódor acabara de pendurar o fone, os dois já tinham ido embora. Após a partida de ambos, deram pelo sumiço de um cinzeiro de malaquita que ficava no aparador da entrada, do gorro de castor de Filipp Filíppovitch e também de sua bengala, que ostentava a seguinte inscrição engastada a ouro: “Ao caro e estimado Filipp Filíppovitch, com a gratidão dos internos no dia dos...”, depois vinha xxv em romanos.

– Quem são esses? – perguntava Filipp Filíppovitch, ameaçando Bolinhov com os punhos.

O outro, cambaleando e agarrando-se aos casacos de peles, engrolou algo sobre não conhecer os indivíduos, que não eram filhos de uma cade-la vagabunda, mas bons camaradas.

– O mais extraordinário de tudo é que estavam ambos caindo de bêbados. Como foi que conseguiram?! – surpreendeu-se Filipp Filíppovitch, olhando para o lugar onde antes ficava a lembrança do jubileu.

– São profissionais – explicou Fiódor, retirando-se para dormir, com um rublo no bolso.

Sobre os vinte rublos Bolinhov negou com veemência e, além disso, insinuou algo obscuro a respeito de, bem, não ser ele o único morador do apartamento.

– Espere aí! Quem sabe não foi o doutor Bormental que surrupiou as notas, hein? – informou-se Filipp Filíppovitch em voz baixa mas terrível.

Mal se aguentando nas pernas, Bolinhov arregalou bem os olhos e avançou uma hipótese:

– Ou talvez, Zinka tenha pego...

– O que foi que disse? – gritou Zina, que aparecera à porta como um fantasma, fechando a blusinha desabotoada no peito com a mão espalmada. – Mas como é que ele...

O pescoço de Filipp Filíppovitch tingiu-se de vermelho.

– Calma, Zinucha – disse ele, estendendo o braço para ela –, não se preocupe, nós daremos um jeito nisso tudo.

Zina pôs a boca no mundo, abriu um berreiro daqueles e a mão pousada em sua clavícula começou a trepidar.

– Zina, não se envergonha? Quem vai suspeitar de você? Ufa, que vergonha! – disse Bormental desconcertado.

– Vamos, Zina, Deus me perdoe, mas está sendo tola – começou Filipp Filíppovitch.

Mas daí o choro de Zina estancou por conta própria e todos ficaram em silêncio. Bolinhov passava mal. Batia com a cabeça na parede, emitia sons intermediários entre o “i”, o “e”, mais para “ééé”. O rosto lívido, o maxilar convulsivamente apertado.

– Um balde para este porco, o do consultório!

E foi a maior correria para tratar do mal-estar de Bolinhov. Enquanto o levavam para dormir, cambaleando nos braços de Bormental, ele soltava uma enxurrada doce e melodiosa de palavrões articulados com dificuldade.

Toda essa história acontecera perto da uma, e já eram quase três da madrugada, porém os dois no gabinete permaneciam em vigília, embalados pelo conhaque com limão. Tinham fumado tanto que a fumaça deslocava-se em camadas densas e lentas, sem sequer ondular.

O doutor Bormental soergueu-se, pálido, com os olhos bem firmes, levantou o cálice pela haste finíssima.

– Filipp Filíppovitch – exclamou comovido –, nunca esquecerei que eu, um estudante morto de fome, vim procurá-lo e o senhor me acolheu em

sua cátedra. Acredite, Filipp Filíppovitch, para mim o senhor é bem mais que um professor, que um mestre... Tenho o senhor em altíssima conta... Permita-me beijá-lo, querido Filipp Filíppovitch.

– Pois não, meu caro... – mugiu constrangido Filipp Filíppovitch, levantando-se ao encontro do outro. Bormental abraçou-o e pespegou-lhe um beijo nos bigodes fartos e fortemente impregnados de fumo.

– Juro-lhe, Filipp Filí...

– O senhor me deixou muito emocionado... muito mesmo... Obrigado – dizia Filipp Filíppovitch –, meu caro, às vezes durante as operações eu berro com o senhor. Perdoe a irascibilidade de um velho. No fundo, sou uma pessoa tão solitária... “De Sevilha a Granada...”

– Filipp Filíppovitch, que vergonha o senhor dizer isso!... – protestou com sinceridade o ardoroso Bormental. – Se não quer que fique magoado, não me fale mais deste jeito.

– Está bem, obrigado... “Às margens sagradas do Nilo...” Obrigado... Eu também me afeiciei ao senhor como médico talentoso que é.

– Pois vou lhe dizer uma coisa, Filipp Filíppovitch... – exclamou Bormental com enlevo, indo depressa fechar bem a porta que dava para o corredor, e, ao voltar, continuou em voz baixa: – É a única saída. Longe de mim querer dar conselhos ao senhor, Filipp Filíppovitch, mas olhe para si, está completamente estafado, assim não dá mais para trabalhar!

– Não dá mesmo! – confirmou Filipp Filíppovitch com um suspiro.

– Pois então, isso é inadmissível – cochichou Bormental –, da última vez o senhor falou que temia por mim, e se soubesse, caro professor, como me comoveu... Acontece que já não sou mais criança e compreendo muito bem as terríveis consequências que isso pode acarretar. Mas estou profundamente convencido de que não há outra saída.

Filipp Filíppovitch levantou-se, negaceando com os braços, e exclamou:

– Não me tente, nem fale nisso – o professor pôs-se a andar pelo gabinete, revolvendo as ondas de fumaça –, não quero ouvi-lo. Sabe o que aconteceria se nos apanhassem. Tanto eu como o senhor, apesar de ser nossa primeira condenação, não conseguiríamos escapar “tendo em vista a extração social”. E pelo que sei, sua extração social também não é das mais convenientes, não é, meu caro?

– Que nada, diacho... Meu pai era juiz de instrução em Vilna – respondeu acabrunhado Bormental, terminando seu conhaque.

– Aí é que está, nada conveniente. Péssima hereditariedade. Mais prejudicial impossível de imaginar. Aliás, perdão, a minha é pior ainda. Meu pai era arcepreste de uma catedral. “De Sevilha a Granada. Na penumbra silenciosa das noites...” Para o inferno com a hereditariedade!

– Filipp Filíppovitch, o senhor é uma sumidade de fama mundial, e por causa de um, desculpe a expressão, filho de uma cadela... Ora, como poderiam atingi-lo?

– Razão a mais para não fazer – replicou Filipp Filíppovitch, com ar pensativo, detendo-se para observar o armário envidraçado.

– Mas por quê?

– Porque o senhor não é uma sumidade de fama mundial.

– Longe disso...

– Pois então. Mas abandonar um colega em caso de catástrofe e pular fora em nome da fama mundial, vai me desculpar... Sou um universitário de Moscou, não um Bolinhov.

Filipp Filíppovitch estufou o peito com altivez e ficou parecendo um antigo rei de França.

– Ora, Filipp Filíppovitch... – exclamou acabrunhado Bormental – então, o quê? Agora o senhor vai esperar até conseguir fazer desse arrua-ceiro um homem?

Filipp Filíppovitch interrompeu-o com um gesto de mão, serviu-se de conhaque, bebeu de um trago, chupou uma rodela de limão e retomou:

– Ivan Arnóldovitch, o senhor acha que eu entendo alguma coisa de anatomia e de fisiologia, digamos, do aparelho cerebral humano? Qual sua opinião?

– Que pergunta, Filipp Filíppovitch! – respondeu Bormental, imbuído do mais elevado sentimento, e ficou sem saber o que dizer.

– Muito bem. Sem falsa modéstia. Eu também acredito não ser dos piores da área em Moscou.

– Pois eu acredito que o senhor é o melhor não só de Moscou, mas também de Londres e de Oxford! – atalhou impetuosamente Bormental.

– Bom, que seja. Então ouça o que tenho a dizer, futuro professor Bormental: ninguém logrará êxito nisso. Está acabado. Nem adianta perguntar. Todos concordarão comigo, imagine, Preobrajénski disse. *Finita*<sup>52</sup>. Klim! – exclamou Filipp Filíppovitch num tom repentinamente solene, e

52. Em italiano transliterado, no original: “E ponto final”.

o armário respondeu-lhe com um tinido. – Klim! – ele repetiu. – Aí está, Bormental, o senhor é o primeiro aluno de minhas classes e, além disso, é meu amigo, como pude me convencer hoje. E é ao amigo que falarei em segredo, e tenho certeza de que não irá zombar de mim, mas o burro velho Preobrajénski saiu-se como um terceiro anista nessa operação. É verdade, houve uma descoberta, o senhor mesmo sabe, e que descoberta – desconsolado, Filipp Filíppovitch apontou com ambas as mãos a cortina da janela, aludindo evidentemente a Moscou –, mas tenha sempre presente uma coisa, Ivan Arnóldovitch, o único resultado dessa descoberta será que de agora em diante teremos o tal Bolinhov nas costas – nisso Preobrajénski deu umas palmadas no próprio pescoço endurecido e propenso à paralisia –, mas pode ficar descansado! Se alguém – prosseguiu voluptuosamente Filipp Filíppovitch – me derrubasse no chão e me desse umas chicotadas, juro, eu pagaria até cinquenta rublos... “De Sevilha a Granada...” O diabo que me carregue... Passei cinco anos extraindo hipófises de cérebros... O senhor sabe o trabalho que me deu, é inconcebível. E agora a questão se coloca: para quê? Para num belo dia transformar um cão muito simpático nessa nulidade, que nos deixa de cabelos em pé.

– É algo fora do comum...

– Concordo plenamente com o senhor. Aí está, doutor, o que acontece quando o pesquisador, ao invés de seguir às apalpadelas e par e passo com a natureza, extrapola tudo e levanta o véu! Pronto, tome um Bolinhov, engula-o e faça bom proveito.

– Filipp Filíppovitch, e se o cérebro fosse o de um Spinoza?<sup>53</sup>

– Pois sim! – rugiu Filipp Filíppovitch. – Pois sim! Desde que o infeliz cachorro não morresse em minhas mãos, o senhor mesmo viu que espécie de operação foi essa. Resumindo, eu, Filipp Filíppovitch, nunca fiz nada mais difícil na vida. Pode-se transplantar a hipófise de um Spinoza como a de outro pobre diabo qualquer e fazer de um cachorro uma criatura do mais alto valor. Mas para que diabo? – pergunto. Quer me dizer de que serve fabricar um Spinoza, se qualquer mulher poder trazer um ao mundo? Até madame Lomonóssov teve seu ilustre rebento<sup>54</sup> em Kholmódori da forma mais natural! Doutor, a humanidade se encarrega disso e,

53. Baruch (Benedict) Spinoza (1632-1677), filósofo holandês.

54. Referência a Mikhail Vassílievitch Lomonóssov (1711-1765), filósofo, cientista, escritor e ensaísta russo, espécie de “sábio da Renascença”.

graças à evolução, cria todos os anos, separando diligentemente da massa de nulidades, dezenas de notáveis gênios para ornar o globo terrestre. Agora o senhor entende porque rejeito sua conclusão no relatório médico de Bolinhov. Minha descoberta, o diabo que me carregue, essa descoberta que para o senhor tornou-se uma obsessão, não vale um copeque furado... Sem discussão, Ivan Arnóldovich, eu já compreendi tudo. Nunca falo à toa, sabe muito bem. Teoricamente a coisa é interessante, está certo. Os fisiologistas ficarão nas nuvens... Moscou anda nessa loucura toda... Bem, e na prática? O que tem diante de si? – Preobrajénski apontou um dedo para o consultório onde Bolinhov dormia.

– Um velhaco de marca maior!

– Mas quem é ele? É Klim, Klim! – gritou o professor. – Klim Tchugúnkin! – Bormental ficou boquiaberto. – Veja só: duas condenações, alcoolismo, “divisão geral dos bens”, desaparecimento de um gorro e de vinte rublos. – Nisso, Filipp Filíppovitch lembrou-se da bengala do jubileu e ficou rubro. – Um sem-vergonha, um porcalhão... Bom, a bengala eu hei de recuperar. Em síntese, a hipófise é uma câmara secreta que determina a personalidade do indivíduo. Do indivíduo!... “De Sevilha a Granada...” – berrava Filipp Filíppovitch, revirando os olhos como um louco. – E não de toda humanidade! É o próprio cérebro em miniatura! Mas para mim não tem serventia, atiraria aos porcos. Minha preocupação era bem outra: a eugenia, o aperfeiçoamento da espécie humana. E fui parar no rejuvenescimento! Não pense que é só por dinheiro que os realizo. Apesar de tudo, continuo sendo um cientista.

– Um grande cientista, isto sim – disse Bormental, tomando um gole de conhaque. Seus olhos ficaram injetados de sangue.

– Eu pretendia fazer uma pequena experiência quando, há dois anos atrás, obtive pela primeira vez da hipófise um extrato de hormônio sexual. E ao invés disso, no que foi dar, meu Deus do céu! O que tem desses hormônios na hipófise, ó Senhor... Perdi toda esperança, doutor, juro, estou desnorteado.

Bormental arregaçou as mangas sem demora e disse, entortando os olhos para a ponta do nariz:

– Então é o seguinte, caro mestre: se o senhor não quiser, eu mesmo, por meu próprio risco, posso dar arsênico para ele. Pouco importa se meu pai era juiz de instrução. Afinal, não passa de um ser que o senhor criou em laboratório.

Filipp Filíppovitch arrefeceu, relaxou e deixou-se cair na poltrona.

– Não, não permitirei que o faça, meu rapaz. Tenho sessenta anos e posso lhe dar conselhos. O crime não compensa. Envelheça com as mãos limpas.

– Ora, Filipp Filíppovitch, e se Schwonder continuar a influenciá-lo, o que será dele? Santo Deus, só agora eu começo a compreender o que poderá sair desse Bolinhov!

– E então? Só agora? Eu compreendi dez dias depois da operação. E saiba que Schwonder é o principal idiota nisso tudo. Não entende que para ele Bolinhov representa um perigo muito maior do que para mim. Bem, agora ele tenta de todas as maneiras atirá-lo contra mim, sem se dar conta de que, se outra pessoa, por sua vez, açular Bolinhov contra o próprio Schwonder, dele não sobrarão nem os ossos.

– Não é de admirar, basta pensar nos gatos! Um homem com um coração de cachorro.

– Oh, não, não – respondeu Filipp Filíppovitch com voz arrastada –, o senhor está cometendo um grande erro, doutor, pelo amor de Deus, não difame os cães. Quanto aos gatos, isso é temporário... Questão de disciplina e de duas ou três semanas. Asseguro-lhe. Mais alguns meses e ele deixará de persegui-los.

– E por que não agora?

– Na realidade, Ivan Arnóldovitch, sua pergunta é elementar. A hipófise não funciona sozinha. Foi transplantada no cérebro do cão e precisa ser assimilada. Agora, Bolinhov já manifesta apenas resquícios de sua natureza canina, e saiba que a aversão a gatos é a melhor coisa que ainda lhe resta. E o mais horrível disso tudo é que ele já não tem um coração de cachorro, mas humano. Por sinal, dos mais abjetos que existem na natureza.

No auge da exasperação, Bormental cerrou os punhos fortes e ossudos, encolheu os ombros e afirmou:

– Está decidido. Vou matá-lo.

– Eu o proíbo – replicou categórico Filipp Filíppovitch.

– Mas deixe que...

De repente, Filipp Filíppovitch pôs-se de sobreaviso, levantou um dedo.

– Espere... Parece que ouvi passos.

Ambos aguçaram os ouvidos, mas o apartamento permanecia em silêncio.

– Foi impressão – disse Filipp Filíppovitch e, prosseguiu com entusiasmo em alemão. De vez em quando, em sua fala ecoava a palavra “crime” em russo.

– Um instante – Bormental teve um repentino sobressalto e foi até a porta. Agora os passos ressoavam nitidamente e se aproximavam do gabinete. Além disso, uma voz sussurrava com insistência. Bormental escancarou a porta e recuou estarecido. Filipp Filíppovitch, completamente pasmo, ficou pregado na poltrona.

No quadrilátero iluminado do corredor, Dária Petrovna surgiu de camisola com uma expressão bélica no rosto em chamas. Tanto o médico como o professor ficaram deslumbrados com a opulência daquele corpo vigoroso que, na hora do susto, pareceu-lhes completamente despido. Em seus braços robustos, Dária Petrovna arrastava algo e esse “algo”, resistindo, assentava-se no próprio traseiro, enquanto as pernas curtas, cobertas de pelos negros, tentavam se firmar no soalho. Constatou-se então que esse “algo” era nada mais nada menos que Bolinhov, totalmente fora de si, meio bêbado ainda, desgrenhado e só de camisola.

Dária Petrovna, imponente em sua nudez, sacolejou Bolinhov como um saco de batatas e fez o seguinte pronunciamento:

– Senhor professor, dê só uma olhada no nosso hóspede Telegraf Telegráfovitch! Eu fui casada, mas Zina é moça donzela. Foi sorte eu ter acordado.

Terminado o discurso, Dária Petrovna percebeu o próprio estado, soltou um grito, cobriu o peito com as mãos e bateu em retirada.

– Dária Petrovna, desculpe, pelo amor de Deus – gritou-lhe às costas Filipp Filíppovitch todo vermelho, depois de voltar a si.

Bormental arregaçou ainda mais as mangas da camisa e avançou para Bolinhov. Ao perceber o olhar do médico, Filipp Filíppovitch ficou aterrado.

– Não faça isso, doutor! Eu o proíbo...

Bormental agarrou Bolinhov pelo cangote com a mão direita e deu-lhe umas sacudidas tão violentas que o pano da camisola rasgou atrás e, na frente, um botão da gola saltou longe.

Filipp Filíppovitch foi logo apartar, tentando salvar Bolinhov das garras do cirurgião.

– O senhor não tem o direito de me bater! – berrava meio sufocado Bolinhov, caindo por terra e recuperando-se da bebedeira.

– Doutor! – vociferou Filipp Filíppovitch.

Bormental foi voltando a si e largou Bolinhov, que, no ato, começou a choramingar.

– Está bem – sibilou Bormental –, vamos esperar até amanhã. Vou armar um escândalo com ele quando o pileque tiver passado.

Daí, agarrou Bolinhov por debaixo dos braços e arrastou-o para dormir na sala-de-espera.

Bolinhov ainda tentou dar uns coices, mas os pés não lhe obedeciam.

Filipp Filíppovitch afastou as pernas, separando com isso as abas do roupão azulado, ergueu braços e olhos para a lâmpada do teto do corredor e disse:

– É o cúmulo...

## IX

Entretanto, o escândalo com Bolinhov, prometido pelo doutor Bormental, não chegou a acontecer, porque na manhã seguinte Poligraf Poligráfovitch sumiu de casa. Bormental mergulhou num desespero violento, xingou-se de burro por não ter escondido a chave da porta do prédio, gritou que era imperdoável, e acabou desejando que Bolinhov fosse atropelado por um ônibus. Filipp Filíppovitch permanecia sentado no gabinete, os dedos enterrados nos cabelos, dizendo:

– Imagino o que não vai aprontar na rua... Só imagino. “De Sevilha a Granada...” Santo Deus!

– Pode estar no comitê de moradia – enfureceu-se Bormental, correndo para lá.

No comitê de moradia, o médico teve uma briga tão feia com o presidente Schwonder, que este sentou-se para redigir uma denúncia ao tribunal popular do bairro de Khamovnícheski, gritando ao mesmo tempo que não era ele o guardião do pupilo do professor Preobrajénski, tanto mais que ainda na véspera demonstrara ser um tremendo canalha ao pegar sete rublos do comitê com a desculpa de comprar manuais na Cooperativa.

Fiódor, que recebeu três rublos pela incumbência, vasculhou o prédio inteiro de alto a baixo, não encontrando nem sombra de Bolinhov.

Apurou-se apenas que Poligraf tinha escapulado ao amanhecer, com boné, cachecol e sobretudo, levando consigo todos os documentos, uma garrafa de aguardente de sorva surrupiada do bufê e as luvas do doutor Bormental. Dária Petrovna e Zina manifestaram sem qualquer restrição

uma alegria ruidosa e a esperança de que Bolinhov não mais voltasse. Na véspera, ele tomara emprestado de Dária Petrovna três rublos e meio.

– Bem feito! – rugia Filipp Filíppovitch, brandindo os punhos. O telefone tocava sem parar o dia inteiro e no outro também, os médicos atendiam uma quantidade inusitada de pacientes, mas no terceiro dia, por fim, chegaram à conclusão de que era preciso avisar à polícia, para que ela investigasse o paradeiro de Bolinhov no turbilhão moscovita.

E nem tinham terminado de pronunciar a palavra “polícia”, a quietude de igreja da travessa Óbukhov foi rompida pelo ladrido de um caminhão e as janelas do prédio estremeceram. Depois, um toque firme de campainha e Poligraf Poligráfovitch entrou com uma circunspeção fora do comum, tirou o boné sem dizer palavra, pendurou o sobretudo no cabide e surgiu em sua nova aparência. Vestia uma jaqueta de couro usada, calças surradas também de couro e botas inglesas de cano longo amarradas até os joelhos. Um insuportável cheiro de gatos invadiu a entrada. Como que a um sinal, Preobrajénski e Bormental, os braços cruzados no peito, plantaram-se no limiar da porta à espera das primeiras explicações de Poligraf Poligráfovitch. Este, por sua vez, deu uma alisada nos cabelos espetados, pigarreou e olhou ao redor de um jeito que tornava evidente seu desejo de esconder o próprio embaraço sob o manto da desenvoltura.

– Eu, Filipp Filíppovitch – conseguiu finalmente dizer –, arranjei um emprego.

Os dois médicos emitiram um ruído gutural, vago, ríspido e estremeeceram. Preobrajénski recobrou-se primeiro, estendeu a mão e disse:

– Passe o papel.

Estava impresso: “O portador deste, camarada Poligraf Poligráfovitch Bolinhov, exerce efetivamente a função de chefe da Subseção de Captura de Animais Vadios (gatos e similares) da Cidade de Moscou junto ao Departamento МККХ”<sup>55</sup>.

– Como assim – disse Filipp Filíppovitch num tom grave –, quem foi que lhe arranjou? Ah, pensando bem, sou capaz de adivinhar.

– Schwonder, ora bolas – respondeu Bolinhov.

– Quer me dizer que cheiro repugnante é este que vem do senhor? Bolinhov farejou a jaqueta preocupado.

55. Sigla do Departamento de Serviços Comuns de Moscou.

– É mesmo, está fedendo... claro: são os odores do ofício. Ontem esganamos um gato atrás do outro.

Filipp Filíppovitch estremeceu e encarou Bormental. Os olhos do médico lembravam duas bocas negras de trabuco, apontadas fixamente para Bolinhov. Sem rodeios, ele se aproximou de Poligraf, agarrando-o pelo pescoço com agilidade e firmeza.

– Socorro! – piou Bolinhov, perdendo a cor.

– Doutor!

– Não pretendo fazer mal, Filipp Filíppovitch, não se preocupe – replicou Bormental com voz metálica, pondo-se a berrar: – Zina! Dária Petrovna!

Ambas apareceram na entrada.

– Vamos, repita – disse Bormental e apertou de leve a garganta de Bolinhov, empurrando-o contra os casacos de peles do cabide –, peço desculpas...

– Está bem, eu repito – respondeu Bolinhov com a voz rouca e completamente derrotado. Num repente, respirou fundo, deu um arranço e tentou gritar “socorro”, mas o grito não saiu e sua cabeça afundou de vez nas peles.

– Doutor, eu lhe imploro!

Bolinhov fez um sinal com a cabeça, dando a entender que fora rendido e ia repetir.

– ... Peço desculpas, minha cara Dária Petrovna e Zinaída...

– Prokófievna – assoprou Zina, morta de pavor.

– Uf, Prokófievna... – falava Bolinhov meio sufocado e mais rouco.

– ... por ter me permitido...

– ... permitido...

– ... o ataque indecente de ontem à noite em estado de embriaguês...

– ... de embriaguês...

– Não vou fazer nunca mais...

– Nunca ma...

– Solte, solte-o, Ivan Arnóldovitch – as mulheres começaram a implorar em uníssono –, vai esganá-lo!

Bormental deixou Bolinhov em liberdade e perguntou:

– O caminhão está a sua espera?

– Não – respondeu recatadamente Poligraf –, ele só veio me trazer.

– Zina, dispense o motorista. E o senhor preste atenção no seguinte: pretende voltar ao apartamento de Filipp Filíppovitch?

– E para onde mais iria?! – secundou intimidado, olhando a esmo.

– Perfeito. De agora em diante, bico calado e não saia da linha. Do contrário, vai ter que se ver comigo. Entendeu bem?

– Entendi – respondeu Bolinhov.

Durante o entrevero contra Bolinhov, Filipp Filíppovitch não abriu a boca. Um tanto penalizado, ele estava encolhido junto ao batente da porta e roía as unhas, olhos fitos no chão. Depois, levantou-os repentinamente para Bolinhov e perguntou com voz neutra, de autômato:

– O que vocês fazem com esses... com os gatos que matam?

– Viram peliças – respondeu Bolinhov –, imitação de esquilo, saem como água no Crédito Operário.

Depois disso, a tranquilidade foi restabelecida no apartamento e prolongou-se por dois dias. Pela manhã, Poligraf Poligráfovitch partia no caminhão barulhento, aparecia no fim da tarde e jantava em silêncio na companhia de Filipp Filíppovitch e Bormental. Apesar do médico e Bolinhov dormirem no mesmo cômodo, a sala de espera, um não conversava com o outro e Bormental foi o primeiro a se aborrecer com a situação.

Cerca de dois dias mais tarde, apareceu ali uma senhorita magricela de olhos pintados e meias cor de creme, que se mostrou muito intimidada com a suntuosidade do apartamento. Metida num casaquinho surrado, ela viera seguindo Bolinhov quando, na entrada, deu de cara com Preobrajénski.

Perplexo, o professor deteve-se, apertou os olhos e perguntou:

– De que se trata?...

– Caso-me com ela, é a nossa datilógrafa, vai morar comigo. Bormental deve ser despejado da sala de espera, ele tem o apartamento dele – explicou Bolinhov carrancudo e extremamente agressivo.

Filipp Filíppovitch piscou os olhos, refletiu, encarando a moça que enrubescera, e convidou-a com muita cortesia:

– Peço-lhe que venha até meu gabinete um instante.

– E eu vou junto – disse rápido e desconfiado Bolinhov.

No mesmo instante, o resolutivo Bormental apareceu como num passe de mágica.

– Sinto muito – disse –, enquanto o professor estiver conversando com a senhorita, nós ficaremos aqui.

– Eu não quero – protestou Bolinhov com raiva, tentando correr atrás da moça quase morta de medo e de Filipp Filíppovitch.

– Não, com licença – Bormental puxou Bolinhov pela mão e foram ambos para o consultório.

Durante uns cinco minutos ruído algum chegava do gabinete quando, de repente, o som abafado do choro da moça fêz-se ouvir.

Filipp Filíppovitch estava de pé junto à mesa e a moça soluçava num lençinho de renda encardido.

– O canalha me disse que tinha sido ferido em combate – soluçava a moça.

– Mentira – revidava inflexível Filipp Filíppovitch. Meneou a cabeça e prosseguiu: – Lamento sinceramente pela senhora, mas também não deve ir assim com o primeiro que encontra só porque tem um emprego... É vergonhoso, minha filha. Deixe ver...

Abriu a gaveta da escrivaninha e puxou três notas de dez rublos.

– Ainda acabo envenenada – chorava a moça –, no refeitório tem charque todos os dias... e ameaça, diz que é um comandante vermelho... você vai viver comigo, diz ele, num apartamento de luxo... banquetes todo santo dia... tenho boa índole, diz, só detesto gatos... Chegou a ficar com meu anel de lembrança...

– Ora vejam, boa índole, sei, “De Sevilha a Granada” – resmungou Filipp Filíppovitch. – Tem que suportar as vicissitudes, parece tão moça ainda...

– Nesta mesma entrada de portão, será possível?

– Tome o dinheiro, é um empréstimo – vociferava Filipp Filíppovitch.

Em seguida, as portas foram solenemente abertas de par em par e, a convite de Filipp Filíppovitch, Bormental introduziu Bolinhov. Poligraf entrou com olhos fugidios, os pelos espetados na cabeça, feito escova.

– Seu patife – disse a moça, lançando chispas dos olhos vermelhos e lambuzados de lágrimas que tinham sulcado o pó de arroz até a ponta do nariz.

– Tenha a bondade de explicar à senhorita aqui, de onde vem a cicatriz de sua testa – intimou Filipp Filíppovitch num tom insinuante.

Bolinhov jogou para estourar a banca:

– Fui ferido no *front* de Koltchak – latiu ele.

A moça levantou-se e, num choro desatado, foi saindo.

– Chega! – gritou-lhe às costas Filipp Filíppovitch. – Espere! O anelzinho, por favor – disse, dirigindo-se a Bolinhov.

Submisso, ele tirou do dedo um anelzinho com uma esmeralda falsa.

– Se é assim, como queira – disse ele furibundo –, ainda tenho uma surpresinha para você. Amanhã, vou promover uma redução dos quadros.

– Não tenha medo dele – gritou-lhe Bormental –, não o deixarei fazer nada. – Virou-se e encarou Bolinhov com tal expressão, que este foi recuando até bater com a nuca no armário.

– Qual é o sobrenome dela? – perguntou Bormental juntinho dele. – O sobrenome!!! – urrou de repente, bravo e ameaçador.

– Vasnetsova – respondeu Bolinhov, procurando uma saída com os olhos.

– Todos os dias – disse Bormental agarrado à lapela da jaqueta de Bolinhov –, eu mesmo irei me informar na Captura se não despediram a cidadã Vasnetsova. E se eu souber que o senhor... que foi despedida, eu... eu lhe dou um tiro, aqui mesmo, com minhas próprias mãos! Tome cuidado, Bolinhov, estou falando com todas as letras!

Sem se furtar, Bolinhov olhava para o nariz de Bormental.

– Eu também posso arranjar um revólver... – murmurou Poligraf, mas sem muita convicção, e, de repente, deu um jeito de safar-se, disparando para a porta.

– Tome cuidado! – ecoou atrás dele o grito de Bormental.

Durante essa noite e metade do dia seguinte uma nuvem carregada pairava sobre o apartamento, como prenúncio de tempestade. Porém ninguém dizia nada. E eis que no outro dia, quando Poligraf Poligráfovitch, que logo cedo fora picado por um pressentimento ruim, saía de caminhão todo acabrunhado para ir ao serviço, o professor Preobrajénski recebeu totalmente fora de hora um de seus antigos pacientes, um homem corpulento e alto de uniforme militar. O recém chegado insistia numa consulta e acabou conseguindo. Ao entrar no gabinete, bateu os tacões em sinal de cortesia.

– Voltaram as dores, meu caro? – perguntou Filipp Filíppovitch, visivelmente emagrecido. – Sente-se, por favor.

– *Merci*<sup>56</sup>. Não, professor – respondeu o visitante, pousando o quepe num canto da mesa –, sou-lhe muito reconhecido. Hm... Vim tratar de

56. Em francês transliterado, no original.

outra coisa, Filipp Filíppovitch... dada a grande estima que tenho pelo senhor... hm... Vim preveni-lo. Deve ser uma bobagem, obviamente. Trata-se de um velhaco... – O paciente vasculhou na pasta e tirou um papel. – A sorte é que informaram diretamente a mim...

Filipp Filíppovitch acavalou o *pince-nez* sobre os óculos e pôs-se a ler. Durante um bom tempo, ele resmungou para si mesmo, mudando de cor a cada instante.

“... bem como ameaçando de morte o presidente do Comitê de Moradia, camarada Schwonder, prova esta de que tem arma de fogo em seu poder. Outrossim, costuma fazer declarações contrarrevolucionárias, e chegou a dar ordens expressas à social-empregada da casa, Zinaída Prokófievna Búnina, de queimar Engels no fogão, revelando deste modo evidentes tendências mencheviques a par de seu assistente, Ivan Arnóldovitch Bormental, que mora clandestinamente no mesmo apartamento, em não estando ali devidamente registrado. Assinado: Chefe da Subseção de Captura P. P. Bolinhov. Testemunhas: Presidente do Comitê de Moradia *Schwonder*, secretário *Pestrúkhin*.”

– Poderia deixar este papel comigo? – perguntou Filipp Filíppovitch, tingindo-se de vermelho. – Ou talvez, desculpe, o senhor precise dele para dar andamento legal à questão?

– Perdão, professor – respondeu muito ofendido o paciente, inflando as narinas –, na certa o senhor nos subestima. Eu... – E nisso ele estufou o peito como um peru.

– Então mil desculpas, mil desculpas, meu caro – pôs-se a murmurar Filipp Filíppovitch –, queira me desculpar, juro, não era intenção minha ofendê-lo.

– Papéis nós sabemos ler, Filipp Filíppovitch!

– Não se zangue, meu caro, é que ele tem me dado tantos aborrecimentos...

– Entendo – acalmou-se o paciente –, mas de qualquer modo, é sórdido demais! Seria curioso dar uma olhada nele. Em Moscou circulam certas lendas a respeito do senhor.

Filipp Filíppovitch limitou-se a um gesto de impotência com a mão. Daí o paciente percebeu que nos últimos tempos o professor tornara-se encurvado e até seus cabelos tinham embranquecido.

Como sempre acontece, o crime amadureceu e despencou feito uma pedra. Poligraf Poligráfovitch voltou de caminhão para casa, o coração apertado no peito. A voz de Filipp Filíppovitch chamou-o para o consultório. Surpreso, Bolinhov entrou e, dominado por um medo obscuro, lançou um olhar para a cara de cospe-fogo do médico, e depois para Filipp Filíppovitch. Uma nuvem pairava ao redor do assistente e sua mão esquerda com um cigarro tremelicava, pousada no braço reluzente da poltrona ginecológica.

Foi com uma calma bem sinistra que Filipp Filíppovitch disse:

– Agora pegue suas coisas, calças, casaco, todos os seus pertences, e dê o fora daqui.

– Como é que é? – perguntou Bolinhov sinceramente admirado.

– Fora daqui hoje mesmo – repetiu monotonamente Filipp Filíppovitch, examinando as unhas com os olhos apertados.

Um espírito maléfico apoderou-se de Poligraf Poligráfovitch. Era evidente que a ruína já o espreitava e o destino vinha ao seu encalço. Ele mesmo lançou-se nos braços do inexorável e rosnou raivoso, aos soquinhos:

– Mas que história é esta? Será que para os senhores a justiça não existe? Aqui eu ocupo os meus onze metros quadrados e continuarei ocupando.

– Saia do apartamento – sussurrou Filipp Filíppovitch com voz estrangulada.

Foi o próprio Bolinhov a cavar sua morte. Levantou a mão esquerda, cheia de mordidas, com aquele cheiro insuportável de gatos, e endereçou uma figa<sup>57</sup> a Filipp Filíppovitch. No mesmo instante, com a mão direita, sacou do bolso um revólver que apontou para o perigoso Bormental. O cigarro do médico riscou o ar como uma estrela cadente, e dali a pouco, Filipp Filíppovitch pulava horrorizado sobre os cacos de vidro, abalando-se do armário para o canapé. Ali, rendido e estertorante, jazia o chefe da Subseção de Captura, enquanto o cirurgião Bormental, montado em seu peito, sufocava-o com um tampão branco de algodão.

Alguns instantes mais tarde, o doutor Bormental, com o rosto transfigurado, ia até a porta do apartamento e colava um aviso ao lado do botão da campainha:

57. Gesto extremamente ofensivo para um russo.

*Hoje as consultas estão suspensas devido a uma indisposição do professor. Roga-se não incomodar.*

Cortou os fios da campainha com um canivete brilhante, examinou no espelho o rosto sangrando de arranhões e as mãos esfoladas, que tremiam ligeiramente. Em seguida, apareceu na porta da cozinha e disse a Zina e Dária Petrovna, que se mostravam muito apreensivas:

– O professor pede que não saiam de casa de jeito nenhum.

– Está bem – responderam intimidadas Zina e Dária Petrovna.

– Sinto muito, mas tenho que trancar a porta de serviço e levar a chave comigo – pôs-se a dizer Bormental, mantendo-se à sombra da porta e cobrindo o rosto com a mão. – É só por um tempo, e não se trata de desconfiança. Mas se vem alguém, vocês não resistem e abrem a porta, não podemos ser incomodados, estamos trabalhando.

– Está bem – responderam as mulheres, empalidecendo na mesma hora. Bormental trancou a porta de serviço, pegou a chave, trancou a da frente, trancou a porta do corredor e seus passos desapareceram no consultório.

O silêncio tombou sobre o apartamento, invadindo todos os cantos. Instalou-se um lusco-fusco desagradável, alarmante, ou seja, a escuridão.

É verdade que, mais tarde, os vizinhos do outro prédio comentavam que nessa noite as janelas do consultório de Preobrajénski, que davam para o pátio, teriam ficado iluminadas e que até o gorro branco do professor em pessoa eles teriam visto... O difícil é comprovar. Também é verdade que, tudo terminado, Zina andou tagarelando que quase morrera de medo ao ver Ivan Arnóldovitch perto da lareira do gabinete, depois de ter saído do consultório junto com o professor. Dizia-se que ele estava de cócoras no gabinete, ocupado em queimar na lareira um caderno de capa azul, daqueles que eram usados para relatório médico dos pacientes do professor. O rosto de Bormental, então, estaria completamente verde e todo, mas todo mesmo... lanhado de arranhões. E nessa noite, nem Filipp Filíppovitch parecia ser o mesmo. E dizia-se mais... Por outro lado, pode ser também que a moça donzela do apartamento da Pretchístenka estivesse mentindo...

Só de uma coisa se tem certeza: nessa noite reinava no apartamento um silêncio absoluto e aterrador.

## EPÍLOGO

Uma noite, exatamente dez dias após a batalha travada no consultório, um toque estrídulo de campainha ecoou no apartamento do professor Preobrajénski, ali na travessa Óbukhov. As vozes atrás da porta deixaram Zina mortalmente assustada:

– Divisão de Homicídios e Investigações. Favor abrir.

Passos apressados, portas batendo, então eles começaram a entrar e na sala de espera toda iluminada e com as estantes novamente envidraçadas apareceu um mundo de gente. Dois homens em uniforme da polícia, um de sobretudo preto com uma pasta, o presidente Schwonder, pálido e mal encarado, o moço-moça, o porteiro Fiódor, Zina, Dária Petrovna, e Bormental, que não acabara de se vestir e cobria pudicamente o pescoço sem a gravata.

A porta do gabinete deu passagem a Filipp Filíppovitch. Ele surgiu no seu sobejamente conhecido roupão azulado e, no ato, todos puderam constatar que o professor tinha se recuperado bem na última semana. O Filipp Filíppovitch de sempre, autoritário e enérgico, cheio de dignidade, apresentou-se diante dos visitantes noturnos, desculpando-se por recebê-los naqueles trajes.

– Não se dê ao incômodo, professor – retrucou o policial à paisana com grande embaraço e, depois de titubear, começou: – É muito desagradável. Temos um mandado de busca em seu apartamento e – o homem fitou de esguelha os bigodes de Filipp Filíppovitch e chegou aonde devia – de prisão, dependendo dos resultados.

Filipp Filíppovitch apertou os olhos e perguntou:

– Poderia saber qual é a acusação e contra quem?

O homem coçou a bochecha e pôs-se a ler um papel tirado da pasta.

– Preobrajénski, Bormental, Zinaída Búnina e Dária Ivanova são acusados do homicídio do chefe da Subseção de Captura da МКК., Poligraf Poligráfovitch Bolinhov.

Os soluços de Zina encobriram suas palavras finais. Houve um rebuliço.

– Não estou entendendo nada – disse Filipp Filíppovitch, estufando o peito como um rei –, de que Bolinhov se trata? Ah, desculpe, é do meu cachorro... aquele que eu operei?

– Perdão, professor: não era mais um cachorro, já era um homem. Aí está a questão.

– Só porque ele falava? – perguntou Filipp Filíppovitch. – Não significa ainda que era um homem. Aliás, isso não tem a menor importância. Bolinha continua vivo e ninguém o matou absolutamente.

– Professor – começou o homem de preto, pego de surpresa e erguendo as sobrancelhas –, neste caso, ele deve se apresentar. É o décimo dia de desaparecimento e, o senhor me desculpe, em circunstâncias muito suspeitas.

– Doutor Bormental, queira trazer Bolinha à presença do inspetor –, ordenou Filipp Filíppovitch, apoderando-se do mandado.

O doutor Bormental deu um sorriso amarelo e retirou-se. Quando de volta, assobiou e atrás dele, vindo da porta do gabinete, pulou um estranho exemplar canino. Era um cão pelado com manchas onde o pêlo estava crescendo. Entrou sobre as patas traseiras, como um animal amestrado de circo, depois ficou de quatro e olhou ao redor. Um silêncio de morte adensou-se como geléia na sala. O cão, horrível de se ver e com uma cicatriz rubra na testa, tornou a se erguer sobre as patas traseiras e, sorrindo, sentou-se na poltrona.

No ato, o segundo policial persignou-se de modo exagerado e, ao recuar bruscamente, acabou pisando nos dois pés de Zina.

O homem de preto, boquiaberto, disse o seguinte:

– Como pode, quer me dizer?... Ele até trabalhava na Captura...

– Não por recomendação minha – replicou Filipp Filíppovitch –, quem o indicou foi Schwonder, se não me engano.

– Não entendo mais nada – confundiu-se o homem de preto e dirigiu-se ao outro policial. – É ele?

– É – respondeu o policial com um fio de voz. – Ele em pessoa.

– É o próprio – secundou a voz de Fiódor –, só que o pêlo do sem-vergonha voltou a crescer.

– Ele chegou a falar... he... he...

– E ainda fala, mas cada vez menos, de modo que aproveite a ocasião, pois logo ficará completamente mudo.

– Mas por que isso? – indagou em voz baixa o homem de preto.

Filipp Filíppovitch deu de ombros.

– A ciência ainda não descobriu o meio de transformar animais em homens. Eu tentei, mas a coisa falhou, como pode ver. Falou durante um tempo e começou a regredir ao estado primitivo. Atavismo.

– Proibido falar palavrões! – gritou de repente o cão, levantando-se da poltrona.

O homem de preto ficou branco, deixou cair a pasta e foi desabando, o policial amparou-o de um lado e Fiódor por trás. A confusão instalou-se e, na sequência, apenas três frases puderam ser ouvidas com nitidez.

Uma de Filipp Filíppovitch: “Tintura de valeriana. É um desmaio”.

Uma do doutor Bormental: “Se Schwonder tornar a aparecer no apartamento do professor Preobrajénski, irei jogá-lo escada abaixo com minhas próprias mãos.”

E outra de Schwonder: “Solicito que essas palavras sejam registradas em ata.”

As sanfonas cinzentas do aquecimento irradiavam calor. As cortinas cobriam a noite densa da Pretchístenka com sua estrela solitária. A sumidade, o eminente benfeitor da raça canina, estava sentado na poltrona e o cão Bolinha escarrapachado no tapete perto do sofá de couro. Nas manhãs nubladas de março, o cão sentia fortes dores causadas pela cicatriz em volta da cabeça. Mas ao anoitecer, com o calor, elas cediam. E daí, ele ia melhorando, melhorando, e os pensamentos fluíam em sua cabeça lúcidos e reconfortantes.

“Que sorte eu tive, que sorte” – pensava ele, tirando um cochilo – “uma sorte simplesmente indescritível. Consegui me instalar neste apartamento. Estou definitivamente convencido de que existe mistura na minha linhagem. Quem sabe, um terra-nova. Minha avó era uma assanhada, que Deus a tenha, a pobre velhinha. Instalado pra valer. É verdade que por algum motivo retalharam toda minha cabeça, mas antes de casar ela sara. Não vale a pena reclamar.”

De longe vinha o tinir de frascos. O mordido estava arrumando os armários do consultório.

O feiticeiro de cabelos brancos cantarolava em sua poltrona:

– “Às margens sagradas do Nilo...”

O cão via coisas horripilantes. O grande homem mergulhava as mãos enluvadas e escorregadias num recipiente, tirando cérebros para fora. Esse homem obstinado, perseverante, sempre atrás de algum objetivo, dissecava os cérebros, examinava, apertava os olhos e cantava:

– “Às margens sagradas do Nilo...”